

# *Tecendo* *Linhas e* *Afetos:*

**O PIBID DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA  
UERN COMO CAMINHO AUTOFORMATIVO**

**FERNANDA DE OLIVEIRA SILVA**



# *Tecendo Linhas e Afetos:*

**O PIBID DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA  
UERN COMO CAMINHO AUTOFORMATIVO**

**FERNANDA DE OLIVEIRA SILVA**

MOSSORÓ/RN  
2022



**Universidade do Estado do Rio Grande do Norte**

**Reitora**

Cicília Raquel Maia Leite

**Vice-Reitor**

Francisco Dantas de Medeiros Neto

**Diretora de Sistema Integrado de Bibliotecas**

Jocelânia Marinho Maia de Oliveira

**Chefe da Editora Universitária – EDUERN**

Francisco Fabiano de Freitas Mendes

**UERN**



**Conselho Editorial das Edições UERN**

José Elesbão de Almeida

Isabela Pinheiro Cavalcanti Lima

Kalidia Felipe de Lima Costa

Regina Célia Pereira Marques

Maria José Costa Fernandes

José Cezinaldo Rocha Bessa

**Diagramação**

Gabriela Mabel Alves Vieira

**Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

**Catálogo da Publicação na Fonte.**

Silva, Fernanda de Oliveira

Tecendo Linhas e Afetos [recurso eletrônico]: O PIBID de Educação Física na Uern como caminho autoformativo. / Fernanda de Oliveira Silva, Karlla Christine Araújo Souza. - Mossoró, RN: Edições UERN, 2022.

128 p.

ISBN: 978-85-7621-364-2.

1. Educação - PIBID - Educação Física – Uern. I. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. II. Título.

UERN/SIB

CDD 370

**Bibliotecário:** Jocelania Marinho Maia de Oliveira CRB 15 / 319

Editora Filiada á



## *Meus amigos e minhas amigas,*

O Programa de Divulgação e Popularização da Produção Científica, Tecnológica e de Inovação para o Desenvolvimento Social e Econômico do Rio Grande do Norte, pelo qual foi possível a edição de todas essas publicações digitais, faz parte de uma plêiade de ações que a Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Norte (FAPERN), em parceria, nesse caso, com a Fundação Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (FUERN), vem realizando a partir do nosso Governo.

Sempre é bom lembrar que o investimento em ciência auxilia e enriquece o desenvolvimento de qualquer Estado e de qualquer país. Sempre é bom lembrar ainda que inovação e pesquisa científica e tecnológica são, na realidade, bens públicos que têm apoio legal, uma vez que estão garantidos nos artigos 218 e 219 da nossa Constituição.

Por essa razão, desde que assumimos o Governo do Rio Grande do Norte, não medimos esforços para garantir o funcionamento da FAPERN. Para tanto, tomamos uma série de medidas que tornaram possível oferecer reais condições de trabalho. Inclusive, atendendo a uma necessidade real da instituição, viabilizamos e solicitamos servidores de diversos outros órgãos para compor a equipe técnica.

Uma vez composto o capital humano, chegara o momento também de pensar no capital de investimentos. Portanto, é a primeira vez que a FAPERN, desde sua criação, em 2003, tem, de fato, autonomia financeira. E isso está ocorrendo agora por meio da disponibilização de recursos do PROEDI, gerenciados pelo FUNDET, que garantem apoio ao desenvolvimento da ciência, tecnologia e inovação (CTI) em todo o território do Rio Grande do Norte.

Acreditando que o fortalecimento da pesquisa científica é totalmente perpassado pelo bom relacionamento com as Instituições de Ensino Superior (IES), restabelecemos o diálogo com as quatro IES públicas do nosso Estado: UERN, UFRN, UFERSA e IFRN. Além disso, estimulamos que diversos órgãos do Governo fizessem e façam convênios com a FAPERN, de forma a favorecer o desenvolvimento social e econômico a partir da Ciência, Tecnologia e Inovação (CTI) no Rio Grande do Norte.

Por fim, esta publicação que chega até o leitor faz parte de uma série de medidas que se coadunam com o pensamento – e ações – de que os investimentos em educação, ciência e tecnologia são investimentos que geram frutos e constroem um presente, além, claro, de contribuir para alicerçar um futuro mais justo e mais inclusivo para todos e todas!

*Boa leitura e bons aprendizados!*



*Fátima Bezerra*

Governadora do Rio Grande do Norte

# *Parceria*



PELO DESENVOLVIMENTO  
CIENTÍFICO DO RN

A Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Norte (FAPERN) e a Fundação Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (FUERN) sentem-se honradas pela parceria firmada em prol do desenvolvimento científico, tecnológico e de inovação. A publicação deste livro eletrônico (*e-book*) é fruto do esforço conjunto das duas instituições, que, em setembro de 2020, assinaram o Convênio 05/2020–FAPERN/FUERN, que, dentre seus objetivos, prevê a publicação de quase 200 e-books. Uma ação estratégica como fomento de divulgação científica e de popularização da ciência.

Esse convênio também contempla a tradução de *sites* de Programas de Pós-Graduação (PPGs) das Instituições de Ensino Superior do Estado para outros idiomas, apoio a periódicos científicos e outras ações para divulgação, popularização e internacionalização do conhecimento científico produzido no Rio Grande do Norte. Ao final, a FAPERN terá investido R\$ 100.000,00 (cem mil reais) oriundos do Fundo Estadual de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNDET), captados via Programa de Estímulo ao Desenvolvimento Industrial do Rio Grande do Norte (PROEDI), programa aprovado em dezembro de 2019 pela Assembleia Legislativa na forma da Lei 10.640, sancionada pela governadora, professora Fátima Bezerra.

Na publicação dos *e-books*, estudantes de cursos de graduação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) são responsáveis pelo planejamento visual e diagramação das obras. A seleção dos bolsistas ficou a cargo da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE/UERN).

Foram 41 obras submetidas em sete (07) editais, 38 delas serão lançadas. Os editais abrangeram diferentes temáticas assim distribuídas: no Edital 17/2020 - FAPERN, os autores/organizadores puderam inscrever as obras resultantes de suas pesquisas de mestrado e doutorado defendidas junto aos PPGs de todas as Instituições de Ciência, Tecnologia e Inovação (ICTIs) do Rio Grande Norte, bem como coletâneas que foram resultados de trabalhos dos grupos de pesquisa nelas sediados.

No Edital nº 18/2021 - FAPERN, realizou-se a chamada para a publicação de *e-books* sobre o tema “Turismo para o desenvolvimento do Rio Grande do Norte”. No Edital nº 19/2021 - FAPERN, foi inscrita a chamada para a publicação de *e-books* sobre o tema “Educação para a cidadania e para o desenvolvimento do Rio Grande do Norte: relatos de ações exitosas”. No Edital nº 20/2021 - FAPERN, foi realizada a chamada para a publicação de *e-books* sobre o tema «Saúde Pública, desenvolvimento social e cidadania no Rio Grande do Norte: relatos de ações exitosas”. O Edital nº 21/2021 - FAPERN trouxe a chamada para a publicação de *e-books* sobre o tema “Segurança pública, desenvolvimento social e cidadania no Rio Grande do Norte: relatos de ações exitosas”. O Edital nº 22/2021 - FAPERN apresentou a chamada para a publicação de e-books sobre o tema “Pesquisas

sobre o Bicentenário da Independência do Brasil (1822-2022): desdobramentos para o desenvolvimento social e/ou econômico do RN”. O Edital nº 23/2021 – FAPERN realizou a chamada para a publicação de *e-books* sobre o tema “Pesquisas sobre o Centenário da Semana de Arte Moderna (1992-2022) desdobramentos para o desenvolvimento social e/ou econômico do RN”.

Com essa parceria, a FAPERN e a FUERN unem esforços para o desenvolvimento do Estado do Rio Grande do Norte, acreditando na força da pesquisa científica, tecnológica e de inovação que emana das instituições potiguares, reforçando a compreensão de que o conhecimento é transformador da realidade social.

Agradecemos a cada autor(a) que dedicou seu esforço na concretização das publicações e a cada leitor(a) que nelas tem a oportunidade de ampliar seu conhecimento, objetivo final do compartilhamento de estudos e pesquisas.



*Maria Lúcia  
Pessoa Sampaio*

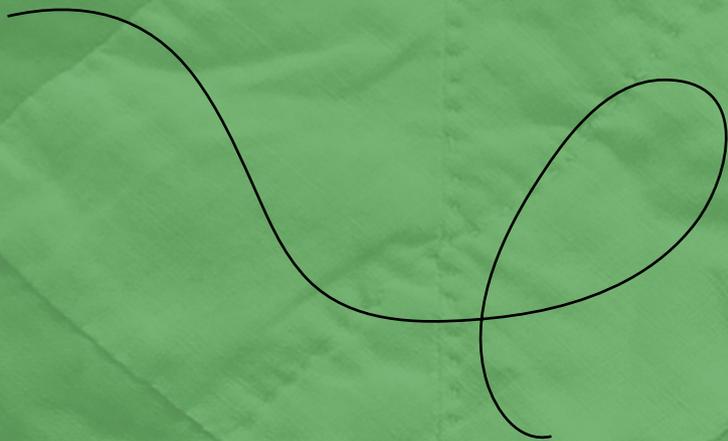
Diretora-Presidente da FAPERN

*Cicília Raquel*

*Maia Leite*

Presidente da FUERN





*Mainha e Painho,*

meus voos e sonhos são principalmente por vocês.



*Obrigada  
por me fazer passarinho!*



~

**D**edicamos este trabalho aos que, assim como nós, acreditam em um mundo melhor por meio de uma educação mais humana e sensível.

~

## *Namastê*

Agradecer sempre se remete a algo. Agradecer pelo alimento, pelo sorriso no rosto, pelas companhias, pelo bom dia bem celebrado, pela paz interior, pela família, pelos amigos, pelas oportunidades, por viver. Gesto que muitas vezes se torna corriqueiro e não sentimos o pulsar dessa expressão. Digo expressão por que nos afeta ao ponto de expressar algo.

Etimologicamente a palavra agradeço vem de “grato”, do Latim *gratus*, que tanto quer dizer “agradecido” como “agradável”.

És então mais do que agradável está aqui agradecendo. Agradecendo pelas experiências que me trouxeram até aqui, pela vida e os ventos que sopraram em minha direção e pelas portas que se abriram e que se fecharam. Gratidão é a palavra do momento.

## PREFÁCIO

Esta obra que ora tenho a honra de preluir “Tecendo Linhas e Afetos: O PIBID de Educação Física na UERN como caminho autoformativo”, é resultado de um longo e criativo processo de pesquisa e formação que se inicia ainda na graduação de Fernanda de Oliveira Silva, no curso de Educação Física do Campus Avançado de Pau dos Ferros na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte CEF/CAPF/UERN. E se completa com a pesquisa que deu origem à sua dissertação de mestrado desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas PPGCISH/UERN, defendida no ano de 2017, quando tive o prestígio de ser a sua orientadora.

Além desse longo processo, o livro espelha questões fulcrais relacionadas à crítica aos paradigmas racionalistas e mecanicistas que fundamentam a ciência e o fazer docente, e centra-se na proeminência da educação como processo de formação e autoformação, na relevância do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência — PIBID enquanto política pública voltada para a iniciação à docência e a sua contribuição na formação dos licenciandos, bem como nas narrativas de si, enquanto processo de pesquisa, formação e autoformação.

O livro foi montado como uma colcha de retalhos e cada um dos capítulos recebe um subtítulo que remete às fases desse montar, desde abrir o baú e deparar-se com velhos retalhos, passando pela escolha das cores e tecidos, até chegar na montagem do todo. Os capítulos são denominados de afetos, uma vez que afetar-se é uma das premissas da educação humanizadora que a pesquisadora alude, abrindo as portas e os baús para uma escrita e uma metodologia transdisciplinares que procuram religar o conhecimento à vida e valoriza uma prática pedagógica fundamentada numa razão sensível e integradora do ser humano, capaz de contribuir na formação de sujeitos afetuosos.

Neste livro, como na vida, Fernanda Silva coloca-se na primeira pessoa, sujeito consciente de si que se narra e transfigura-se diante do leitor. Ela assume as etapas da sua formação de modo dinâmico, introjetando os aspectos do sensível e recompondo a sua trajetória com coerência pessoal. Ela expõe a arte de tornar a si mesma agente do conhecer, do seu viver e de tecer os abraços com as pessoas que fizeram parte do seu percurso.

Adiciano, Anderson, Alvinho, Lígia, Evandro, José Henrique, Fernando, Solange e Otto são afetos importantes na sua formação enquanto professora de Educação Física e foram seus colegas enquanto bolsista do subprojeto PIBID de Educação Física (2012 – 2013), além de serem amigos da autora, foram também colaboradores da pesquisa. É por isso que o final deste texto não poderia deixar de ser a metáfora de um conhecimento que abraça.

Ao longo do texto, dois momentos desses enraizamentos afetivos/formativos se entrecruzam, as memórias das experiências vividas no PIBID e as lições e emoções do reencontro que visava alinhavar consciente e inconscientemente o fio do processo de autoformação. Dessa maneira, vai-se estruturando os capítulos/afetos: o primeiro, “Abrindo o Baú: O reencontro de lembranças, sorrisos e corações”, descreve o reencontro e o método da pesquisa. O segundo, “Tecendo a colcha: Da forma ao aconchego”, baseia-se na abordagem teórica da autoformação e na leitura interpretativa/reflexiva dos poemas escritos pelos sujeitos durante a experiência fenomenológica do reencontro.

Os poemas tiveram como significante central as narrações de vida de cada sujeito e foram construídas durante a formação inicial no PIBID. Neste momento interativo/reflexivo, mais do que repetir histórias do passado, os sujeitos puderam inventar a si mesmos em novas perspectivas e na linguagem poética, identificando os principais momentos da sua autoformação, esse saber que contorna a si mesmo, que faz escolhas e traça caminhos. Neste ato, os sujeitos foram convidados a autorizarem-se a pensar-se e sentir-se de uma nova maneira, graças ao exercício retrospectivo, a beleza do presente e ao olhar do futuro.

No terceiro afeto: “Quando o tecido se abre, o coração abraça”, os colaboradores desta pesquisa, sujeitos em processo de formação contínua, fortaleceram a ideia do PIBID enquanto ambiente formativo que une a escola à universidade e a universidade à escola, que entremeia o si (autoformação), o outro (heteroformação) e o ambiente (ecoformação). Neste ato, produziram pinturas com tecidos e pincéis e deram materialidade aos pedaços de pano que ajudariam a Fernanda Silva finalizar a tessitura da sua colcha de retalhos. Nas palavras da autora: “*Costurei cada tira de retalho e finalmente dei forma ao que, em minha mente, poderia ser um abraço em forma de colcha*”.

Fernanda de Oliveira Silva, bolsista do PIBID e professora de Educação Física concursada na educação básica, evidenciou como as premissas de um projeto de educação baseado na subjetividade — como um dos seus conceitos articuladores — contribui na mobilização dos saberes docentes, dentre eles, os saberes relacionados à própria existência/experiência. Na formação inicial do PIBID o licenciando pode ser colocado no protagonismo docente e em contato com situações adversas, pode tecer a sua identidade docente entremeada com a sua identidade individual e o ambiente social, cultural, político e econômico.

Fernanda torna performativas as experiências construídas na formação inicial docente, bem como a trajetória pessoal dos aprendizes/professores. O PIBID e os seus coordenadores aparecem como uma das principais referências para o futuro professor. Tudo isso está identificado pelos relatos dos bolsistas, pelos documentos, arquivos e fotos do projeto e pela reflexão autoformativa.

Diante dos resultados da pesquisa, constatou-se que as narrações que ligam passado, presente e futuro revelam formas e sentidos múltiplos da identidade pessoal e da identidade docente, bem como maneiras criativas do agir e do viver junto, em que cada um constrói os seus caminhos formativos de modo diverso e plural. Assim, o PIBID foi um elemento formador crucial na trajetória de cada um dos seus bolsistas e futuros professores, influenciando as suas escolhas e tornando possível que os sujeitos se percebessem pela primeira vez como professores.

Gostaria de fazer uma digressão para ressaltar a importância da interface entre narrações de vida e formação no campo educacional. Seguindo a esteira de Marie-Christine Josso, pensar a formação vista pela análise das histórias de vida dos aprendentes traz um sentido singular e coletivo para os projetos de formação. Suscita as formas de solidariedade num cenário político onde, muitas vezes, o fazer docente pode ser visto como perda de valor e dignidade. As colocações e preocupações em comum trazem implicações diferentes em termos do discurso convencional da desvalorização da prática e do saber docente.

O trabalho de Fernanda Silva é analisar essas narrações e destacar as questões de continuidade e ruptura nos projetos de vida e de formação de cada sujeito, tudo guiado pelo viés da reflexão de si, da sensibilidade, da emoção e da criatividade. É também notável perceber as mutações nas vidas singulares e as escolhas liberadoras como possibilidade de desenvolver os próprios recursos e estratégias.

Observa-se no conjunto do trabalho as particularidades da dimensão existencial de cada sujeito, mas também explicita-se a concepção de formação coletiva integradoras das dimensões do si e do ser no mundo. A leitura de imagens e das narrativas biográficas combinadas com o trajeto antropológico da autoformação rendeu ao texto uma perspectiva de formação vista como processo vital e permanente, enquanto tomada de consciência de si e das retroações sobre si, das interações com a outridade e o meio ambiente físico e social.

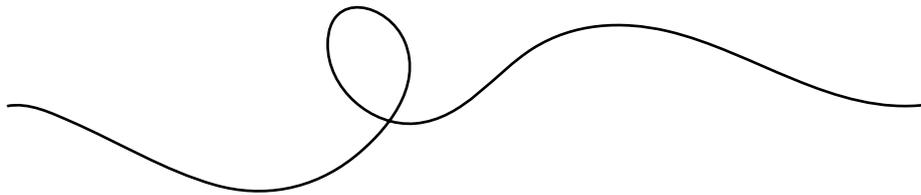
De maneira geral, nas linhas que alinhavam os retalhos dessa colcha, bem como nas linhas que tecem as narrativas de cada sujeito, o que se sobressai é a tomada de consciência de cada sujeito quando assume o poder sobre a sua própria formação e organiza o sentido dado à sua experiência de vida. Portanto, este livro retrata a fusão entre as experiências de si e a experiência da criação científica vivida na intencionalidade poética do ser.

Este livro é precioso para sua autora que com ele cingiu um percurso de formação ininterrupto entre graduação e pós-graduação. Mas também é venerado pela coletividade que o testemunhou e por ele foi agraciada, a licenciatura em Educação Física do CEF/CAPF/UERN da cidade de Pau dos Ferros, em especial aos professores Maria Ione da Silva e Marcos Antônio da Silva coordenadores do subprojeto de Educação Física (2011 – 2013), o projeto institucional PIBID/UERN, o campus de Pau dos Ferros CAPF/UERN, a pós-graduação UERN, mais especificamente o Mestrado Interdisciplinar em Ciências Sociais e Humanas PPGCISH/UERN

do campus de Mossoró e o Grupo de Pesquisa do Pensamento Complexo GECOM/UERN, onde as ideias da dissertação foram germinadas quinzenalmente. Os informantes e estudantes de Educação Física que enriqueceram o repertório da pesquisa com suas narrativas, imagens, poesias e pinturas e fizeram parte de modo afetivo do percurso formativo e autoformativo de Fernanda. Este livro é honestamente tecido em conjunto e está amalgamado por muitos “nós”.

*Karlla Christine Araújo Souza*

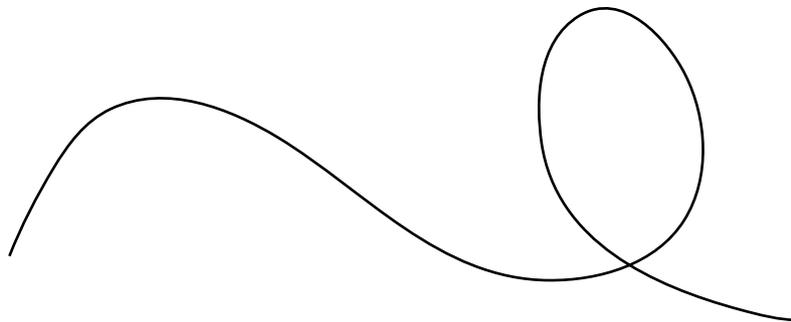
Mossoró, 31 de janeiro de 2022



# Sumário

<b>1. DAS AFETAÇÕES: INTRODUÇÃO</b> .....	<b>17</b>
1.1 O Fazer-se pela pesquisa: entendendo a sua composição .....	<b>23</b>
1.2 Tecendo a colcha de retalhos do PIBID/CAPF/UERN.....	<b>27</b>
<b>2. PRIMEIRO AFETO — ABRINDO O BAÚ: O REENCONTRO DE LEMBRANÇAS, SORRISOS E CORAÇÕES</b> .....	<b>32</b>
2.1 A Tessitura sensível do processo de autoformação.....	<b>33</b>
2.2 Faça-se luz! E a experiência se fez .....	<b>42</b>
<b>3. SEGUNDO AFETO — TECENDO A COLCHA: DA FORMA AO ACONCHEGO</b> .....	<b>54</b>
3.1 Oportunidades .....	<b>56</b>
3.2 Laços .....	<b>59</b>
3.3 A arte de viver.....	<b>64</b>
3.4 Meu corpo .....	<b>68</b>
3.5 Verdades.....	<b>73</b>
3.6 Momentos .....	<b>75</b>
3.7 Ser: Humano .....	<b>80</b>
3.8 Encontros – PIBID.....	<b>81</b>
<b>4. TERCEIRO AFETO — QUANDO O TECIDO SE ABRE O CORAÇÃO ABRAÇA</b> .....	<b>85</b>
4.1 Outro olhar .....	<b>88</b>
4.2 O Conjunto.....	<b>92</b>
4.3 Nós, Plural.....	<b>95</b>
4.4 Eu com os outros.....	<b>98</b>

4.5 Retratos da Infância .....	<b>100</b>
4.6 Elos .....	<b>104</b>
4.7 Dos sonhos .....	<b>106</b>
4.8 O ser livre.....	<b>109</b>
4.9 Reflexos e Reflexões .....	<b>114</b>
<b>5. O AFETO FINAL.....</b>	<b>118</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>124</b>



# 1.

## DAS AFETAÇÕES: INTRODUÇÃO



“Se as pessoas dançarem um pouco mais, cantarem um pouco mais, tornarem-se um pouco mais loucas, as energias delas fluirão mais, e seus problemas desaparecerão pouco a pouco. Desse modo, eu insisto na dança. Dance até o orgasmo: deixe toda a energia tornar-se dança e, de repente, você verá que você não tem cabeça – a energia parada na sua cabeça está se movendo em todas as direções, criando belos padrões, figuras, movimentos. E, quando você dança, chega um momento em que seu corpo não mais é algo rígido, ele se torna flexível, fluente. Quando você dança, chega um momento em que suas fronteiras não estão mais tão claras: você se dissolve e se funde com o cosmo, as fronteiras se misturaram”.

*(Osho)*

Somos seres em constante metamorfose. A dança proposta por Osho nos faz acreditar que a vida está em demasiado movimento e que por vezes é necessário que essa se funda com o cosmo. O corpo, assim, pede transformação. E é por meio dessa dança da vida que vamos nos constituindo.

Para melhor entendermos as linhas que se seguem e não ficarmos no campo apenas da teorização é fundamental apresentar ao leitor em que tipo de formação acreditamos. Pretendemos aqui ir além de uma concepção pessoal ou profissional em esferas separadas. Falamos de formação humana. Formação que vai além do corte entre os muros que se erguem na formação educacional. Estamos de braços dados com o todo e é esse todo que compartilha saberes arraigados de um amor suave e ao mesmo tempo venenoso. Ultrapassamos o sentido restrito da educação, como nos é colocada hoje, por assim acreditarmos que “a educação não significa a mera aquisição de conhecimentos, juntando e correlacionando factos; é ver o significado da vida como um todo” (KRISHNAMURTI, 2003, p. 9).

Para tanto, nossa proposta, que se originou de uma dissertação de mestrado, pede direcionamento para um caminho de luminosidades que envolve de forma marcante características subjetivas das pessoas. O fio condutor é a formação humana que está embasada em uma cadeia complexa de teorias e que tem o seu ponto de apoio na relação que estabelecemos durante toda a nossa existência por meio do nosso percurso autoformativo, fazendo conexões entre a vida e as experiências que nos constituíram durante a nossa formação no espaço acadêmico e nos seus múltiplos encontros.

Nestas linhas, a autoformação é compreendida como o reconhecimento de si e a projeção de mudanças das pessoas embasadas nas suas experiências, como também aquela que pode proporcionar ao sujeito a capacidade de enxergar a sua formação a partir de uma ótica mais consciente, ocorrendo por meio de um processo reflexivo advindo das relações que possui com o todo (SOUZA, 2014). Ocorre conjuntamente com mais duas forças de formação, a heteroformação (a ação dos outros) e a ecoformação (por meio das relações com o meio ambiente). Rodeando essas veredas, vamos caminhar por entre esses polos que não acontecem de forma isolada e, sim, imbricados em relações.

O presente estudo traz novas perspectivas que se inscrevem na formação humana. A perspectiva do eu com o outro, comigo mesmo e com o mundo. É nesse aspecto abrangente que colocamos em evidência o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), programa criado pelo Governo Federal, que tem por objetivo incentivar a docência à alunos dos cursos de licenciatura das Universidades públicas e é financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Trataremos especificamente de um projeto institucional do Curso de Educação Física do Campus Avançado de Pau dos Ferros da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (CAPF/UERN) que faz parte do PIBID. Por

meio das vivências adquiridas pelos alunos que tiveram a oportunidade de participar do PIBID, no referido curso, do Município de Pau dos Ferros/RN, é que colhemos os retalhos para colorir essa colcha e pensarmos coletivamente como as experiências do PIBID puderam contribuir para a autoformação dos sujeitos.

Foi necessário realizar uma viagem nas incertezas e nas veredas mais subjetivas para desfrutar de um significado por ventura incerto, de histórias doces e amargas. Por isso abrimos espaços para que algumas vozes pudessem se autodescobrir e, com isso, se perceber em meio a esse processo autoformativo. Os convites provêm de experiências adquiridas ao longo de um percurso formativo, pintadas de frustrações e descobertas dos quais usamos para colorir os retalhos que compuseram o tecido da nossa obra.

Acreditamos ser as trajetórias de formação espaços primordiais para a constituição do sujeito que busca sua autorrealização. Mas, é antes dela e com ela que se começam a construção dos primeiros sonhos. As idealizações e desejos de mudança se fortalecem no contato com o novo, com algo que lhes tem significado, assim a nossa condição humana vai sendo colorida. Aquilo em que acreditamos é, em contrapartida, aquilo que nos dá sentido enquanto seres humanos. Somos formados ao mesmo tempo em que formamos e passamos por reformulações constantes, tudo isso desenvolvendo-se em meio a um turbilhão de sensações vividas.

É nesse envolvimento que os sujeitos protagonizam a sua história. E no cenário educacional não poderia ser diferente. Todos os dias novos capítulos e novas cenas são fundamentais para o desenrolar de um enredo em que os sujeitos são as pessoas que participam cotidianamente desse processo, sendo esses acontecimentos guiados por suas próprias escolhas.

Estamos diante do conhecimento tecido em conjunto e olhando para o espelho da complexidade. Entendemos que a constituição de seres humanos mais complexos necessita de um redimensionamento da visão fragmentada com que é concebido. No que concerne à educação, essa carece ser vista além de uma visão disciplinar e conceber saberes tecidos em conjunto com toda a existência inacabada e transformadora.

Por estar intimamente ligada aos processos formativos de alguns sujeitos, é ainda mais louvável a ideia de que os horizontes precisam ser ampliados, o inesperado e o diferente precisam ser objetos de estudo e a educação necessita olhar ainda mais para o humano. Arroyo (2008, p. 126, 128) provoca-nos a pensar uma estética do magistério que seria um “saber-fazer carregado de dimensões artísticas, poéticas,” o qual nos permitiria “pensar à docência com novas luminosidades”.

É preciso abandonar velhos paradigmas e mais do que urgente e necessário se abrir ao novo. A formação docente enquanto formação de seres humanos necessita sair da teorização e provocar cenas de amor recíproco entre os seus pares. Tomamos a ideia de Krishnamurti (2003,

p. 9) e concordamos com ele quando afirma que “podemos ser muito cultos academicamente, mas se não integramos profundamente o pensamento e o sentir, as nossas vidas são incompletas, contraditórias e atormentadas por muitos medos”. Dessa maneira, enquanto a educação não cultivar uma perspectiva integrada da vida, ela terá muito pouco significado.

Convidamos a pensar sobre a perspectiva de Morin (2000) e olhar a educação sob o prisma da complexidade. A complexidade humana não pode ser compreendida dissociada dos aspectos que a constituem, pois, todo conhecimento verdadeiramente humano permite o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer à espécie humana.

Sobre esse aspecto Morin (2000) ainda nos diz que tudo deve estar integrado, para permitir uma mudança de pensamento que concebe tudo de uma maneira fragmentada e dividida e impede de ver a realidade. É imprescindível observar o todo num contexto complexo e completo. Acreditamos, assim, que a educação deve formar para a vida e deve ir ao encontro das palavras de Krishnamurti (2003, p. 10):

A educação deve ajudar-nos a descobrir os valores eternos, para que não nos apeguemos a fórmulas ou à repetição de slogans; devia ajudar-nos a deitar por terra as nossas barreiras nacionais e sociais, em vez de as realçar, pois elas alimentam o antagonismo entre um homem e outro homem. Infelizmente, o actual sistema de educação faz-nos subservientes, autómatos e profundamente insensatos; embora ele nos desperte intelectualmente, interiormente deixa-nos incompletos, inúteis e não-criativos.

O enveredar de caminhos trilhados, a ampliação de novos olhares, o enxergar o outro com os olhos do afeto, o pensar independente de si mesmo, marcam a trajetória formativa e diz muito sobre o sujeito. Nessa conjuntura, entendemos o processo de formação humana como inacabado, isso por ser influenciado por saberes que, muitas vezes, não são ensinados pela escola e/ou desprezados por ela. Tecemos caminhos durante todo a nossa existência e é preciso refletir e autoconhecer-se para desfrutar sabiamente do que ela tem a nos oferecer. Para Moraes (2003, p. 48):

Viver é experimentar algo novo a cada dia e a cada momento. É organizar nossas experiências no tempo e no espaço. Reorganizá-las a cada instante, construindo e reconstruindo os nossos pensamentos já que não há nada definitivo em relação a eles, pois tudo está sempre em processo, com forma e conteúdo e perpétua mudança.

A fim de conhecermos as linhas que fiam o tecido dessa colcha, propomos como objetivo geral da pesquisa entender o processo de autoformação e a sua configuração na vida dos sujeitos, entrelaçadas à experiência do PIBID e a sua proposta de formação de professores.

Partindo das experiências vivenciadas por esse grupo de alunos do PIBID, é fundamental identificar momentos charneiras (etapas da vida que funcionaram com divisor de águas) que influenciaram na autoformação desses alunos; buscar perceber como a formação humana foi sendo desenvolvida dentro do PIBID; e, compreender as relações estabelecidas entre este e as experiências de vida de cada um. Estes configuram-se como os objetivos específicos do trabalho.

Ao buscar enaltecer a relevância, tanto social, quanto profissional e pessoal desse estudo, nos deparamos com alguns caminhos e escolhas que nos fizeram embarcar nessa viagem. Primeiro, o desejo de estudar e perceber os detalhes do entrecruzamento de vidas e histórias proporcionadas por um programa de tamanha proporção como é o PIBID. Segundo, o anseio de destacar a fundamental importância que esse programa tem na vida dos alunos bolsistas e professores supervisores e na forma da sua condução como contribuição viva para a autoformação. Assim, é parte também de uma construção pessoal de constituição da minha vida a partir de momentos divisores de águas que aconteceram durante a experiência nesse programa.

Deste modo, a pesquisa mostra-se relevante muito além de perspectivas puramente acadêmicas e profissionais. É um ensejo de mudança e ampliação que tem na condição humana e nas suas relações o seu fator chave. Há que se considerar que através de uma pesquisa que se propõe a pensar a formação humana em estreita relação com a autoformação é que estamos envolvidos a significados cada vez mais subjetivos e apaixonantes, pois é a partir da relação com o outro que nos constituímos enquanto seres humanos. Nesta direção, toma o PIBID como elemento autoformativo em um contexto em que o sujeito está imerso às constantes mudanças, para considerá-lo como ser que se faz e refaz-se em meio a todo esse processo.

A pesquisa pretende ter consequências reflexivas, tanto para os sujeitos envolvidos quanto para o outro que escuta, como também para quem lê. É um momento ímpar de autoconhecimento e autorreflexão. É um querer ver com os olhos do outro e com os seus olhos. É um novo pensar, um novo perceber a própria história e poder pintá-la com mais cor e brilho, imbricada de tamanha subjetividade e de uma completude que vai além do que se possa ler ou ouvir. É socialmente aberta, pois, atende a um público generalizado de docentes e futuros profissionais e parte de histórias vivenciadas no contexto de um programa que visa incentivar futuros professores em diversas áreas do conhecimento nas suas carreiras docentes. É um sem fim de relações estabelecidas e fundamentais para o desenrolar desses enredos.

Além disso, o estudo é importante, pois procura ensaiar uma nova estética que aponte para a dimensão sensível do ato de ensinar e aprender, capaz de provocar mudanças

de pensamento e tomadas de atitudes, concomitante, que seja capaz de despertar sentidos e desejos que emanem fundamentalmente da vontade de assumir novos desafios e superar o que já foi feito.

A vivência possibilitada pela inserção no PIBID, no subprojeto de Educação Física do CAPF/UERN, na cidade de Pau dos Ferros/RN, foi algo revelador de uma formação humana integral. Há aqui muitas recordações-referências que são frutos de aprendizagens, histórias marcantes, mudanças de pensamento, ampliação dos olhares e a descoberta da complexidade do ser/tornar-se professor. Entende-se por recordação-referência aqueles momentos, situações ou mesmo recordações que ficam marcadas por toda uma vida, e que embora venha a se tornarem vagas, funcionam sempre como referência para qualquer tipo de situação parecida (JOSSO, 2004). Em outras palavras, são experiências vividas que ficam presas na lembrança e que em algum momento sempre ressurgem para engrandecer, resgatar, justificar e reviver o momento.

Com base nas experiências vivenciadas no PIBID, no contexto desse subprojeto, e entendendo o processo de formação profissional como inacabado, por ser influenciado por saberes constituídos ao longo das trajetórias individuais e sociais, cada um pode (re) constituir de modo diverso os seus caminhos formativos.

Sendo o PIBID o maior programa de incentivo à docência na atualidade, apresenta reflexos marcantes de quem dele faz parte. Esse tem por objetivo o aperfeiçoamento e a valorização do profissional licenciado na educação básica na rede pública de ensino. Envolve alunos de formação inicial nas Universidades, professores da escola básica (supervisores) e professores do ensino superior (coordenadores) que desenvolvem atividades de planejamento, estudo e ações práticas nas escolas que estabelecem parcerias com as universidades.

O subprojeto PIBID Educação Física (subprojeto 2012-2013), pretendeu fortalecer a formação inicial dos alunos integrantes. Nesse sentido, o aluno graduando, consciente dos fundamentos teóricos da sua área de formação (específicos e pedagógicos), elabora sua prática. Essa proposta tem a finalidade de transformar o aluno em um sujeito que responda às exigências contemporâneas, tais como: analisar, interpretar, avaliar, sintetizar, comunicar, usar diferentes linguagens, estabelecer relações, propor soluções inovadoras para as situações com as quais se defronta. Essa ação transformadora é fundamental ao trabalho docente.<sup>1</sup> Características mais aprofundadas do PIBID como programa de incentivo à docência e do subprojeto de Educação Física, serão evidenciadas em tópico específico no decorrer desse livro.

---

1 Fragmentos retirados do subprojeto de PIBID de Educação Física do XXX do ano de 2012.

Foi através desses olhares multidimensionais que emergiu essa pesquisa. O subprojeto aqui descrito, palco de grandes conhecimentos, configurou-se como meio desenvolvimento e encontro de diversos sujeitos que tinham objetivos comuns com relação à docência. A partir dessas veredas que nasceu o desejo de realizar esse estudo.

Como acreditamos que o caminho vai sendo traçado durante o seu caminhar, dependendo das incertezas e percalços, o estudo preocupou-se em proporcionar uma experiência sensível aos sujeitos por meio de um ambiente decorado com lembranças, inspiração, nostalgia e muito amor e foi analisado à luz das teorias da complexidade e da formação voltada para o humano.

## **1.1 O fazer-se pela pesquisa: entendendo a sua composição**

Abri o baú. E nesse baú continha todo tipo de retalhos. Pensei inicialmente em um conforto que pudesse oferecer a alguém. Peguei então a caixa e vi uma quantidade de retalhos com uma mistura de tons, cores e tamanhos. Busquei a aproximação de todos os detalhes que poderiam servir para tecer uma colcha de retalhos. A famosa colcha de retalhos que tanto envolve linhas e tecidos estampados por histórias e amores. Comecei pelas cores suaves. Ao unir cada quadrado pensava na forma final que a colcha tomaria, mas trazia em mim, um prazer maior durante o processo. Formei tiras harmoniosas de cores enfileiradas, tom sobre tom. Primeiro os tons claros, busquei até o mais sem graça, mas que se tornaria parte de algo grande, um pedaço do todo. Aquele quadrado de tecido sem graça e de tom apagado emendou-se a tantos outros que, sozinhos, pareciam tão sem graça quanto, guardados e empoeirados. Fui além. Dos tons pastéis, busquei as flores e a terra em cada cor. Montei uma natureza: céu, mar, sol, vida! Um grande retângulo formado de pequenos espaços contendo representações diferentes. Minha imaginação aflorou. Fui até a noite costurando. Uni linha e tecido, pensei em um quadro, em como a madeira e a tela acolhem a tinta e formam as belas obras que pairam por aí. Fiz minha pequena obra de arte. Costurei cada tira de retalho e finalmente dei forma ao que, em minha mente, poderia ser um abraço em forma de colcha.<sup>2</sup>

Imaginemos que a colcha é a vida e que os retalhos são as pessoas que dela fazem parte. Todo e qualquer processo de confecção da engenhosa peça necessita de um contexto delineado para ser bem desenvolvida. E claro, artesãos que usem a criatividade e possam tecê-la com muito amor, carinho e dedicação, apesar da diversidade de memórias e emoções. É um processo muito criterioso e demorado.

---

<sup>2</sup> Essa metáfora descrita foi desenvolvida a partir de uma conversa com uma artesã que confecciona colcha de retalhos há algum tempo.

Trazemos a metáfora da “Colcha de Retalhos” para delinear nossa escrita e compor nossa pesquisa, transformando-a em arte. Seguimos todas as suas etapas. Aqui, os sujeitos são tomados como artesãos que produzem e entrelaçam cotidianamente seus retalhos a fim de refletirem sobre a colcha dos retalhos de sua formação e de sua vida. Mas, a colcha tecerá também nossa própria maneira de contar, unindo os retalhos criados por estes artesãos em uma amálgama de cores que resultou no reencontro para confecção desse tecido em conjunto.

Para tanto, aproveitamos para informar que o estudo aborda perspectivas sensíveis e formativas e nele ocorre por algumas vezes a utilização de metáforas nos capítulos que se seguem. Desse modo, o olhar descentralizado empregado nessa pesquisa tende a facilitar a utilização dessas com o intuito de promover a aproximação com o contexto evidenciado deixando assim a leitura e a escrita mais leves.

Evidenciando os processos formativos como ponto de partida e pensando em uma formação que pudesse ocorrer integralmente e ir além dos muros acadêmicos e das perceptivas puramente profissionais, é que temos no Curso de Educação Física (CEF) em parceria com o PIBID do CAPF/UERN um dos cenários principais para protagonizar o que estamos ensaiando com um intenso sabor e um olhar afetuosos.

Desse contexto, de um grupo de alunos que vivenciou o PIBID durante a formação inicial em Educação Física, retiramos nossos sujeitos protagonistas dos retalhos e linhas que se seguem. O subprojeto de Educação Física teve início em agosto de 2012 e fim em dezembro de 2013, contou inicialmente com 15 alunos bolsistas e 02 professores supervisores, e com o passar do tempo foram abertas mais vagas para novos alunos. Foi com esses sujeitos que desenvolvemos um reencontro para que pudéssemos resgatar, vivenciar e lembrar momentos marcantes dessa trajetória formativa, visando atingir os objetivos propostos nesse estudo. Desses quinze alunos que participaram da experiência do PIBID durante toda a duração desse subprojeto (duração total de um ano e meio sob essa coordenação), nove aceitaram o convite para participar da pesquisa, entre eles uma professora supervisora. Os sujeitos foram escolhidos com base no tempo de permanência, integração e envolvimento com o programa.

Diante de tudo isso, ao idealizarmos, após intensos estudos e de procurar a melhor base teórico-metodológica que pudesse nos nortear nesse caminho, decidimos proporcionar aos sujeitos um reencontro de experiências e fazer um resgate de diversas lembranças e histórias, tanto vivenciadas no contexto do programa e da graduação, como também rememorar momentos que os fizeram e que contribuirão efetivamente para sua formação.

Esse reencontro foi materializado em um dia inteiro em que os nove sujeitos estavam presentes. O ambiente para o reencontro foi pensado de maneira criteriosa a fim de resgatar memórias adormecidas. O reencontro aconteceu em uma casa com amplo espaço e foi decorada com fotos do grupo, recortes das narrativas de vida por eles escritos, poemas e o grupo em si,

com localização em uma cidade de fácil acesso para todos que se prontificaram em participar. O nosso intuito era que eles pudessem de fato perceber e religar os eventos das suas vidas e narrar o seu percurso autoformativo, através daquele momento vivenciado.

A experiência/reencontro foi pensada a fim de adentrar nas veredas da subjetividade e que pudesse levar em consideração toda e qualquer forma de expressão, de diálogo e de interação, onde os sujeitos pudessem sentir-se conectados e, ao mesmo tempo realizar essa conexão contínua com tudo o que fora vivido e formado e o que está sendo constituído, incluindo-me como implicada na pesquisa.

Vale destacar que eu participei do PIBID com esses mesmos sujeitos no período de um ano. Assim, em alguns momentos desse estudo, constará falas em primeira pessoa, apropriando-se da experiência vivida como parte integrante e integradora de todo esse conjunto, tendo participado ativamente de toda reflexão e experiência autoformativa. Por isso entendemos como Galvani (2002) que é necessário haver um certo descentramento da noção do eu isolado e um conhecimento contínuo, pois conhecer o outro é conhecer a mim mesmo, e o processo inverso também é verdadeiro: “eu só tenho consciência de mim mesmo por um nível superior (sujeito transcendental) me permite pensar como eu entre os outros eus e, portanto, integrar a possibilidade de outros centros de perspectiva sobre o real” (GALVANI, 2002 p. 100).

O primeiro momento foi o de contar/narrar uma história. Pedimos para que eles contassem uma história qualquer que poderia ser inventada, própria, vivenciada, enfim, qualquer uma que viesse a cabeça naquele instante, sem darmos maiores detalhes. Deixamos à vontade para a escolha. Coincidência ou não, todos os presentes narraram uma história que havia se passado com eles durante o PIBID, e todas elas envolviam de alguma maneira os coordenadores do grupo.

O segundo momento, após eles já conhecerem todo o espaço que havia sido decorado com fotos do grupo, músicas, poemas e recortes das suas próprias narrativas de vida espalhadas nas paredes, organizadas pelo que chamamos de estação (estação dos poemas selecionados de acordo com temáticas variadas – amizade, formação, vida, entre outros – que pudessem ter relação com o vivido; estação das fotos dos momentos vividos pelo grupo – e, estação dos recortes das narrativas de vida não identificadas produzidas por eles mesmos em uma ação do subprojeto, todas localizadas em cômodos diferentes da casa) os solicitamos que narrassem um pouco sobre a sua vida, nos quais notamos que os mesmos puderam priorizar fatos, pessoas e períodos marcantes da sua vida e formação.

É crucial citar que o ato de narrar-se constitui-se como uma possibilidade de conhecimento de si, do outro, do cotidiano (SOUZA, 2006b, p. 168) e se configura como um “exercício de tomada de consciência, por parte do sujeito, das intinerâncias e aprendizagens ao longo da

vida” (p. 14), tratando-se, portanto, de um exercício autorreflexivo, e é justamente isso que acontece com os sujeitos dessa pesquisa. O ato de narrar também faz com que as pessoas ao narrarem pensassem também no seu próprio percurso formativo.

Como trouxemos a ideia da colcha de retalhos para metaforizar a construção do percurso autoformativo tornando evidente a religação de fatos, memórias e experiências, em um terceiro momento, os sujeitos foram convidados a pintar um retalho. O desenho escolhido para pintar ficou a ideia de cada um, de acordo com o que sentisse vontade e afeto naquela ocasião. Após cada pintura, esses explicaram o porquê dessas pinturas e pudemos notar como tudo estava interligado naquele tempo e espaço.

No momento posterior que seria o encerramento daquele reencontro, inspirados pelo dia vivenciado, os convidamos a produzirem um poema. O poema veio a finalizar àquele dia, e também dar continuidade ao que seria um ato contínuo de reflexão de si e das práticas que os fizeram como também a constituição e religação de seu percurso autoformativo.

O material produzido no reencontro foi todo analisado à luz da teoria da autoformação e da complexidade, sendo todas as escolhas e caminhos justificados no decorrer da pesquisa. As falas dos sujeitos estarão presentes durante todo o estudo a fim de apresentar de fato o sujeito que fala e de qual contexto, seja presente em meio aos poemas, narrativas de vida e pinturas.

Utilizamos-nos da noção de escuta sensível para analisar as pinturas, assim como também os poemas e as narrativas de vida por acreditarmos que escutar é perceber além do que foi dito, ouvir as entrelinhas e o pulsar das palavras. Assim, para Kanaan (2002, p. 37-38) “escutar é fazer assim o texto ser outro; outro de si mesmo. [...] Ao contrário de ouvir, a escuta pressupõe uma disponibilidade a presença do outro, um deixar se afetar e afetar o outro com sua presença. A escuta seria então a escuta daquilo que me afeta [...]”. Essa escuta faz parte do modo de sentir a experiência do PIBID como um palco teatral em que puderam atuar e se constituir a partir daquilo.

Cabe esclarecer que utilizamos o termo sujeito para tratar dos membros do grupo pesquisa. Fundamentados pela ideia de Morin (2005, p.329) onde afirma que “sendo dotados de consciência, de linguagem e de cultura, somos indivíduos-sujeitos computantes/cogitantes capazes de decisão, de escolha, de estratégia, de liberdade, de invenção, de criação, mas sem deixar de ser animais, sem deixar de ser seres-máquinas”. Com isso, podemos escolher refletir, nos reorganizarmos, nos refazermos, a fim de satisfazer nossas necessidades pessoais e de convivência com os outros.

Durante o decorrer da análise dos resultados sentimos a necessidade de procurarmos mais uma vez nossos sujeitos. Dessa vez, de forma simples e objetiva fizemos apenas uma pergunta, através do e-mail de cada um, sobre a autoformação a fim de fortalecer e clarear ainda mais os

resultados da pesquisa. Perguntamos aos mesmos: “Quais as experiências vividas no PIBID que mais influenciaram na sua atuação profissional e no que você se tornou hoje?” Como uma pergunta direta procuramos perceber como esses sujeitos enxergavam as experiências mais marcantes que os fizeram no contexto do programa e como essas agora influenciavam no que havia se tornado.

No decorrer do capítulo em que se pretendeu analisar os poemas produzidos pelos sujeitos utilizamos um outro tipo de fonte com letras que se assemelham às manuscritas, tanto para trazer o sentido da escrita manual, como também para dar destaque ao poema analisado.

Informamos ao leitor que ao invés de usar o termo “capítulo”, como é utilizado comumente, optamos pelo termo “afeto” por designar e até representar o sentimento em que está envolto no processo de confecção de uma colcha de retalhos que vai desde a separação do material utilizado até o seu acabamento, como também se assemelha a produção dessa pesquisa que reconhece em cada retalho (capítulo) e cada fio (página) a presença doce do afeto como forma de expressão e comunicação com a realidade.

## **1.2 Tecendo a colcha de retalhos do PIBID CAPF/UERN**

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior órgão do Governo Federal (CAPES), a partir de 2007, instituiu ações voltadas para o aperfeiçoamento dos professores de ensino básico e para estimular a continuação de seus processos formativos. O PIBID, financiado nacionalmente no âmbito da CAPES, tem se tornado uma grande referência na realização do objetivo de fomento à formação inicial e continuada de professores. Como o próprio nome diz, esse programa tem por finalidade incentivar a iniciação à docência, e é voltado para os alunos dos cursos de licenciaturas na modalidade presencial ou à distância. Os objetivos do PIBID encontrados na portaria n.º 260 de 30 de dezembro de 2010 (BRASIL, 2010), enfatizam bastante a responsabilidade de melhoria da qualidade do ensino básico, tendo como principais objetivos:

- Incentivar a formação de docentes em nível superior para a Educação Básica;
- Contribuir para a valorização do magistério;
- Elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, promovendo a integração entre a Educação Superior e a Educação Básica;
- Inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar

que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem;

- Incentivar escolas públicas de Educação Básica, mobilizando seus professores como co-formadores dos futuros docentes e tornando-as protagonistas nos processos de formação inicial para o magistério; e
- Contribuir para a articulação entre teoria e prática necessárias à formação dos docentes, elevando a qualidade das ações acadêmicas nos cursos de licenciatura.

Partindo da proposta supracitada, originou-se o subprojeto PIBID do Curso de Educação Física (PIBID/CEF) com uma perspectiva inovadora pautada em preparar os licenciandos em Educação Física para as exigências da sociedade contemporânea, em que espera por finalidade um profissional que esteja preparado para além do fazer pelo fazer.

Esse teve seu início em agosto de 2012 e seu final em dezembro de 2013, e apresentou uma proposta intitulada: Educação Física – Cultura Corporal do Movimento: Desenvolvendo Competências no Ensino Médio. Contou na época, com 15 alunos bolsistas de iniciação à docência, dois professores supervisores e uma coordenadora de área, e um professor colaborador. Os alunos bolsistas foram distribuídos em duas grandes escolas da cidade de Pau dos Ferros/RN, 10 bolsistas e dois professores supervisores na Escola Estadual Professora Maria Edilma de Freitas e cinco bolsistas juntamente com uma professora supervisora da Escola Dr. José Fernandes de Melo.

Os alunos selecionados para participar do programa, juntamente com professores supervisores e coordenadores, recebiam uma ajuda financeira mensal para poderem auxiliá-los na execução de suas tarefas e para comprar material de suporte acadêmico, como livros e revistas, de forma individual para cada bolsista. Tendo papel fundamental nesse processo de aproximação da comunidade acadêmica com a comunidade escolar, os professores supervisores têm uma função muito interessante e importante nessa caminhada. São eles que devem acompanhar o aluno bolsista na escola. Os alunos bolsistas participam de toda a organização das aulas, planejamento e execução, envolvendo-se ativamente com todo o contexto escolar. Desse modo, professor supervisor e aluno bolsista sempre devem articular juntos as ações a serem desenvolvidas para àquela turma e disciplina na escola, o que facilita o conhecimento e a integração do aluno com o meio.

As escolas parceiras, como eram chamadas àquelas escolas que recebiam o PIBID, também eram beneficiadas. Além de professores mais motivados pela presença de futuros professores propondo sempre metodologias novas que viessem a contribuir com a aprendizagem mais significativa, os alunos da escola também se sentiam mais atraídos pelas práticas e já reconheciam então a presença dos bolsistas na escola.

O PIBID do curso de Educação Física devido a tamanha proporção que estava abrangendo e a repercussão positiva que causava, teve suas vagas aumentadas após solicitação da coordenação. Deixou de abranger apenas o ensino médio passando a abarcar também o ensino fundamental, necessitando de mais um professor supervisor. Desde 2012 quando surgiu, até o corrente ano 2022, o programa ainda está em vigor no curso sob nova coordenação e com novo projeto de ação, apesar de diversas vezes ser ameaçado de extinção pelo Governo Federal e a redução drástica de bolsas. É importante ressaltar que no decorrer desses anos de programa institucional no campus citado, dezenas de alunos já trilharam esses caminhos e puderam, sendo mantida a regra, ter sua formação melhorada e encarada sob novas perspectivas reflexivas.

A proposta do subprojeto buscou, através da aproximação dos alunos participantes do programa, professores supervisores e as escolas, desenvolver competências indispensáveis para o trabalho em sala de aula. O referido subprojeto visava orientar os alunos que nele estavam inseridos em uma metodologia pautada na ação-reflexão-ação, ou seja, alunos críticos-reflexivos capazes de, a partir da sua prática, formular uma outra adequando-a a realidade escolar vivenciada.

Para isso tomou-se como base os PCN's (1998) de onde emerge uma nova proposta de ensino ajustada em três dimensões diferentes no trato dos conteúdos: conceitual, procedimental e atitudinal. Assim sendo, é necessário um profissional que esteja além do repasse dos conteúdos da educação física que são jogos, esporte, dança, lutas e ginástica, sendo que este deve estabelecer significados a sua prática docente, ou seja, refletir sobre elas. Pretendeu-se então, através do PIBID, fortalecer o professor para sua atuação na escola, que munido de teorias e de vivências para e com a realidade, seja capaz de solucionar problemas e problematizar suas ações.

Desta forma faz-se necessário explicar algumas ações e resultados previstos pelo subprojeto PIBID Educação Física, para entendermos sua proposta. Por conseguinte, podemos citar algumas das ações que pretenderem contemplar os três pilares da universidade em ensino-pesquisa-extensão, para que os alunos bolsistas e professores supervisores tenham maior amplitude de conhecimento:

- Preparar uma proposta de intervenção (pesquisa-ação) para além do fazer com base nas categorias dos conteúdos;
- Elaborar um documentário escrito, de imagem e filmagem retratando o atual quadro da educação física escolar no ensino médio apresentando a estrutura física, material didático pedagógico, planos de ensino e planos de aulas bem como as práticas pedagógicas;

- Realizar gincanas com os alunos do ensino médio abordando os blocos de conteúdos, conhecimento sobre o corpo - esporte, jogos, lutas e ginásticas - atividades rítmicas e expressivas;
- Explorar o meio ambiente com fins de identificar e mapear espaços para o desenvolvimento de atividades para além dos muros escolares como: trilhas, caminhadas, ciclismo, corrida, entre outras;
- Produzir oficinas (confeção de material didático-pedagógico com material sucata);
- Escrever trabalhos científicos para apresentar em eventos na área de educação física e educação;
- Desenvolver um capítulo de livro relacionado ao desenvolvimento do trabalho do subprojeto e as Práticas Formativas para a Docência na Educação Física no Ensino Médio para a submissão do livro organizado pela Coordenação Institucional.

Ao término dessas ações esperou-se atender os resultados estabelecidos pelo subprojeto. Esses tiveram em sua maioria a proposta da reflexão para que os alunos vislumbrassem a oportunidade de dar continuidade e valorizassem o ser professor. Assim estabeleceu-se:

- Desenvolvimento da proposta de intervenção (pesquisa-ação) para além do fazer com base categorias dos conteúdos;
- Apresentação para a comunidade acadêmica e profissional da rede pública de ensino um documentário escrito, de imagem e filmagem retratando o atual quadro da educação física escolar no ensino médio apresentando a estrutura física, material didático pedagógico, planos de ensino e planos de aulas bem como as práticas pedagógicas;
- Conhecer metodologias diferentes de trabalhar com os blocos de conteúdos, conhecimento sobre o corpo - esporte, jogos, lutas e ginásticas - atividades rítmicas e expressivas propostos pelos PCNs;
- Valorização da cultura infantil, no sentido de resgatar os brinquedos e brincadeiras populares;
- Criatividades nas aulas de educação física no ensino médio;
- Interação dos conhecimentos adquiridos junto aos acadêmicos e profissionais da área;
- Competência na elaboração de trabalhos científicos para apresentar em eventos na área de educação física e educação.

O subprojeto do PIBID de Educação Física teve duração de um ano e meio tendo algumas das principais competências desenvolvidas: capacidade de articulação entre teoria e prática; capacidade de dialogar com a realidade escolar; envolvimento no meio educacional; organização pedagógica; aquisição de maiores conhecimentos da área; capacidade de resolver problemas da e na sala de aula; socialização e desenvolvimento de competências profissionais; entre outros. Sendo assim, deve-se compreender a importância que uma política de incentivo como essa traz à docência e como pode contribuir de forma efetiva para a formação de professores mais completos e que tendem a refletir com vistas a melhorar sua prática pedagógica na escola.

# 2.

## PRIMEIRO AFETO — ABRINDO O BAÚ: O REENCONTRO DE LEMBRANÇAS, SORRISOS E CORAÇÕES



“Quando a gente abre os olhos, abrem-se as janelas do corpo, e o mundo aparece refletido dentro da gente”

*(Rubem Alves)*

Falamos aqui de formação para a vida, formação desencadeada nos espaços acadêmicos, porque acreditamos não haver separação ou desintegração do ser humano e por acreditarmos também que o PIBID, fez o que Rubem Alves nos disse, abriu os olhos para o mundo. Esse capítulo aborda o desenrolar do reencontro desenvolvido com alguns sujeitos participantes do PIBID que vivenciaram um dia de experiências que serão detalhadas ao longo de todos os demais capítulos, como também apresenta, fundamenta e justifica a escolha por determinado caminho teórico-metodológico possibilitando uma abertura para se pensar fora e além do baú fechado.

## **2.1 A Tessitura sensível do processo de autoformação**

Parecia estar escuro, mas aos poucos foi ficando claro quando houve os primeiros abraços, olhares, sorrisos e então a porta se abriu. Abriu-se também o mundo que se voltava para aquela experiência que iríamos viver naquele momento e com ele o sol, a casa, a piscina, os quartos e uma varanda com uma rede que convidava a deitar. E foi além disso. Poderíamos dizer que a experiência invadiu as almas e ampliou um ciclo. Entre olhares e sorrisos demos início ao que já havia tido um começo muito antes de adentrarmos aquela porta, o começo foi quando dissemos sim a tudo aquilo a pouco tempo atrás.

Foi na arte que encontramos inspiração para abraçar o proposto. Com papel, retalhos, tinta, pincel, fotos, lembranças, rostos iluminados e corações cheios de histórias para contar, nos propomos a pintar um quadro da vida e para a vida, do eu e do outro, que já não eram mais figuras distintas, pois estavam entrelaçadas em um só caminho que queríamos desvendar: o da autoformação. Abrimos espaço para que a poesia pudesse penetrar nossa alma embargada de altas doses de nostalgia.

E em meio a essa condução de poesias e devaneios aprendemos que a formação passa por três caminhos de acordo com Pineau (1999), e que cada um leva a um mesmo objetivo. Para ele o formador forma-se a si próprio, através de uma reflexão sobre seus percursos pessoais e profissionais, que pode ser denominado como um processo de autoformação; o formador forma-se, também, na relação com os outros, em uma aprendizagem coletiva, apelando à consciência, aos sentimentos e às emoções – a heteroformação; e o formador forma-se através das lições das coisas, dos saberes técnicos, culturais e artísticos e da sua compreensão crítica - *ecoformação*.

Inspirados na arte, a vida e a formação como molas que nos impulsionaram nessa caminhada, partimos da premissa de que sendo os nossos caminhos resultados de multirreferências e múltiplos saberes e sendo nós constantemente tecidos na conjuntura complexa da natureza e da cultura acreditamos que esses desenham em nós as suas marcas. Tais marcas são preenchidas

de sentidos e significados diversos e carregadas de antagonismos fazendo andar de mãos dadas em um mesmo ser humano as ideias de liberdade e prisão, felicidade e caos, o ego e o *self*. Isso é o que faz estar presente em um só sujeito o desejo de salvar a humanidade e ao mesmo tempo o de exterminar as pessoas. Ou simplesmente o desejo constante e inerente de morte e de vida. Para Morin, Roger e Mota (2007) é o homem oriundo da aventura cósmica que tem a singularidade de ser cerebralmente *sapiens-demens*, ou seja, de carregar, em simultâneo, a racionalidade, o delírio, a insensatez, a destrutividade.

Falar do humano de forma sensível e considerar sua vida e seus caminhos, dentro das paredes da Universidade, foge da maneira tradicional e convencional de como estamos acostumados a desfrutar de nossa passagem por esse ambiente. A ideia principal e mais aceita é que somos seres humanos divididos em algumas esferas e que nesse período acadêmico, estamos moldando um lado do nosso ser, o lado profissional, visando o enriquecimento e o aprimoramento de conhecimentos que irão ser usados para o nosso futuro profissional.

Ensina-se, nas Universidades, a se ter sucesso profissional, a como ser um bom professor, um bom médico, um bom advogado e tantas outras profissões, mas, ensina-se a viver? Disponibilizam manual de sucesso para a vida, como tendem a fazer com o sucesso profissional? Viver bem significa apenas a aquisição e o acúmulo de riquezas mediante a profissão aprendida nos bancos acadêmicos? Se pensa o sujeito que está sendo formado como um possível e futuro sujeito formador? Por que se negam as experiências de vida dos sujeitos? Mas por que passear por essas veredas? Por que abrir as janelas da mente para pensar o contraditório, o que foge à regra, o que liberta, o que pode ser o novo e o mais difícil? Primeiro, porque entendemos que é necessário ousar, ir além, abrir o baú, enxergar do lado de fora.

Segundo, porque não podemos permanecer ancorados em perspectivas ultrapassadas que apenas nos apresentam valores fixos, que não fazem emergir a subjetividade, que não leva em consideração o sujeito e suas múltiplas facetas, seus antagonismos, sua dilaceração e sua reconstrução diária. Pensamos que devemos nos guiar pelo sujeito que sente, sofre, ri, ergue-se, planeja, executa, forma, deforma e se reconstitui nas crises do dia a dia, considerando que esse carrega em si toda a história do cosmo e com ela toda sua estrutura perfeita que constitui o ser humano que é também histórico e cultural.

Como aqui nos cabe discutir e entender o processo de autoformação, vamos levar nosso olhar para a educação enquanto formação do sujeito para a vida, isto é, o ensino da condição humana, tanto na educação básica quanto na formação de professores, como uma das premissas chaves para a educação do futuro. Mas, antes é preciso adentrar nas veredas que do atual modelo fragmentário de educação que abrange quase a totalidade das nossas instituições escolares e acaba por gerar uma confusão na cabeça dos estudantes, dos professores e de toda

a sociedade, podendo ser encarado como uma forma de repressão e enclausuramento dos sistemas dominantes.

Diante da perspectiva abordada, podemos dizer que a metáfora das gavetas ilustra muito facilmente o atual modelo de educação que vivemos. Os conhecimentos são armazenados em compartimentos e separados por objetos e objetivos diferenciados, são fragmentos de uma realidade acabada e, muitas vezes fixa, constituindo pequenas visões de mundo. Assim, cada conhecimento é dividido em disciplinas específicas que têm o intuito maior de formar o sujeito para o mercado de trabalho e responder às exigências das avaliações institucionais internas e externas, acabando por privilegiar muito mais a quantidade do processo do que a qualidade de seu desenvolvimento.

Pode-se dizer, nesse contexto, que a condição de sujeitos uno e múltiplos é negligenciada a tal modo que o sistema impõe, o quê, como, quando e a quem ensinar, caminhando para uma generalização do que deve ser ensinado e do que deve ser aprendido. Desse modo, há que se considerar, seguindo essa linha de pensamento, dois tipos de sujeitos: os que se adaptam ao sistema e o reproduzem de maneira fria; e aqueles que tentam fugir a essa regra (e que as vezes não o fogem totalmente, pois acabam enclausurados).

Isso não é diferente na formação de professores. Aqui, não há espaço para se pensar uma formação diversificada, multidimensional e ampla. O conhecimento específico sempre ganha nesse campo de fortes entraves. Morin (2015, p. 16) é muito preciso ao dizer que:

A escola e a Universidade ensinam os conhecimentos, mas não a natureza do conhecimento, que contém em si o risco de erro e de ilusão, pois todo conhecimento, a começar pelo conhecimento perceptivo, até o conhecimento por meio de nomes e ideias, teoria e crenças, é simultaneamente uma tradução e uma reconstrução do real.

Todo o conhecimento a ser ensinado já está pronto, enclausurado numa grade curricular, num sistema fechado. Parece haver um círculo vicioso que obriga e apoia a atual conjuntura da educação que mostra sempre o lado da simplificação como lado mais fácil a ser seguido, mantido e assegurado pelos que participam do processo educacional. Estamos convencidos e procuramos insistentemente também convencer de que o mais confiável, seguro e até o mais prazeroso está por trás daquilo que possa ser provado, verificado e quantificado sob todos os aspectos que nos dão uma clara sensação de segurança e estabilidade. Desse modo, tem-se a educação e a escola como um dos meios propagadores que podem influenciar e movimentar milhares de pessoas inculcando determinadas ideologias que são reflexos de um sistema capitalista desenfreado que cada vez mais fraciona, seleciona e classifica os sujeitos. Contudo, há de se considerar e internalizar que “somos incessantemente ameaçados de nos enganar, sem que saibamos disso. Estamos condenados à interpretação e precisamos de métodos para que

nossas percepções, ideias, visões do mundo sejam as mais fiáveis possíveis” (MORIN 2015, p. 17).

Em outras palavras, necessitamos dos mais rígidos e confiáveis métodos para provar e justificar o que pensamos e o que criamos e tornar tudo aquilo que é subjetivo e íntimo do ser, em algo que sempre assegure a subjetividade e as suas relações de causa e consequência de uma maneira linear. Assim, criamos em nós uma barreira para enxergar nos detalhes a composição do todo, pois estamos acostumados a viver enclausurados em gaiolas epistemológicas e subdivisões sob todas as óticas, que compartimentalizam os conhecimentos em suas disciplinas específicas e áreas, como se nos fosse automático ligar e desligar um botão todas as vezes que toca a campainha para a entrada de um novo professor com uma nova disciplina em sala de aula, o que acaba por gerar uma restrição e uma atrofia no olhar de conjunto que possibilita enxergar apenas o lado de dentro desse espaço, os problemas particulares e reduz expressivamente as possibilidades de conceber a integralidade de todas coisas. Para Morin (2000, 42-43):

Nossa educação nos ensinou a separar, compartimentar, isolar e, não, a unir os conhecimentos, o conjunto deles constitui um quebra-cabeças ininteligível. As interações, as retroações, os contextos e as complexidades que se encontram na man's land entre as disciplinas se tornam invisíveis. Os grandes problemas humanos desaparecem em benefício dos problemas técnicos particulares. A incapacidade de organizar o saber disperso e compartimentado conduz à atrofia da disposição mental natural de contextualizar e de globalizar.

Na formação docente essa ideologia também se perpetua. Quando falamos em formação de professores imaginamos primeiramente uma formação embasada em teorias que possam subsidiar o exercício profissional de maneira coerente e científica. Desse modo, todo o percurso formativo é conduzido de maneira a moldar/transformar um sujeito, antes alheio a tudo aquilo, em um profissional qualificado e apto a exercer sua função na sociedade. Encarar o sujeito como essa tábula rasa é desconsiderar sua trajetória existencial, sua vida e toda sua história.

Estamos em um tempo de transição na educação em que podemos dizer que se busca de forma mais fervorosa, meios mais efetivos para lidar com a atual conjuntura educacional. Algumas vezes surgem caminhos, receitas, ideias que visam transformar o modelo utilizado já ultrapassado há muito tempo. Enaltece-se cada vez mais a eficácia e o resultado em detrimento das qualidades vividas durante esse período que em nada são pertinentes para se pensar o novo, despertar a criatividade e a autonomia. Seria mais que fundamental pensarmos como Morin (2000) quando acredita que o desenvolvimento da inteligência é inseparável da afetividade (curiosidade, paixão, etc.) e que não se deveria haver a repressão da imaginação e curiosidade de nossos jovens.

No tocante a formação docente, Morin (2000) acredita que deve haver um redimensionamento dessa formação, para se pensar no educador de que necessitamos para a construção de uma cidadania planetária. Assim, para ele, a formação precisa acontecer com os professores e não para os professores, o que envolve uma certa mudança de como enxergamos o mundo e a nossa responsabilidade humana. Necessitamos, mais ainda, civilizar nossas teorias, ou seja, desenvolver nova geração de teorias abertas, racionais, críticas, reflexivas, autocríticas, aptas a se autorreformular (MORIN 2000, p. 32)

Para tanto há que pensar em uma formação docente mais humana, mais centrada no sujeito que possa desembaraçar nossa visão com relação ao qual seria o conhecimento pertinente capaz de mudar uma realidade, nossa capacidade autorreflexiva em que aborda todo nosso ser enquanto inacabado e que faz e se refaz cotidianamente com nossas experiências. Por isso é fundamental, que nesses caminhos, haja uma ciência com consciência que se realiza sabendo reconhecer as possibilidades e limites de cada sujeito que traz a si a história da humanidade e a esperança da mudança.

Nóvoa (1992) afirma que o que nos forma é a capacidade de refletir com os outros e que isso só é possível se tivermos a sensibilidade de nos conhecermos e conseqüentemente conhecer o outro em seus limites e suas potencialidades. A experiência por si só e a reflexão sobre essa serão incapazes de formar o professor em sua condição humana, pois estariam isoladas em uma barreira que não conceberia o seu desenvolvimento integral, devendo este acontecer por meio da capacidade de reflexão articulada com os outros, das discussões sobre a realidade, do pensamento conjunto, configurando uma forma mais complexa de formação docente:

A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir a pessoa e dar estatuto ao saber da experiência (NÓVOA, 1995, p.25).

O autoconhecimento concomitante a capacidade autorreflexiva dos docentes que deve ser despertada no período da Universidade, e difundida na formação continuada, é mola propulsora para o desencadear de uma formação de professores que atue com foco nos docentes, que possam desenvolver a capacidade de pensar de forma global, pois quando o ser humano se conhece fica mais fácil de conhecer e entender os outros e compreendê-los de forma mais aberta.

Pensar sobre a prática, refletir sobre suas limitações, seus avanços e suas potencialidades é muito mais fortalecedor e enriquecedor do que a simples aquisição de conhecimentos científicos, sendo necessário que haja um cruzamento e um entrelaçamento dessas ideias e experiências para que possam dotar-se de significado para o sujeito. Tais pressupostos podem conter a base para uma educação do futuro. Assim:

A educação do futuro deverá ser o ensino primeiro e universal, centrado na condição humana. Estamos na era planetária; uma aventura comum conduz os seres humanos, onde quer que se encontrem. Estes devem reconhecer-se em sua humanidade comum e ao mesmo tempo reconhecer a diversidade cultural inerente a tudo que é humano (MORIN, 2000, p. 47).

Não pode haver pedagogia sem relação, sem diálogo. E esse diálogo deve ser entendido como uma construção do conhecimento do profissional e pessoal do ser, um diálogo que possa nos levar a não ter preconceitos. Assim, torna-se crucial para o ensino da condição humana nas Universidades o ensino também da compreensão onde possamos ser capazes de ouvir as vozes e celebrar os vínculos e enxergar que o conhecimento construído com os outros é muito mais viável e pertinente para uma reforma de pressupostos educacionais.

Nóvoa (1992) acredita ser preciso reconhecer as deficiências dos atuais programas de formação e ir além, onde desenvolvam projetos que ocorram mudanças educativas para “produzir a vida do professor” (resgatando suas histórias, experiências e seu saber) e “produzir a profissão docente”, em que possam ser valorizados os educadores e as políticas educacionais, pois: “falar em formação significa estabelecer diálogo, firmar relações por meio de leitura do texto e do contexto; significa considerá-la numa perspectiva de construção coletiva, numa relação de dialeticidade, da reflexão da, na e sobre a ação [...]” (p. 99). É respeitando estas visões que estaremos concorrendo para a formação de professores cada vez mais conscientes de si, comprometidos com o ensino da condição humana nas escolas.

Perpassamos, nessa discussão, alguns dos sete saberes propostos por Edgar Morin em seu livro “*Os sete saberes necessários a educação do futuro*”. E diante disso tentamos estabelecer caminhos metodológicos que pudessem ser despertados e resgatados durante a experiência/reencontro que desenvolvemos com os sujeitos da pesquisa. Alguns desses fatores foram cruciais como o autoconhecimento proporcionado pelas práticas de reflexões com o eu e com os outros, a experiência enquanto campo formador de capacidades por meio da autorreflexão, uma formação pensada para a vida, um conhecimento pertinente e desafiador construído com os outros, o ensino da compreensão, do subjetivo, das vozes adormecidas.

Pineau e Galvani (2012) nos alertam para o fato de que um dos problemas educativos essenciais do século XXI é reduzir essa separação entre a formação docente e as experiências de vida, para que possa ser construído um conhecimento pertinente para a aprendizagem da condição humana. Ainda salientam que a dificuldade principal reside no fato de que as práticas de formação estão atualmente sujeitas ao paradigma positivista das ciências aplicadas, para o qual a realidade se constitui de forma ordenada, objetiva, fragmentada ocorrendo, assim, a separação entre sujeito e objeto, e conseqüentemente encarando a formação da prática

de professores e educadores como a simples transmissão de leis e princípios os quais os praticantes devem logo aplicar.

Vejamos que os autores que tomamos por referência falam de aprendizagem da condição humana como aspecto inerente a todo processo educacional. A educação deve antes de tudo ensinar o homem a ser homem e a lidar com toda sua história. Ao fragmentarmos e parcelarmos o conhecimento “nossa educação não nos ensina senão muito parcial e insuficientemente a viver, ela se distancia da vida ao ignorar os problemas permanentes do viver” (MORIN, 2015, p. 27).

Diante das atuais barreiras que se impõem nos mais variados cenários, torna-se evidente e necessário reconhecer que abrir as portas para uma formação transdisciplinar e para o ensino da condição humana torna-se uma questão de grande urgência e é um tanto quanto desafiadora, pois implica romper barreiras e desconcertar/remexer no que diz ser intocável. Notamos aqui que há uma redução do ser humano ao nível apenas do intelecto e uma divisão incessante de culturas que procuram fixar suas normas e fazê-las espalhar-se como predominante.

Krishnamurt (2003, p. 44) afirma que “deve a escola ajudar aos jovens a descobrir as vocações e responsabilidades, e não apenas encher-lhes a mente de fatos e conhecimentos técnicos, deve ser o solo onde possam crescer livres de temores, felizes, e integralmente”, sendo, portanto, caminho para a descoberta da liberdade, do contraditório, da poesia, do jogo.

Surgem cada vez mais propostas integradas e coerentes com o real significado da relação entre educação e vida. Fala-se em autoformação como uma abordagem interior da educação, algo que vem de dentro e que apresenta uma pluralidade tamanha. Com isso:

Deveríamos inverter completamente o eixo da ação educativa para desenvolver uma abordagem interior da educação: a autoformação. Esta comunicação pretenderia mostrar que a autoformação implica, por um lado, numa abordagem transdisciplinar, para considerar a pluralidade de níveis de realidade desses dois conceitos: *autos* (si) e *formação*. E, por outro lado, que a autoformação é um processo antropológico que implica numa abordagem transcultural (GALVANI 2002, p. 93).

É transdisciplinar porque toma os sujeitos e a formação em sua completude e aborda os diferentes tipos de realidade, propondo um diálogo aberto entre as diversas formas de conceber o conhecimento. E é tida como transcultural por entender e perceber essa amálgama de relações e trocas que se estabelecem entre os sujeitos que servem para constituir nossa visão de mundo.

Há aqui um modo de educação que pensa no sujeito como protagonista do seu espetáculo da vida. Uma formação que considere o si e o todo complexo e que envolve um processo tripolar: si (autoformação), os outros (heteroformação), as coisas (ecoformação).

Para Galvani (2002), a educação e as influências sociais, familiares, do meio social e da cultura e as ações que fossem definidas pelo meio ambiente cultural fazem parte do polo da heteroformação. Da ecoformação fariam parte as influências físicas, climáticas e as alterações físico-corporais que dão forma à pessoa, incluindo também uma dimensão simbólica.

É normal que apareçam questionamentos e reflexões íntimas o que pode ocasionar um redimensionamento no território do olhar. A autoformação se dá desde o primeiro momento que começamos a questionar as coisas e quando partimos para um conhecimento mais bem estruturado de nós mesmos. Diríamos que:

São processos de tomada de consciência e de retroação da autos sobre si mesma e sobre suas interações com o meio ambiente físico e social [...], assim, a autoformação ultrapassa, integrando-os os limites da educação entendida transmissão-aquisição de saberes e de comportamentos (p. 95) [...] A autoformação começa com as primeiras oposições do sujeito face aos determinantes herdados do meio ambiente (GALVANI, 2002 p. 97).

Quando nos confrontamos com o outro é mais fácil ocorrer o processo de autoformação, pois este não funciona sozinho. O que vai diferenciar o trajeto entre um sujeito e outro é o nível de consciência em que ele é despertado. São os processos reflexivos, que muitas vezes são pensados distantes da experiência vivida, que nos colocam a perceber-nos e perceber o outro de um modo diferente, pelo simples fato de que eu enxergo o outro a partir do que tenho dentro de mim. Talvez por esse motivo é que seja tão necessário sair do centro e desviar os olhares do des controle e da crise para ampliarmos a nossa capacidade reflexiva.

Entender o que é o processo de autoformação e como esse se desencadeia ao longo da existência é fundamental para quem pretende conhecer o ser humano e conhecer a si mesmo. É porque ele nunca acontecerá sozinho que será necessário um sem fim de relações com o outro para que eu me perceba como ser humano. As relações estabelecidas tendem a deixar marcas duradouras que serão lembradas durante toda a vida.

Uma simples metáfora ilustra muito bem o processo de autoformação. Ao olharmos o rio, por mais que estejamos a sua margem, não conhecemos os seus perigos, as suas belezas profundas, as suas viagens misteriosas. É preciso então que adentremos no rio para desvendar o desconhecido, provar dos seus mistérios e conhecer o incógnito. Assim acontece com o ser humano em seu percurso formativo. É necessário que viva aquela experiência, navegue em

suas águas (muitas vezes sem ter pretensão alguma) e algum tempo depois descubra como aquilo teve tamanha importância na sua vida.

Partindo desses apontamentos e procurando despertar olhares mais reflexivos e sensíveis sobre formação docente em uma perspectiva mais humana é que desenrolamos o tecido para pintar a tela deste estudo.

Sabendo que a autoformação se dá de maneira inconsciente e que bem ou mal ela ocorrerá nos transcurtos da vida, tentamos criar meios para que os sujeitos pudessem refletir sobre seus próprios percursos autoformativos durante o (re) encontro. Tomamos por base os princípios de Galvani (2002) para realizar uma pesquisa em que pudesse constituir um viés de resgate e reflexão sobre a autoformação docente e prepararmos um encontro subsidiado por seus encaminhamentos. Tais princípios são:

- Organizar um retorno reflexivo sobre a experiência a partir de um suporte metodológico cuja orientação pode ser: epistêmica, prática ou simbólica;
- Solicitar uma produção pessoal para um suporte coerente com o nível de formação visado (análises críticas, relatos de práticas, histórias de vida, simbolização, etc.);
- Articular o pessoal e o coletivo numa troca socializada a partir das produções pessoais;
- Mediatizar o cruzamento e a troca das produções pessoais para: pluralizar os pontos de vista, ativar a tomada de consciência das diversas construções da realidade, produzir efeitos emancipadores de tomada de consciência, *a priori*, dos hábitos, dos etnométodos, etc.

Por meio de reflexões, debates, discussões de cunho teórico e muitas leituras, sobre transdisciplinaridade, complexidade, autoformação e outros temas específicos desse estudo, embasadas nas leituras de alguns autores como Morin (2000, 2003, 2015), Galvani (2002), Souza (2014), Pineau (1999) conseguimos pensar em um momento que pudesse atingir os princípios supracitados e que viesse a propiciar aquilo que ora acreditávamos. Então, propomos a realização de um reencontro entre os participantes do grupo PIBID, subprojeto de Educação Física, e desenvolvemos um dia cheio de lembranças, conversas, histórias, rodeados e recheados de muita poesia, música, pintura, imagens, riso e um ambiente bem convidativo a uma boa conversa.

Fomos ao encontro de uma formação humana que pudesse ver o ser como integral. É através de narrativas de vida desencadeadas em meio a um percurso formativo que os retalhos que formaram a colcha da vida foram colhidos e alinhavados à existência. Entendemos a vida como uma festa de cores e mais ainda que é preciso dotá-la de uma magnitude de essências. Podemos dizer aqui, conforme Morin, Roger e Mota (2007), que o método emergiu durante a

experiência e se apresenta ao final como se para uma nova viagem. Desse modo, afirmamos que tal “método define-se pela possibilidade de encontrar nos detalhes da vida concreta e individual, fraturada e dissolvida no mundo, a totalidade de seu significado aberto e fugaz” (MORIN, ROGER e MOTTA, 2007 p. 23).

O título do próximo item vem com a primeira expressão *Fiat Lux* que quer dizer “Faça-se Luz” e retoma a ideia do surgimento da criação. Foi uma das primeiras expressões utilizadas por nossos sujeitos da pesquisa quando do ato do reencontro. Isso se deu pelo fato de todos terem prestado concurso público recentemente e que essa expressão foi alvo de uma questão que causou polêmica entre todos. A luz do reencontro se deu já nesse primeiro contato, quando percebemos que mais uma vez todos os destinos estavam se cruzando.

## **2.2 Faça-se Luz! E a experiência se fez**

O olhar cuidadoso, a água derramada que se espalha rapidamente, o brilho no olho, a sombra de uma árvore que convida a uma conversa boa e cheia de lembranças divertidas e saudáveis, o ambiente todo repleto de recordações, a cidade, os mesmos rostos, ideias diferentes, a mesma experiência. Eis o reencontro: o dia em que um grupo, cujo sentimento estendeu-se muito além da academia, reuniu-se para “reviver”, “desenhar”, “poetizar”, “recordar” e tantos outros verbos que poderíamos usar aqui, um momento sem definições prontas e sim contagiados de expectativas e satisfação de ter usufruído daquilo que marcou suas vidas, segundo as palavras de quase todos esses sujeitos que nos apresentaram com essas histórias. Foi e é um conjunto. Um conjunto complexo que envolveu pessoas e personalidades, objetos e objetivos, vida e formação. Encaramos que somos complexos por natureza e que “cada um de nós traz em si sua própria complexidade, que poderia ser reconhecida, e cada um defronta-se em qualquer momento importante de sua vida com os desafios da complexidade” (MORIN 2010 p. 246).

Edgar Morin (2003) em sua obra “A Cabeça bem Feita” nos alerta para uma realidade por vezes esquecida. Ele afirma que a educação deve, antes de tudo, ensinar a viver. Isso parte de uma necessidade não só de conhecimentos, mas também da transformação, em que o próprio conhecimento adquirido se transforma em sapiência, e da incorporação dessa sapiência para toda vida.

Há uma necessidade gritante de se falar em formação humana. Uma formação que seja base para ensinar a condição humana e que processos afetivos e amorosos que são, ao mesmo tempo, dialógicos, interativos e auto-eco-organizadores, sejam incorporados e aprendidos nesse trajeto (BATALLOSO, 2012 p. 152). Foi preciso sair do centro para que pudéssemos perceber o que nos esperava.

Ensinar a condição humana nas escolas seria antes de tudo fazer uma religação dos elos perdidos e erguer pontes acima dos abismos construídos sob cada conhecimento e ensinar que o mais importante sempre será o que se aprende para ser usado na vida e para com os outros em uma educação pautada na responsabilidade e na ética.

É essencial, como diria Morin (2000, p. 61), mostrar o verdadeiro sentido da educação e o que essa deve vir a formar:

Por isso, a educação deveria mostrar e ilustrar o destino multifacetado do humano: o destino da espécie humana, o destino individual, o destino social, o destino histórico, todos entrelaçados e inseparáveis. Assim, uma das vocações essenciais da educação do futuro será o exame e o estudo da complexidade humana. Conduziria à tomada de conhecimento, por conseguinte, de consciência, da condição comum a todos os humanos e dá muito rica e necessária diversidade dos indivíduos, dos povos, das culturas, sobre nosso enraizamento como cidadãos da Terra.

Em outras palavras, quanto mais se acentuam os progressos do conhecimento mais evidenciam-se as disparidades existentes entre tais conhecimentos e o que eles de fato devem ensinar e de forma gritante a educação pede socorro. Por isso, há que se colocar em prática as novas ideias para uma reforma da educação para a humanidade, que antes de tudo começa por uma reforma do pensamento, sendo fundamental, desenvolver um conhecimento pertinente, como diria Morin (2000), que fosse capaz de ensinar os métodos que permitam estabelecer as relações mútuas e as influências recíprocas entre as partes e o todo em um mundo complexo.

A pesquisa foi um resgate de narrativas de vidas e de acontecimentos que marcaram os sujeitos. Benjamin (1993) nos diz que um acontecimento vivido é finito, ou, pelo menos, encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois. Já tínhamos a porta, então procuramos a chave e encontramos a “casa comum”, onde pudéssemos nos sentir abrigados para este momento de troca.

Compartilhamos da ideia de Cyrulnik (2009, p. 12) quando acredita que “um relato não é a volta do passado, é a reconciliação com a própria história [...] a fabricação de um relato de si, preenche o vazio das origens que perturbava nossa identidade”.

Discorreremos sobre esse contexto buscando enaltecer os detalhes mais preciosos que passam despercebidos diante das grandes lentes e das grandes narrativas, mas que foram e são cruciais para o nosso entendimento frente ao complexo contexto que ora adentramos.

Houve todo um processo de estruturação para que o reencontro pudesse acontecer. Inicial e essencialmente a construção teórica foi o primeiro passo. Era preciso que a teoria pudesse ser incorporada para dar base a tudo que estava por ser construído. E quando ocorre

o enraizamento desse conhecimento em nossa corporeidade fica mais fácil compreender que o conhecimento produzido pela pesquisa é fruto de uma cooperação global, envolvendo as diferentes dimensões humanas: intuição, emoção, sentimento e imaginação, além da razão (MORAES E VALENTE, 2008).

Pensando nisso estabelecemos encontros quinzenais, entre orientadora e orientanda, para que pudessem ser discutidos textos referentes à temática e os sujeitos do estudo, antes de proporcionarmos a experiência aos nossos sujeitos. Dessa forma, foi crescendo a sementinha que de início pareceu ser apenas uma utopia. Assim, partimos da premissa de uma “boa utopia”, aquela realizável, como bem nos coloca Morin (2002), em que se acredita em uma ciência com consciência que possa servir para uma reforma da universidade e do ensino básico e mais especificamente uma mudança da realidade em que se vive. Seria então acreditar na ideia de que um outro caminho é possível suscitando uma ressurreição da esperança. Não mais a antiga esperança, fundada sobre a certeza do progresso, mas uma esperança consciente da aposta que ele comporta.

Nesse emaranhado de incertezas notamos que há um começo que vem antes da viagem começar funcionando até mesmo quando nos referimos ao método/caminho de pesquisa. Para Morin, Roger e Mota (2007, p.29) “o método não parte de crenças seguras de si mesmas, aprendidas e encarnadas, como demônios que se alimentam de nossa sede de certezas e da ambição de conhecimentos absolutos e inalteráveis. O método é o que ensina a aprender.”

Os primeiros passos de caráter mais prático foram sinalizados quando pensávamos em um lugar adequado para que pudessemos viver aquele momento. E foi pensando na configuração do grupo, no desenvolvimento da pesquisa, nas necessidades de cada um que escolhemos o ambiente. Uma casa grande, com vários espaços abertos convidativos a uma boa conversa, rodeada de árvores e um alpendre bem amplo. Era o lugar perfeito para o que pretendíamos desenvolver. E como diria um de nossos sujeitos, era um ambiente de verdades.

Fizemos o convite a alguns membros do PIBID do curso de Educação Física do CAPF/UERN e nove deles se prontificaram e atenderam ao chamado. Já dispúnhamos do local e das pessoas, faltava agora o enredo. E esse veio cheio de poesia, músicas, fotos, histórias e um cheirinho gostoso de comida, que tinham como principal tempero o amor e o diálogo. Esse último é entendido aqui como troca de conhecimentos em que fez circular sentidos e significados, estabeleceu e fortaleceu vínculos através da formação de redes das quais os sujeitos estavam intimamente conectados. Ali só houve diálogo e a conseqüente comunicação porque os sujeitos estavam abertos para a experiência e para o outro, sem máscaras e dispostos a escutá-los em suas pequenas *nuances*.

O encontro foi preparado a luz de fundamentações de natureza teóricas e ontológicas para dar a todos a base do que propusemos. Para Moraes e Valente (2008, p. 14):

Qualquer opção metodológica feita por um pesquisador pressupõe, implicitamente, uma tomada de posição ontológica e epistemológica. Assim, antes da escolha do método de pesquisa e da seleção dos procedimentos estratégicos adotados na abordagem de um problema qualquer, é preciso examinar a congruência paradigmática existente entre as teorias que fundamentam a pesquisa, o método selecionado para a solução de determinado problema e os respectivos procedimentos estratégicos planejados.

Em outras palavras, o pesquisador nunca está alheio à realidade observada, pois é parte integrante dela, não havendo como separar ou difundir sujeito e objeto. Diferente dos ideais positivistas, nos quais a realidade é dada sob uma sequência linear, sendo, por sua vez, mecânica e direta, a realidade que adentramos ao idealizar esse reencontro partiu de um contexto incerto e de natureza complexa, que se constituiu de uma dinâmica não-linear, indeterminada, de natureza recursiva ou retroativa, cujo padrão de funcionamento aconteceu em rede. Assim é importante conhecer esses processos porque toda pesquisa tende a refletir sempre um conjunto epistemológico que nos permite conhecer o contexto pesquisado (MORAES e VALENTE, 2008).

Considerando essa perspectiva, preparamos um roteiro e diversos ambientes, como se fossem os retalhos que pudessem recriar fatos, lembranças, sentimentos e sensações naqueles sujeitos que iriam ali adentrar. Articulamos o contexto baseado nas premissas de um pensamento complexo, de maneira que tentamos “uma forma de pensar não apenas as ciências, não apenas a filosofia, não apenas política, mas também a vida cotidiana, a vida de cada um de nós” (MORIN, 2010, p.216).

Embasamo-nos e conectamo-nos também com o pensamento de Moraes e Torres (2006), bebemos da mesma fonte das autoras, visando um melhor andamento e desenvolvimento da experiência, ao crermos que todo conhecimento é sempre uma construção individual e social que acontece nos espaços consensuais, onde não há uma realidade independente do observador, pois este entretece junto com sujeitos todo o enredo pesquisado:

O observar, o aprender e o conhecer são fenômenos biológicos, que se confundem com a própria dinâmica da vida e, neste sentido, o sujeito cognoscente participa com toda a sua inteireza, com todas as suas emoções, sentimentos, intuições e afetos. Participa também com suas histórias de vida, sem separar o fato da fantasia e o passado do presente e do futuro. Todo conhecimento gerado na pesquisa depende sempre da relação sujeito-objeto, condição inaceitável para o paradigma tradicional, que concebia o sujeito separado do objeto do conhecimento. Assim, todo pesquisador está implicado no seu projeto de pesquisa. Consciente ou não, ele está estruturalmente acoplado em termos de energia, matéria e informação (MORAES e TORRES, 2006, p.147).

## *Fecendo Linhas e Afetos:*

O PIBID DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA UERN COMO CAMINHO AUTOFORMATIVO

A fim de articularmos da melhor forma possível todas estas ideias e fundamentações, pensamos em um ambiente que pudesse de fato proporcionar essa compreensão/reflexão da formação e autoformação. O ambiente foi decorado em três estações, as quais se espalharam ao longo dos cômodos vazios da casa. Logo na entrada, na sala, havia um som que ecoava uma música calma que enchia a alma de energia positiva e espalhadas nas paredes brancas, recortes das histórias de vida contadas no período de formação no PIBID por cada um que por ali passeava. Apostamos nas narrativas de vida por entendermos que elas fornecem todas as instruções essenciais que precisamos para ter uma vida útil, necessária e irrestrita, uma vida que vale a pena ser lembrada (ESTÉS, 1998). A seguir as imagens I, II, III, IV e V mostram os ambientes e as estações montadas:

**Imagem I:** Relato das narrativas de vida



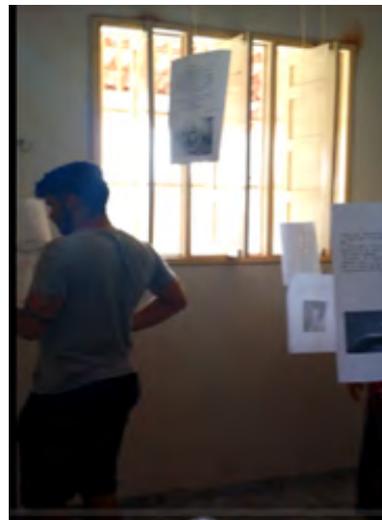
Fonte: Silva, 2016.

**Imagem II:** Estação I – As fotos



Fonte: Silva, 2016.

**Imagem III:** Estação II – Os poemas



Fonte: Silva, 2016.

**Imagem IV:** Momento da confecção da pintura nos retalhos



Fonte: Silva, 2016.

**Imagem V:** Construção dos poemas



Fonte: Silva, 2016.

Digamos que nesse momento houve a segunda ideia de tudo, porque a primeira talvez tenha vindo logo quando o convite foi feito, logo ao reencontro na mesa do café naquela casa solta de paredes brancas com aqueles mesmos rostos que costumavam se reencontrar todas às terças e quintas em uma sala de aula da Universidade. Abaixo as imagens VI, VII, VIII e IX mostra o grupo participante do PIBID em ações desenvolvidas pelo programa:

**Imagem VI:** Oficina desenvolvida pelo PIBID com o paraquedas



Fonte: Silva, 2013.

**Imagem VII:** Atividades desenvolvidas nas Escolas



Fonte: PIBID/CAPF, 2013.

**Imagem VIII:** Participação de eventos e minicursos desenvolvidos



**Fonte:** PIBID/CAPF, 2013.

**Imagem IX:** Encontro do grupo na Universidade



**Fonte:** PIBID/CAPF, 2013.

Nos recortes das narrativas haviam frases de efeito que já despertavam sentimentos diversos e resgatavam memórias algumas vezes adormecidas. Haveria ainda mais dois ambientes que ficaram em dois quartos vizinhos. O primeiro com poesias impressas em uma folha de papel penduradas por uma linha fixada no teto formando uma exposição que seguia o ritmo ao balanço do vento. Era um espaço de reconhecimento de si com um envolvimento extremamente íntimo. Percebemos que através da linguagem poética houve um reconhecimento de um todo presente na unidade que cada um trazia em meio a tamanha diversidade. Assim:

Reconhecer-se a si mesmo significa, então, ser capaz de identificar nossos próprios sentimentos, emoções, desejos, motivações, razões, interesses e valores, compreendendo as relações, vínculos, bifurcações e contradições que se produzem entre pensamentos, sentimentos, palavras e ações, ou seja, conhecer o modo em que os impulsos e as emoções influenciam nossa própria conduta e os objetivos que nós estabelecemos. (BATALLOSO, 2012 p. 160)

Era um convite à inspiração. Poesias e poemas com temas sobre amizade, reencontro, o que é ser humano, formação para a vida, que enfeitavam aquele quarto de paredes brancas. Muitos deles serviram de entusiasmo criador para a escrita de poemas, a pintura nos tecidos e o contar de suas histórias. Um sujeito no final do dia, inspirado por aquilo que tinha vivenciado, nos presenteou com esse acróstico com o nome PIBID e nos leva a refletir e enxergar algumas miudezas nos olhares:

**P**artindo da experiência adquirida  
**I**novamos nosso estilo profissional  
**B**uscando superar desafios  
**I**rmanado num só ideal  
**D**espertamos nosso amor incondicional

(Solange França)

Na estação ao lado, o outro quarto, havia dezenas de fotos espalhadas igualmente as poesias. Cada uma delas traziam à luz narrativas vividas por quem a olhava. Refletiam dentro de cada imagem o momento daquela experiência. O movimento dançante das fotos penduradas trazia consigo também o movimento dos sorrisos, das lembranças e dos afetos despertados.

Depois de percorrer as estações desse caminho, todos foram chamados a refletir sobre os passos dados. Embaixo de uma árvore, sentados em um banco de madeira, foram trilhando e contando um pouco de suas narrativas de vida que desaguavam sempre no PIBID como ponto de forte atenção em cada fala. Cada sujeito foi convidado a falar um pouco de si e de sua trajetória de vida e formação e, conseqüentemente, de seu processo de autoformação.

Nessas histórias contadas foram percebidos vários pontos cruciais que faziam realmente valer a pena aquilo tudo que estava acontecendo como, por exemplo a liberdade, o fortalecimento da amizade, a noção de integração e complexidade, e de alteridade do “eu” com o “outro”.

Era notório perceber o envolvimento e o companheirismo daquele grupo quando relembavam histórias coletivas vivenciadas por eles e registradas naquele momento em meio a risos e afetos, imagens e palavras, luz, som, pinturas e registros. O ambiente, o grupo, as sensações, as reflexões, foram se alinhavando.

Percebemos também na fala da maioria deles a presença de alguns efeitos emancipadores, ideia tratada por Cyrulnik (2009), que poderia ser definida como a evolução do sujeito de um estágio para outro a partir da vivência de algumas situações cotidianas podendo ser usados como norte para demais circunstâncias quando comparados a uma situação anterior, a partir da mudança de hábitos e atitudes. Um exemplo muito constante na fala dos sujeitos foi a mudança de postura frente a determinada situação da vida em geral ocasionada por ter vivido a experiência do PIBID com aquele grupo, sendo uma das falas principais partilhadas por diversos sujeitos e como também os olhares de mundo e sobre o “ser professor” que foram alargados e ressignificados.

Após passar por cada estação e também depois de algumas horas de conversa embaixo de uma árvore para dissipar as sombras, fizemos um convite à expressão dos sentimentos através da pintura. Pedimos que fosse feito um desenho livre com retalhos e tintas que estavam espalhados ao longo daquela área livre e aberta da casa. Inspiração eles já tinham, faltava agora externar aquilo e foi o que aconteceu. Surgiram os mais diversos tipos de desenhos desde aqueles que falavam da liberdade adquirida, como daqueles que expressavam seu estado de espírito naquele momento, como também os que pintaram a amizade construída e fortalecida pelo grupo por meio do PIBID e daquele encontro. Ocorreu uma espécie de sensibilização e compreensão.

A compreensão humana nos chega quando sentimos e concebemos os humanos como sujeitos; ela nos torna abertos a seus sofrimentos e suas alegrias. Permite-nos reconhecer no outro os mecanismos egocêntricos de autojustificação, que estão em nós, bem como as retroações positivas (no sentido cibernético do termo) que fazem degenerar em conflitos inexplicáveis as menores querelas. É a partir da compreensão que se pode lutar contra o ódio e a exclusão (MORIN, 2003 p. 51).

O último momento foi vivido fora da casa. Como pedimos para construírem uma poesia buscando a inspiração em todo o momento, alguns procuraram o melhor lugar que poderiam encontrar para escrever. Outros sentaram-se no banco da praça em frente à casa. Foram nesses bancos que desfrutamos de um dos momentos mais intensos daquele dia. Diríamos intenso, pois tudo o que é humano nos afeta, nos implica e nos expressa como seres

complexos, multidimensionais e irredutíveis a qualquer representação (BATALLOSO, 2012 p. 154). Naquele momento cada um foi explicar e ler a poesia que havia escrito. As poesias que foram a síntese desse encontro e a finalização daquele dia.

No desfiar do tempo os momentos iam revelando lembranças, inspiração, poesia, afetos, a cada estação da pesquisa, iam também sendo revelados diversos olhares sobre uma mesma formação desencadeada por óticas que romperam a fronteira do individualismo.

Nota-se que as histórias foram sendo tecidas em conjunto. A cada novo detalhe incorporava-se uma outra cor àquilo que estávamos produzindo, a nossa colcha de retalhos da vida. Diante disso confiamos na ideia de que devemos pensar uma educação e uma formação com e para o coração que envolve o emocional e o sentir humano, mas também de uma educação para a contemplação, o agradecimento e reflexão, que inclui o ético, o estético e o mais íntimo e profundo de cada pessoa (BATALLOSO, 2012 p.163).

Os relatos de si, as narrativas contadas e vividas, modificam o entendimento daquela história. Nos tornam leves e nos fazem entender melhor aquele enredo. Dizem que lembrar é viver, mas pensamos mais além. Lembrar, contar, narrar é construir de novo. Reconstruir a partir do já vivido um novo fim e um novo entendimento para o mesmo começo.

O que seria do homem se não fossem as suas histórias? Um ser vazio, uma tabela em branco, uma moldura sem imagem? Se assim fosse, perderíamos nossa essência e nossa complexidade, pois são nossas histórias que nos edificam, nos orientam e na contramão disso, por vezes, nos deixam sem rumo. Percebemos que falar de si é deixar correr as águas interiores, é, por vezes, libertar-se, é entendimento e também busca.

É convite ao vir a ser, ao meu mundo que será seu a partir de agora. Quando se fala de si há um convite aberto a entrar e um aviso para desfrutar com cuidado. Por isso que é importante estar atento, saber ouvir e abraçar, porque na medida em que a minha escuta pode transcender eu passo a ser o outro e a viver as dores e alegrias do outro com as suas incompletudes e imperfeições.

Essa pesquisa parte do humano, das relações vividas, vivenciadas, desfrutadas, saboreadas ao longo de múltiplos processos formativos que são também processos de autoformação, daquelas histórias cruzadas e emaranhadas que vão tecendo o sentido de existir. Eu existo porque eu sou. Sou eu comigo mesmo, com os outros, com todos nós.

Parte também da formação, a minha formação enquanto pessoa, o que recebemos construímos e desconstruímos. Houve momentos de perda e de encontros. Achei-me, depois de todo o vivido, evoluída, alterada, diferente e até avessa, mas aquele avesso sendo o lado real que já era para ter desabrochado.

Há uma descoberta, o achado, o novo. Um meio sem fim, um fim sem meio. Há um começo que sempre se renova dependendo do olhar, da luz, da abertura do coração. A depender da poesia que é o próprio ato de viver, da vida, do olhar descentrado, do coração afetuoso e da intenção de abraçar. Essas poesias nos serviram para um melhor tracejo da pesquisa e para uma descoberta e ampliação de novos olhares e para novos entendimentos sobre a complexidade e a formação humana.

A educação para a condição humana é aquela que rompe fronteiras e que tece as linhas do sentir/pensar da humanidade, uma educação que tenha consciência do todo, que seja por natureza planetária, em que não se possa engaiolar o conhecimento. Por isso, necessitamos abrir as portas da gaiola e deixar os pássaros voarem livremente. O conhecimento é indivisível e os elos precisam ser reconstituídos.

# 3.

## **SEGUNDO AFETO — TECENDO A COLCHA: DA FORMA AO ACONCHEGO**



Aprendendo sobre a casa aprendemos sobre o mundo todo. Pois o mundo todo é a grande casa em que moramos, o último anel da cebola...

*(Rubem Alves)*

Este “afeto” parte da capacidade criadora e sensível de cada sujeito a partir da reflexão de si. O desenvolvimento do encontro, em que teve por culminância a escrita dos poemas, foi todo pensado levando em consideração objetivos específicos, os sujeitos envolvidos e o contexto da formação, sendo adaptado e reformulado de acordo com características surgidas durante sua efetivação. Neste afeto foram analisados os poemas produzidos por cada sujeito no momento do reencontro. O sentido de “casa comum” para aqueles que ressignificaram trajetórias a partir daquela experiência.

É preciso fazer sonhar. Sonhar o mesmo sonho de uma outra forma. É preciso deixar acontecer. Deixar o mesmo acontecer com gosto e cor de um novo sabor. É preciso abrir-se ao conhecimento. Abrir-se e deixar-se inundar, transbordar, derramar com suas múltiplas facetas, num processo de construção e reconstrução.

Podemos nos perguntar então o que seria de nós sem aqueles que reconhecemos como o outro? Sem os ganhos e perdas cotidianos? Sem a possibilidade de sim ou não? Sem a história, a cultura e as marcas diárias que carregamos? E indo mais longe, o que faríamos se existisse na vida apenas uma alternativa, uma via única, sem aberturas, rupturas ou possibilidades de erro?

Como são doces os poemas quando saem de dentro de nós, mesmo trazendo uma saudade marcante são doces, porque falam de algo que foi vivido com a intensidade de quem queria desfrutar mais um pouco e até mesmo podem trazer uma vontade de viver aquilo que outrora foi pensando. E porque não pensar a formação humana como um caderno, em que vamos escrevendo nas linhas em branco os poemas doces e/ou amargos que vão produzindo nossa história. Cada poema pode servir de ponte para outro fazendo parte de uma linha que nunca é tênue, pois nela está presente as suas múltiplas relações, outros olhares e diversas experiências entrelaçadas.

Foi necessário escutar o que os sentimentos que traziam os poemas queriam nos passar, tarefa que se mostra intrigante e ao mesmo tempo complexa. Seria necessário ter uma espécie de escuta sensível para sentir-se afetado pelo texto do outro e despido de juízos e poder internalizá-lo e analisá-lo. Para Kanaan (2002, p.16):

Para escutar o texto é necessário se colocar em uma posição particular, a de uma “disposição”, em que afetado pela narrativa do outro, pelo “texto do outro”, eu pudesse me colocar receptivo ao que este me comunica. Não apenas na forma e no conteúdo, mas em sua própria constituição, permitindo-nos reeditar não só as suas marcas particulares como as daquele que se coloca à escuta. Uma posição marcada por uma proximidade e um certo distanciamento necessários à escuta de todos os afetos que nos habitam.

Percebe-se que os sujeitos, durante o dia, foram embargados com certas doses de nostalgias por inúmeras vezes, pois o ambiente os fazia retomar e resgatar diversas lembranças tanto boas como, porventura, ruins, que serviram também de crescimento, amadurecimento e uma forma de repensar a formação de maneira mais abrangente, uma formação que eles mesmos agora avaliavam sobre o que os formou. Mas o essencial era que pudessem notar a religação dos fios. Religar os momentos vividos durante toda a sua trajetória até ali e notar como esses momentos puderam influenciar suas escolhas e perspectivas atuais, até chegar ao ponto em que pudessem, mesmo que em alguns momentos de forma inconsciente, refletir sobre as seguintes questões: O que eu fiz que me fez? Como minhas experiências foram me refazendo? Como cheguei até aqui? O que vem formando?

Tais situações podem ser efetivadas quando materializaram o sentido/vivido em poemas, pinturas em tecido e histórias de vida contadas, o que estavam vivendo e reescrevendo sob uma perspectiva mais sensível. Conforme havíamos dito, a produção dos poemas foi o fechamento da cortina do reencontro. Estavam escrevendo ali mais uma página do mesmo livro, do livro da vida. E isso se dava de modo tão peculiar que mexia com a singularidade de cada sujeito. Vida e formação foram inundadas com e por essa conexão de palavras, frases e versos especiais que tentavam traduzir sentimentos conhecidos e desconhecidos ao mesmo tempo.

Aos poemas que ainda não tinham um título, os foram dados conforme o despertar de sensações que traziam consigo significados expressos nas entrelinhas.

### **3.1 Oportunidades**

Ao escutarmos os poemas de forma densa e sensível, um dos sujeitos traz a experiência dos acontecimentos como forma de crescimento humano, só cabendo ao nosso olhar enxergar a poesia que há naquilo. Assim, Dias (2016) nos presenteia de forma leve:

***Chega um tempo na vida que amadurecemos de uma forma ou de outra. Na vida nós é dado momentos de experiências onde cabe a nós mesmos tirar proveito das situações e ver o seu lado positivo.***

***Aprendi que viver é a melhor coisa da vida, que as decepções um dia irão passar, mas que tudo, absolutamente tudo, será aproveitado.***

***Aproveitamos o que Deus tem colocado pra nós, agarremos as oportunidades, nem sempre você terá outra.***

*Perdoe, assim sentirá o que é o amor. Viva intensamente,  
tenha fé, batalhe por suas metas, busque enxergar beleza  
nas coisas, isso te fará pleno.*

*(Anderson Dias)<sup>3</sup>*

Podemos mencionar dois fatores marcantes nesse poema quando estamos nos referindo a vida e formação: a experiência contida nos acontecimentos que serve de aprendizado e o gosto pela vida tida como inconstante. É uma autoprodução fervente e também uma percepção disso que produz o aprendizado e que faz a experiência valer, nunca se dando de forma neutra e sim cheia de paixão.

Se olharmos de maneira autopoietica, nosso sujeito traz marcas de lutas diárias evidenciadas quando faz menção ao crescimento pessoal, em que segundo o poema esse crescimento pode ser entendido dentro de uma perspectiva humana, considerando o ser humano e seus antagonismos, para assim aprender a tirar proveito de todas as situações vividas por ele. Nos faz sentir, em meio as entrelinhas, suas lutas diárias, seus afetos e pulsões marcantes que configuram e vão dando sentido a sua caminhada. É no cair e levantar-se que vai tecendo as linhas da vida. É no erro e no acerto, ou na tentativa de acerto, na necessidade do perdão.

A noção de autopoieses deve ser aqui entendida como a capacidade que os seres vivos têm de produzir a si próprio, amparadas na visão de Maturana e Varela (1995). O sentido empregado nessa pesquisa deve ser de um sujeito que é capaz de refletir de forma consciente sobre suas possibilidades. Para os autores:

A autopoiesis ressalta a necessidade de reflexão, por entender que A reflexão é um processo de conhecer como conhecemos, um ato de nos voltarmos sobre nós mesmos, a única oportunidade que temos de descobrir nossas cegueiras e de reconhecer que as certezas e os conhecimentos dos outros são, respectivamente, tão nebulosos e tênues quanto os nossos (MATURANA E VARELA, 1995, p. 67).

A preocupação central da autopoiesis não é somente a realidade e a existência do mundo, mas está na forma como interpretamos o mundo e entendemos a realidade, pois é necessário que se possa compreender o modo pelo qual usamos nossa própria compreensão, enquanto seres humanos e observadores.

---

**3** Os poemas, conforme dito na metodologia desse estudo, estão transcritos em outra fonte com letras cursivas a fim de trazer essa noção mais sentida de que foi escrito a mão. Os autores dos poemas e das pinturas, sendo os sujeitos das pesquisas, serão referenciados ao final do texto para melhor compreensão do leitor.

Tudo isso também pode ser percebido em suas falas carregadas de afetos ao retomar momentos de sua vida, estando presente os desafios diários de um jovem que sai de casa em busca da realização de seus sonhos:

É, passei e vim (refere-se a faculdade), saí a primeira vez de casa, nunca tinha saído de casa e vim morar em Pau dos Ferros, sem norte, sem saber como é que ia fazer.

[...] E assim, o período da faculdade talvez tenha sido o melhor período da minha vida, porque foi onde eu encontrei, fora os familiares que estavam do meu lado, encontrei as pessoas que eu tenho certeza que vou levar pro resto da vida (Relatos de Anderson).

Em suas palavras notamos a forte presença dos vínculos estabelecidos e como os encontros pareciam ser as peças que iriam se encaixar em meio ao contexto. Desse modo, quando falamos em vida, formação, relações com os outros e com o ambiente, estamos falando em autoformação. E nisso fica claro que essas experiências serviram de contornos, projeções e evidências de que tudo está ligado em uma teia, sendo perceptível em quase todos os poemas esse resgate e essa imbricação. O sujeito faz um resgate em sua memória de acontecimentos que o formaram, momentos charneiras e recordações-referências que serviram de alavanca para se pensar sua vida e sua caminhada. E em uma dessas recordações, nos traz a figura de dois professores que foram marcantes em sua vida e os toma também como inspiração:

[...] foram duas pessoas que dentro da minha profissão tiveram papel importante dentro do que eu penso hoje em ser professor, a minha primeira professora e o meu professor de educação física.

E sempre escutar uma coisa que ela falou e que meu professor de educação física falava é que o prêmio maior de um professor é rever um ex aluno e esse aluno dizer: “Ei, obrigado!” Obrigado por alguma coisa, sei lá, por uma palavra, um incentivo, alguma coisa. Então era o que o meu professor de Educação Física me falava muito e é o que ela me disse no dia em que eu falei com ela por telefone. Ela disse: “Obrigada por lembrar de mim, é sinal que o meu papel como professora foi exercido” (Relatos de Anderson Dias).

Esse resgate vai além da profissão, pois em sua memória estão presentes palavras, gestos, ações que com certeza o ligará a esses dois professores durante todos os seus caminhos. É um resgate de situações afetivas que foram cruciais para a constituição do sujeito e essenciais na forma de olhar/notar a presença de um professor e de como este poderá vir a ser com seus alunos e também de um dia querer ouvir/dizer aquilo estando do outro lado.

É fundamental considerar nesse caminho que enxergar a existência de forma linear e concreta é descartar a sua subjetividade e os seus antagonismos. Temos a capacidade de pensar, criar ideias, tomar atitudes, por isso somos complexos por natureza e por definição. Assim, cabe a nós educarmos o nosso olhar para perceber essa realidade minuciosa que está presente

nos acontecimentos diários. Conseguimos, por algumas vezes, fugir do que nos assombra, sem ao menos sair do lugar, sendo por sentido sujeitos engraçados, pois, ao mesmo tempo, nos apresentamos como singular e comum, comunicador e incomunicável. Morin (2000, p. 75) propõe, considerando toda essa situação conflituosa e densa em que vive o ser humano, uma reforma de pensamento, pois acredita que “aquilo que porta o pior perigo traz também as melhores esperanças: é a própria mente humana, e é por isso que o problema da reforma de pensamento tornou-se universal”.

Talvez fosse desorganizando o “organizado” que se poderia suceder tal reforma. Desorganizar o pensamento que se encontra articulado em pequenas facetas e abrir novas veredas de pensamento articulador, (re)construtor, desmedido e que pudesse estabelecer variadas conexões. Conexões desestruturantes, vivas e incessantes de novos vieses que tivessem objetivos diversos, mas com foco principal: religar os pontos entre sujeitos, história, universo, existência, natureza.

Acender novas luzes, clarear as luzes embaçadas, reacender luzes apagadas. Dar vida e tons à obscuridade. Isso também é caminho de uma reforma do pensamento. Pode-se começar por uma necessidade vital: descobrir e reconhecer aquilo que realmente precisa ser aprendido.

### **3.2 Laços**

Em algum momento é necessário parar e pensar: o que realmente necessita ser aprendido? O foco, no entanto, não está no “que” e sim no “como”. Como aprender? Como ensinar? Inicialmente consideramos um fator-chave nesse processo: a relação entre os seres humanos e sua caminhada. Mariotti (2002) nos diz que entre tribos africanas que vivem abaixo do Saara, a ética *ubuntu*, que vem da tradição *Umuntu ngumuntu nagabantu*, que em zulu significa “Uma pessoa se torna uma pessoa por causa das outras”, é considerada um elo entre as pessoas sendo o olhar uma forma de construção de laços e de perceber o outro. A ética *ubuntu* é fundamental para começarmos a entender a seguinte frase: “Eu sou porque nós somos” e para compreender também que não existimos sem o outro. Ouçamos, lemos, incorporamos atentamente o poema que se segue. Ele fala da construção de laços como Pessoa (2016) nos diz:

*Escrevo sem saber*

*Aquilo que sai do coração*

*E apesar dos tropeços*

*Descoordenados de minha mão*

*Ouçõ sem cessar*  
*Os assovios delicados daquela*  
*Canção*  
*Que cantei, dancei, senti e*  
*Abracei*  
*Canção que só interessa*  
*Aqueles que nos resta*  
*A eterna sílaba assobiada*  
*Dos brilhos de uma mente inebriada*  
*Das lembranças de outrora*  
*Desse tempo que não se demora*  
*E na vida não há pressa*  
*Em unir com devoção*  
*Por um elo de união*  
*Famais largar a minha mão.*

*(Ligia Pessoa)*

Na perspectiva da autoformação e da autopoiesis é importante mencionar que foi exatamente a dança um dos caminhos que Ligia escolheu para trilhar. Não é coincidência que a dança aparece aqui, pois este elemento esteve presente durante toda a sua vida e foi chave para a escolha do seu curso de Graduação e para o estabelecimento de elos. A dança foi esse meio autoformador em que ela se percebeu em comunhão com os outros e consigo mesma.

Os laços dos quais se falam aqui não são os laços de sangue, podemos dizer que vão além disso. É um entrelaçar de mãos, de caminhos, de vida e de história que se fundem e se confundem em meio ao vivido. O eu e o outro estão dançando de mãos dadas. Há um ponto chave nessa comparação, um elo: o tempo passado e o tempo futuro conjugando-se para formar o presente.

No poema, o sujeito carrega uma sensibilidade tamanha. É como se pensasse em uma canção e estivesse a dançar. A dança parece fluir e invadir inteiramente o seu corpo. Mas ela não está só. O sentimento que transmite é de quem dança uma ciranda, cantada fervorosamente, em uma mistura de tons agudos e graves, por todos que se fazem presentes. Um belo espetáculo a se presenciar. São lembranças constantes, relatos e fatos de um período que marcou a vida dos dançantes daquela ciranda da vida e os formou para serem professores.

Nas palavras abaixo, a autora traz consigo, sonhos alimentados, reconhecimentos, busca, descoberta que foram ressignificados/despertados, como ela mesma diz, na vivência do PIBID e no envolvimento que teve com todos que faziam parte do grupo. Conta que a partir desse contexto e de algumas intervenções realizadas na escola, reconheceu-se professora e isso fez com que a sua caminhada tomasse um novo rumo:

Eu tenho que fazer mestrado em Educação Física' e ai eu me reconheci professora, e ai eu me reconheci como uma pessoa que poderia possibilitar uma formação melhor aos outros, a partir disso já me lembrando o que eu tinha passado no PIBID que foi tão significativo, vi que mudou o rumo da minha vida, mudou a pessoa que eu era, o ato de eu ter entrado no curso me deu amizades que vão se perpetuar, porque eu não tinha isso e me fez conhecer momentos de felicidade de verdade. Momentos que não foram coisas propiciadas por outros, mas assim por mim mesma, porque fui buscar, porque me esforcei, porque eu tive a oportunidade de estar presente em momentos tão maravilhosos dentro do curso. E aí a partir disso eu fui baseando todas as minhas ações, que antes eu era muito perdida em tudo, e a partir desse momento que decidi eu sou professora foi que eu comecei a direcionar minha vida naquilo que ia me colocar nesse caminho (Relato de Lígia Pessoa).

Nesse tom, que nos faz sentir uma invasão de bons ares, há uma expressão contida nas entrelinhas de seu poema, que representa uma ligação íntima com a natureza que tivera quando criança ao lado dos seus irmãos, que está ainda muito acesa em sua memória. Tal ligação é evidenciada na sua narrativa de vida:

Nós crescemos em um lugar muito espaçoso por que nossa casa sempre foi uma casa de sítio, tinha animal, muita fruteira, muita planta, a gente aprendeu a conviver em lugares que tinha muita natureza e a gente sempre gostou disso (Relato de Lígia Pessoa).

Ao dizer que o poema é sobre laços nos surge logo a ideia metaforizada do entrecruzamento de mãos que estão trilhando caminhando distintos, mas que em algum momento da estrada vieram a se cruzar. Podemos pensar no PIBID como sendo esse caminho em comum, capaz de mudar rumos e modificar histórias. Esse sujeito, percebeu a religação das suas escolhas com momentos de sua infância no decorrer de sua trajetória no programa que o fez pensar como seu modo de vida na infância influenciou suas escolhas futuras.

Percebemos também que há uma necessidade do sujeito em sentir-se corpo do afeto nesse poema. Corpo visto em sentido subjetivo como meio da existência. Um corpo que sente, chora, cria e recria em meio ao ambiente que vive. Um corpo sonhador capaz de fortalecer laços e desatar nós, articular sonhos e devaneios vividos nessa teia constante de movimento.

Diante disso, ao envolvermos sujeitos diversos em uma mesma trama, esta entendida a partir da perspectiva de autoformação que se destacava no reencontro e a formação desencadeada durante o PIBID, percebemos que o sujeito recorre a emoções diversificadas vividas naquele ciclo. Há algo que este não pensa em largar: a mão. Esse gesto pode significar uma aprovação, um passo adiante, um querer ir mais além, um enraizar de momentos que foram constituindo o sujeito e que permanecerão no corpo ao longo do caminho. Não querer soltar a mão, pode significar também um agradecimento, um cumprimento satisfeito de quem pôde ter visões ampliadas, conquistas pessoais importantes e histórias inesquecíveis e o desejo dos vínculos permanecerem acesos. Algumas palavras contemplam muito bem essa dimensão:

E depois de um certo tempo, realmente o PIBID foi um marco, depois que eu comecei a entrar no PIBID, o PIBID também era uma coisa que eu pensava que era por enquanto (financeiramente), e depois de certo tempo com as experiências eu fui e aproximando dos meninos, mais dos quatro Anderson, Evandro, Alves e Fernanda, e acabei tomando muitas lições de vida deles, muitos tapas na cara, que me mostraram muitos aspectos e esse curso realmente começou a fazer sentido na minha vida (Relato de Lígia Pessoa).

Neste enraizamento o outro sempre está presente. Pois, é dele e com ele que carregamos muitas histórias. Sponville (2007) nos convida a dançar na roda da existência e coloca o outro como centro da dança. Assim, ninguém pode viver sozinho, pois “toda vida humana supõe outras, que a geram, que a educam, que a acompanham, que a cruzam com ela, que a perturbam, que a fortificam, contra as quais se apoia ou se opõe, se define ou se busca”. Por isso podemos dizer que somos completos e incompletos ao mesmo tempo, e que não restando dúvidas, necessitamos do outro para viver.

Acrescentamos a essa roda outro elemento: a formação. Formamos uma ciranda, a ciranda da vida. O eu, o outro e a formação constituem uma tríade existencial que coexistem interdependentes uns dos outros. Ora, se há essa rede de conexões entre esses componentes assim como há entre natureza, cultura e sociedade por que trabalhamos sempre com o olhar reducionista e separatista? Nos parece óbvio que, ao mesmo tempo em que enxergamos a extrema necessidade do outro, somos seres egocêntricos por essência. Egoísmo e altruísmo andam juntos para garantia de perpetuação da vida. Segundo Morin (2007), no seu livro o Método VI – Ética, ser sujeito é se autoafirmar situando-se no centro de seu mundo, sendo literalmente expresso pela noção de egocentrismo. Essa autoafirmação comporta princípios de exclusão e inclusão. O princípio de exclusão é a fonte do egoísmo, capaz de exigir o sacrifício

de tudo, da honra, da pátria e da família. Já o princípio de inclusão é a fonte do altruísmo, que permite incluir o seu EU em um NÓS (casal, família, partido). Conforme o momento, o indivíduo muda de referência, do egoísmo para o altruísmo, ou do altruísmo para o egoísmo.

Ao caminhar por este viés em que a vida se apresenta sempre como uma grande dualidade estamos frente para uma vida aparentemente desconexa, a começar pelos conhecimentos que nos são transmitidos. E é em meio a essas pulsantes contradições que o ser humano se constitui e vai à procura do seu lugar no mundo.

O outro é aquele que está dentro e fora de nós ao mesmo tempo. O conhecimento, a liberdade, a reflexão tem estreita relação com o outro que nos cerca, com nossas relações estabelecidas, são elos que nos atam e desatam ao mesmo tempo, uns dos outros. Conhecer, desse modo, o humano não é expulsá-lo do universo, mas aí situá-lo (MORIN, 2002).

Estamos, para tanto, conectados em todas as esferas da vida e isso não há mais como ser questionado. Não deveria existir, pois, uma formação que se desempenha apenas a função de formar um profissional sem ter, concomitante, formado um ser humano. Mas, encontramos uma realidade dispersa e formações míopes para essas questões.

Partimos de uma ideia de segurança, de medo e deste modo vivemos cotidianamente enclausurados em nossas gaiolas epistemológicas e consumidos por uma incessante rotina diária, que nos faz procurar de forma contínua algo que nos traga conforto e segurança.

O professor Ubiratan D'Ambrosio apresenta a metáfora da gaiola como meio de aprisionamento da consciência crítica pelo mundo acadêmico, sendo as disciplinas esse conhecimento engaiolado que não permite aos alunos pensar fora dela. Para o autor:

Os detentores desse conhecimento são como pássaros vivendo em uma gaiola: alimentam-se do que lá encontram, voam só no espaço da gaiola, comunicam-se numa linguagem só conhecida por eles, procriam e repetem-se, só vendo e sentindo o que as grades permitem, como é comum no mundo acadêmico. O que é mais grave, são mantidos pelos que possuem as gaiolas para seu entretenimento, como é o caso das artes, ou para seu benefício, como é o caso das ciências e da tecnologia. Obviamente, a crítica interna é limitada e exclui o questionamento da própria existência da gaiola” (D'AMBROSIO, 2011 p. 07).

Prendemos, restringimos, acorrentamos os que estão livres e por diversas vezes matamos o pensamento que se apresenta aberto à mudança e independente. Temos medo de viver. “Este medo à vida, este medo à luta e à experiência nova, mata em nós o espírito de aventura” (KRISHNAMURTI, 2003 p. 08). É assim, devido a nossa criação e educação, e talvez até da nossa cultura, temos medo de ser diferentes do nosso próximo, tememos pensar em desacordo com o padrão social vigente, num falso respeito à autoridade e à tradição.

Somos educados para sermos eficientes, conseguirmos bons empregos a qualquer custo e ao longo deste percurso vamos sendo repartidos em pedacinhos que tem como objetivo final o êxito e o sucesso profissional. Na grande maioria das vezes o caminho é desconsiderado. Como e por onde passamos também. O homem não se sente humano e a educação insiste em fazer com que ele acredite nisso. Deste modo, os pequenos fragmentos vão sendo separados e a educação e a vida vão perdendo sentido e sendo tomadas como oposição uma à outra.

Paulo Freire (1999) ao tecer uma crítica ao nosso sistema tradicional de educação, acredita que o que deveria estar em jogo seria o desenvolvimento de uma consciência crítica, em que a educação tentasse passar à passagem da transitividade ingênua à transitividade crítica. Para ele pouca coisa existe em nossa educação, que desenvolva no nosso estudante o prazer pela busca, pela pesquisa, revisão das “verdades” “o que implicaria no desenvolvimento da consciência transitivo-crítica. Pelo contrário, a sua perigosa superposição à realidade intensifica no nosso estudante a sua consciência ingênua” (FREIRE, 1999 p. 95). Desse modo, seria necessário ao educador uma compreensão de que a educação devesse caminhar para a decisão, a responsabilidade social, a política e a democracia, embasada no diálogo e na emancipação do sujeito entendido como ser histórico. Para ele “A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa.” (p. 97).

Freire propõe a noção de liberdade conjunta com a educação. Seria, portanto, a liberdade que atribui sentido a uma prática educativa “que só pode alcançar efetividade e eficácia na medida da participação livre e crítica dos educandos. É um dos princípios essenciais para a estruturação do círculo de cultura, unidade de ensino que substitui a “escola”, autoritária por estrutura e tradição (FREIRE, 1999 p. 04).

### **3.3 A arte de viver**

Pensar a liberdade, neste contexto, é também pensar a vida, pois tanto a liberdade/ autonomia quanto o enclausuramento podem ser servidos como parte do cardápio em uma mesma mesa de jantar. Nesta medida, fugir dos contornos e rumos já premeditados é quase um jogo perdido, porém não invencível. A liberdade de pensar que nos é dada pode ser também transformada em liberdade de ação e de iniciativa criativa, e conseqüentemente em educação transformadora. O campo da formação de professores, contexto ora pesquisado, é vida. Foi vida vivida e encarada como forma potencial de poder enxergar uma formação mais humana. E neste enredo encontramos nos reencontros da vida que podem acontecer quando o sujeito está só ou acompanhado, relembando e resgatando memórias perdidas de um passado não muito distante. Um passado pronto para se evidenciar como arte e ser pintado e esculpido nos corpos dos sujeitos.

No poema a seguir respiramos um ar de experiência, de quem se constitui de histórias cotidianas que parecem degustar com simplicidade os bons frutos, buscando refazer-se de maneira constante, sabendo valorizar os detalhes. França (2016) toma a vida como arte, a arte de viver com a intensidade de se doar. Sintamos:

*A arte de viver*

*É preciso saber viver*

*Já dizia o poeta*

*Nas ilusões de querer ter*

*Várias vezes esquecemos de ser*

*Ser solidário, amável, respeitável,*

*Dar o melhor de si sem esperar.*

*Encontrar nos outros, ser aceitável,*

*Viver na intensidade de se doar.*

*Fazer nos reencontros da vida,*

*A alegria de festejar*

*Eternizar na memória desmedida*

*A sutileza de amar.*

*(Solange França)*

Doação, intensidade, ser. Três rios que desaguam no mesmo mar. É pertinente destacar que essa professora que escreveu esse poema, está atuando no ensino básico há mais de 27 anos, carregando muitos sentidos e significados em sua trajetória, cheia de lutas e desafios vencidos. Assim nos diz:

[...] apesar de há 27 anos na docência, mas é aquela coisa que eu estou buscando, me buscando o tempo todo me encontrar nesse universo.

[...] Hoje estou matriculada e espero dar início nesse primeiro semestre no curso de Educação Física pelo PARFOR. Estou fazendo Libras porque eu quero me incluir com os não surdos, tudo isso a partir dessa visão que a gente aprende que tem que mudar. Esse leque que abriu. E como foi dito aqui e o que a gente aprende com cada um. Eu tive a oportunidade, eu passei por uns momentos muito difíceis, acho que todo mundo lembra, um problema de saúde, e que esse grupo foi o que mais me motivou a levantar a cabeça e superar o problema, superar a doença e, enfim, hoje eu tenho uma outra visão do que seja educação do que seja trabalhar com essa educação física, como é que eu posso dizer, de uma forma renovada, inovadora. E não partiu só do PIBID, do estudo que a gente teve em si, mas das experiências compartilhadas com todo o grupo (Relato de Solange França).

Na perspectiva da autoformação, do fazer a si mesmo, o poema evidencia a constante busca por renovação e por ressignificação de sua prática, o que parte de um desejo pulsante de contribuir na formação de muitos jovens que carrega um sentido singular em sua vida. O PIBID, da forma como foi conduzido, abriu as portas para essa professora e a possibilitou refazer-se humanamente e profissionalmente, atribuindo novos significados a sua trajetória e valorizando o que ela mesma acreditava como importante para sua formação.

Entendemos o doar nesse sentido como algo que acontece cotidianamente em seu espaço profissional como também em sua vida pessoal. Seria dar a mão ao outro e doar-se para ajudá-lo a caminhar. Esta professora teve que passar por um processo de transformação para que pudesse conviver com as diferenças e a enxergar o outro de uma forma bem mais profunda. Nesta perspectiva, o nascimento do seu filho é tomado como um grande momento de formação que a ajudou a tornar-se mais humana:

Uma emoção fortíssima foi quando eu descobri da deficiência do meu menino, que foi uma coisa que me tornou mais humana, por que assim, aprender a olhar as outras pessoas sem julgar, olhar cada um como ser humano, independente de suas crenças, de suas preferências, de cor, enfim, isso me tornou uma pessoa bem mais humana até mesmo no meu trabalho (Relato de Solange França).

Esse sujeito nos parece, embora já apresente certa visão de mundo adquirida durante esses muitos anos dedicados a educação, aberto às mudanças e as novas exigências que a sociedade moderna traz. Isso pode ser evidenciado na busca por uma formação mais ampla, um envolvimento intelectual e pessoal com o grupo que fez parte do PIBID durante sua experiência, contribuindo para uma rica e intensa troca de saberes e principalmente na construção de vínculos e de afetos que vieram para renovar e talvez dá até mais vida aos seus sonhos adormecidos:

Quando aconteceu o PIBID em minha vida, foi que veio firmar realmente essa concepção do que é Educação Física, tanto é que agora eu quero chegar a fazer o

curso, porque, apesar de estar só com Educação Física agora, eu sinto ainda essa lacuna na minha formação de não ter o conhecimento da área em si, do que o curso propõe e é por isso que eu quero fazer (Relato de Solange França).

Enxergamos um poema de construção e reconstrução de quem já viveu muitas histórias para contar. Um poema que nos afronta: o ser é mais importante que o ter? Nos invade: “Dar o melhor de si sem esperar”. E nos completa: não esperar o reconhecimento ou esperar o sucesso, apenas doar-se, na busca de uma essência interna e de um sentido para a vida.

O mar calmo parece inquietar esse sujeito, pois o mesmo anseia por reencontros. E são esses reencontros que vão lapidando e transformando a sua vida, pois tende a tirar deles proveitos que possam ser usados e usufruídos cotidianamente. Enaltece muito a importância que o grupo teve em sua vida. Assim, compara o grupo a uma árvore formada por vários galhos e fortalecidos por desejos e perspectivas em comum:

Para que haja esse bom relacionamento, essa convivência, essa amizade que se formou no grupo é que a gente tem que aceitar o outro como ele realmente é, não é esperar que ele modifique. Na verdade, quem se modifica somos nós ao aceitar as pessoas como elas são. E já que eu comecei a falar, lembrando aqui a questão da árvore, é, eu vejo o grupo, assim, como se fosse não árvore genealógica familiar, mas assim um outro tipo de família, a árvore pibidiana, por exemplo, que se formou a partir desse bom relacionamento com o grupo, realmente o PIBID, como foi falado antes, ele mudou a minha vida.

Com esse grupo que eu aprendi a amar, que fez e que ainda faz a diferença na minha vida. Porque é um relacionamento assim que eu sei que posso contar com cada um assim fora, pra minha vida pessoal ou mesmo profissional (Relatos de Solange França).

Aqui também e principalmente carregados por poemas que contemplam a vida, os laços e a experiência, há espaço para se falar em amor, especificamente na sutileza de amar. E não seria nada mais coerente com o momento em que os sentimentos foram despertados. Amor entendido no seu sentido mais amplo de gratidão, doação, companheirismo e vida. O PIBID foi para Solange o local onde ela poderia colocar seu conhecimento em prática, pois ela afirma que já sabia lidar com o ser humano, com as diferentes crenças, cores. Então, o programa foi o lugar onde ela se reafirmou, onde se sentiu valorizada e impulsionada a continuar acreditando nos sonhos e realizando seu próprio processo autoformativo. Foi um período de reconstrução pessoal e profissional em que se viu desafiada a renovar-se e por consequência tecer novos fios para a colcha da vida. Solange afirma que os momentos partilhados foram cruciais para o seu encorajamento pessoal e profissional e viu crescer nela o desejo de melhorar sempre mais.

Krishnamurti (2003) acredita que só por meio do amor é que a educação pode ser vista em uma perspectiva integral e, conseqüentemente, que se possam olhar os sujeitos sob essa luz.



Esta deve ensinar a compreender a vida e a nós mesmos. É aí que está o ponto-chave. Há algo em que ele chama de educação correta. Esta consiste em fazer com que o indivíduo experimente o processo integral da vida e que só pode a partir da transformação de nós mesmos. Convém lembrar não haver integração enquanto pensarmos em um padrão ideal. Assim, afirma que “a maior necessidade e o problema mais urgente de todo o indivíduo é adquirir uma compreensão integral da vida, que o habilite a enfrentar suas contínuas e crescentes complexidades” (p. 17).

As sensações de perder-se e encontrar-se são fundamentais em toda trama existencial, pois não existe nada mais poético do que alguém que encontrou seu lugar no mundo depois de muitos conflitos e desestruturações. As confusões e as mudanças que acontecem diariamente na nossa vida como se tudo fossem *flashes*, desorienta-nos diante da trama existencial de forma imprescindível, na angústia de tentar entender o que irá acontecer, nos atentamos, suspiramos e estremeçemos juntos a inúmeros significados que extraímos de cada situação vivida e em meio a essa busca pelo que se é vai nos fazendo felizes, mesmo que momentaneamente. O corpo/ sujeito/eu abre-se para essas oportunidades, pois este é um elemento complexo, dizemos isso porque navega por diferentes conhecimentos, sendo cada um deles indissociável e encontram-se imbricados, amalgamados.

O ser humano é a um só tempo físico, biológico, psíquico, cultural, social, histórico. Esta unidade complexa da natureza humana é totalmente desintegrada na educação por meio das disciplinas, tendo se tornado impossível aprender o que significa ser humano. É preciso restaurá-la, de modo que cada um, onde quer que se encontre, tome conhecimento e consciência, ao mesmo tempo, de sua identidade complexa e de sua identidade comum a todos os outros humanos (MORIN, 2000, p. 15).

É por meio do autoconhecimento que se deve estimular o pensamento livre. O descontentamento seria então o caminho que leva à liberdade. A liberdade só nasceria com o autoconhecimento. O autoconhecimento é a base da mudança. Enquanto não nos transformamos não haverá educação correta nem um mundo de paz. É ver nos olhos de cada criança a sensibilidade, a alegria do simples, a beleza da infância e nela não elaborar expectativas que, muitas vezes, partem de frustração dos mais velhos. É enxergar entre o riso e o choro uma lição de sabedoria, um algo a mais que precisa deixar ser vivido e ser acompanhado de maneira leve. Nossas crianças e jovens merecem uma formação que não separe educação e vida, uma formação integrada que tenha no ser o cerne de todo o processo, pois poucas palavras condensam tantos sentidos e significados e que possam enxergar a real essência do que é ser feliz.

## **3.4 Meu corpo**

Um dos maiores entraves é que a educação ensina cada vez mais em ‘que pensar’ do que em ‘como pensar’. É partindo desse pressuposto que se evidencia como os seres humanos estão

cada vez mais sendo tratados como máquinas, controlados e fragmentados. Não se pensa na pessoa, no sujeito que traz consigo marcas de uma vida e de uma história, de um ser que sente, que chora, que possui aflições, medos, angústias.

Nesta complexidade que nos debruçamos, na sensação estesiológica que aqui creditamos, nos aproximamos na compreensão do eu e do nós, da nossa relação corpo e mundo. Essa junção de experiências sensíveis, leva-se a refletir sobre a sensação do perder, então, crê-se assim que na medida que nos perdemos neste oceano de sensações incorporadas e encarnadas no corpo, nos encontramos, somos arrebatados por este sentir.

Neste emaranhado de efeitos é essencial perceber o outro como essência. “O outro significa ao mesmo tempo o semelhante e o dessemelhante; semelhante pelos traços humanos ou culturais comuns; dessemelhante pela singularidade individual ou pelas diferenças étnicas” (MORIN, 2002 p.77).

Este olhar que tanto prezamos só é possível através das nossas vivências com os nossos corpos, (corpo sendo entendido em seu sentido puramente subjetivo de um corpo sujeito, capaz de sentir, pensar, agir, respondendo às exigências do meio) ele estende nosso olhar, que ecoa de si para o mundo como também ao inverso. O olhar nesta condição amplia nossa percepção de si, do outro e do mundo. Quando o sujeito pode abrir o seu nós para o outro, os semelhantes, a vida, o mundo, torna-se rico em humanidade.

Oliveira (2016) utilizando-se dos seus artefatos poéticos, fez a reversibilidade dos nossos sentidos (NÓBREGA, 2008), quando o corpo fala além do que é destinado a fazê-lo, ser aflorada quando nos fala de sua paixão pelas questões que envolvem o corpo sensível. Ele nos diz que escreveu o poema sobre uma paixão sua: o corpo.

### *Meu corpo*

*Em meu corpo habita amores, sabores, paixões*

*Em meu corpo habita angustias, desafetos, solidões*

*Em meu corpo habita misturas, de povos, de ritmos.*

*Em meu corpo habita tudo. Tudo o que sinto.*

*Sou parte de um grande todo.*

*Um todo feito de muitas partes.*



*Sou amante da arte*

*Sou eu, mais que louco.*

*Neste habitat natural, de paisagens cintilantes*

*Vou transcendendo minha alma*

*Vou pedindo um pouco mais de calma*

*Ora calma! Pale, Crite, Ouse!*

*Sou meu corpo,*

*Pintado todo*

*Com minhas perfeitas imperfeições,*

*Sou eu, sou você, somos todos nós.*

*(Evandro Oliveira)*

Façamos um exercício. Que possamos fechar os olhos por um instante e sentir a poesia que é estar vivo. A reversibilidade dos sentidos nos ajuda a entender os sentidos que o corpo tem e que podem ser usados das mais diversas formas versas e inversas, como, por exemplo, sentir o toque por meio do olfato, tocar através do cheiro, enxergar com o tato, entre outras possibilidades. De tal modo, conhecendo e tomando toda essa inteireza do ser enquanto corpo no mundo, o sujeito nos apresentou seu poema como se fosse um grito de liberdade: “Sou meu corpo, com minhas perfeitas imperfeições”.

Uma memória marcante e crucial do seu começo é o ambiente da sua primeira escola, da sua primeira professora e de uma situação vivida enquanto aluno da segunda série:

[...] E aí comecei a estudar, não gostava, como toda criança, de ir pra escola, porque, na verdade, o ambiente da escola é um pouco desagradável, mais se tornava agradável pelas amizades, porque lá você constrói outro ambiente.

Eu chorava muito, não gostava. E na segunda série eu não sabia ler nem escrever. E tia Maria, não sei se de forma errada ou de forma certa, resolveu se dedicar a minha pessoa, então ela ia lá pra trás e me ensinava. E ela pegava na minha mão e ia guiando. Eu tenho essa imagem ainda. Pegava na minha mão, ia guiando, tentando me ensinar.

Tanto é que no meio do ano da segunda série eu já sabia ler, aí ela começou a dizer: ‘olhe, vá ensinar aos outros agora’. Eu acho que é daí que vem a inspiração de ser professor, vem de Tia Maria (Relatos de Evandro Oliveira).

Aceitar-se como é em meio a tamanha diversidade cultural, social, biológica e poder enxergar-se como parte do mundo do qual o mundo também é parte desse corpo: poético, inebriante, contraditório, dinâmico. Assim o sujeito nos derrama seu poema. Brinda-nos com sua paixão incessante pelas relações entre existência e corpo sensível. Há uma sensação de que em algum momento de sua vida houve um despertar e uma aceitação dele mesmo. Isso pode significar uma mudança de postura frente ao modo como enxergara a vida, pois se percebeu enquanto ser que possui singularidades, desprazeres, amores, e que conseguiria usar isso como busca por uma educação mais humana.

Por isso que eu digo que é um pouco subversivo o modo como eu fui criado, eu fui o primeiro filho da relação dos dois, então isso gerou um pouco de cuidado no início. E isso foi me deixando um pouco de ‘você tem algo a seguir’, e aí eu sempre pensei muito nas minhas relações com os outros, e desde pequeninho eu sempre fui muito de querer me relacionar com as outras pessoas e de querer entender um pouquinho delas.

Essa rede criada por essas pessoas, até mesmo aquelas que a gente não queria perto, acabou contribuindo de forma significativa. E até essas pessoas tiveram um valor pra gente, porque a gente acaba descobrindo no final do percurso, no fim do programa, que tudo teve um sentido muito amplo e que mesmo as vivências ruins, as experiências alegres, felizes, tornaram uma vivência completa (Relatos de Evandro Oliveira).

O olhar complexo perpassa o seu poema. Sai das gaiolas que aprisionavam suas ideias e encontra flores e muitos espinhos. Alimenta sua caminhada de afetos e pulsões, vivendo intensamente os antagonismos do sujeito. Quando diz que seu corpo habita tudo o que sente, há uma entonação que se assemelha a ecoar do seu ser, como quem diz: eu estou aqui, eu quero me sentir!

Foi aí que descobri, da primeira vez que eu fui pra uma sala de aula que era aquilo que queria, porque era importante formar as pessoas, e eu acho que a gente estar pra formar não nos conceitos formais, mas eu acho que existe a formalidade pra passar, porque até no repasse de conhecimento há um conhecimento, tem alguma coisa pra ensinar. Mas eu acho que a formação por trás, aquilo que a gente chama de oculto é a verdadeira formação (Relato de Evandro Oliveira).

Nota-se uma forma singular de perceber o outro como semelhante e dessemelhante ao mesmo tempo, encontrando características e rupturas entre o meio. Perpassa a ideia de isolamento e coloca o ser humano em uma cadeia existencial em que necessita constantemente do outro para viver, havendo, portanto, uma ligação entre sujeito, mundo e história. É como se no corpo estivessem escritas as histórias dos seus antepassados e que não poderão deixar de ser

transmitidas por gestos, movimentos, palavras, gritos, canções, poesias, pois estão inscritas e gravadas no artefato genial de existir: o corpo em seu aspecto mais sensível e complexo.

E aí foi a partir daquele momento (uma intervenção realizada com alunos de uma escola pública parceira do PIBID) que eu disse que era isso que eu quero, é formar pessoas, fazer com que as pessoas entendam que para além daquilo que elas vejam existe o outro, e eu acho que essa formação do eu com o outro, de conhecer essas pessoas, de conhecer todo mundo é o que é muito interessante (Relato de Evandro Oliveira).

Do enclausuramento à liberdade, do corpo objeto ao corpo sujeito, foram detalhes percebidos aos nossos olhos que recriaram o sujeito. Este, deixou transparecer ao longo do reencontro que busca, por meio da sua profissão, plantar novas sementes de empatia, acreditando haver sempre uma forma/luz de entender e enxergar o caminho. Esta disposição para uma educação para a vida, vem da inspiração e anseio por um mundo com menos preconceito e mais igualdade. *“E é o que eu disse desde o início, a formação, a formal é muito importante, mas, essa que é o legado imaterial do ser humano é assim, sem explicações. Não dá pra explicar. Não tem como falar sem que nada falte.” (Fala de Evandro).*

Percebe-se, assim, como Evandro tem consciência das escolhas que trilhou. O porquê de suas escolhas, de seu processo autoformativo ele foi buscar muito longe, desde seu nascimento. Há uma coerência entre aquilo que relata ser sua vivência e suas escolhas de formação, culminando para uma aceitação de si e um refazer-se a cada nova experiência partilhada.

Somos, por assim dizer entrelaçados nesta via, agora de mão única, por um desejo, uma sensação de ser este corpo que voa agora livre. O desejo é realmente por esse corpo selvagem, não por outro. Que estejamos atentos: *“Olhem as pessoas andando na rua. Algumas estão sós, outras em casal ou em bando, outras falam nos celulares... A vida de todas é formada de outras vidas. Têm encontros, ou então vão fazer compras, ou vão trabalhar...” (SPOVILLE, 2007 p. 68).*

Esta sensação, permite que observemos o mundo em perspectivas diferenciadas das que conhecemos, não só ao mundo, mas, principalmente a nós mesmos. Faz com que reconhecemos este ser que renasce, esse ser bruto, ser de indivisão, desconhecendo a separação entre o sujeito e o objeto, alma e corpo, consciência e mundo. Acessar esta sensação vinda de nós e dos outros, permite-nos reviver nossas experiências, desde as que nos remete às situações que remetam à incessante busca pela felicidade ou, a (re) viver a liberdade.

## **3.5. Verdades**

É dessa liberdade e do desejo de transformação que perpassou muito de nossos sujeitos durante o reencontro que podemos chegar a palavra verdade. Entretanto, cabe destacar, que não a enxergamos como uma palavra cujo valor e julgamento é tido de maneira absoluta e invariável, e sim como algo passível de mudanças que pode sofrer constantes reformulações e que, se assim podemos dizer, nasceu e foi cultivada naquele grupo, tendo caminhado durante o desenvolvimento de todo o programa e fortalecido em meio àquele ambiente, e que poder-se-á dizer, mediante o observado, continuará transitando no coração e na memória afetiva dos seus pares.

A tal modo de envolvimento e empatia, foram sendo reconstruídas interpretações e relações com fatos passados que gradualmente iam sendo ressignificados, tomando outro gosto e vistos por um ângulo mais específico. Para este sujeito, o PIBID representou um legado imaterial de vínculos e conquistas:

Veio a saída do PIBID e aí as inúmeras conquistas que houve ali foi um legado imaterial pra vida da gente. Eu acho que todo mundo e o que a gente tem contado hoje de manhã eu acho que é um conjunto muito bonito, porque deixa esse legado pra gente. E ao final do curso, foi quando eu me encontrei na monografia, de poder me auto afirmar, de dizer é isso, acabou, vamos lá. E ao final disso poder conquistar, chegar no mestrado, está trabalhando com o PIBID também, pra mim é muito interessante porque quando eu estou aqui eu já consigo, hoje eu vou sair muito inspirado pra poder escrever (Relato de Otto).

Pereira (2016) nos diz que a palavra verdade serve para descrever o vivido (reencontro conectado à experiência do PIBID) e o inspirou a escrever o seu poema. Transformou o seu sentimento em palavras que poeticamente nos presenteou. Antes de nos ler seu poema, introduziu dizendo: *“Remete a tudo o que nós estamos sentindo agora, tudo o que foi falado, todo esse ambiente, não só esse ambiente aqui, mas o ambiente em que nos conhecemos, em que nos tornamos mais íntimos. E todo esse ambiente só me vem na cabeça uma palavra: verdade”*.

### *Verdades*

*Verdades contadas, verdades inventadas,*

*Verdades inocentes, verdades assimiladas e militarizadas,*

*Verdades verdadeiras que preserva e reserva amizades diversas.*

*(Otto Pereira)*

Várias facetas da palavra verdade nos são apresentadas nessas linhas. Das verdades contadas até as militarizadas temos a sensação de algo imposto, tomado por ordem certa. Verdades que configuram a obediência, a submissão e as certezas. Das verdades verdadeiras, como nos fala, sentimos uma abertura para a ocorrência de novos ares, um voo alçado livre e espontaneamente. Sobre sua entrada no programa um dos sujeitos comenta que no começo não se interessou muito, mas logo ficou entusiasmado com o que poderia acontecer:

Eu pensei logo, mas Anderson vai tá lá e tal?. Mas aí foi, felizmente, felizmente mesmo, desistiu um, lá vai eu Otto, vamos lá. É o que, qual foi o (pausa)... Onde alcançamos o êxito. Tá aqui (apontou pra Anderson que estava em frente), Anderson hoje é um grande amigo meu, um irmão. Ione pra mim é uma grande inspiração por completo, fora a aprendizagem que eu adquiri com todos, com todos mesmo, sem vírgula nem ponto (Relato de Otto Pereira).

Percebemos aqui para retomar um ambiente em que o sujeito qualificou como de verdades. Essa palavra pode ser entendida no seu sentido mais amplo de expressar ligações fortes entre os sujeitos, suas histórias e sua formação. É nesse entrelaçamento que as verdades são construídas e reconstruídas cotidianamente tendo como pilar central o ser humano, suas relações e sua complexidade. Esse momento (a entrada no PIBID), foi considerado, para um dos sujeitos, como divisor de águas, em que novos caminhos se abrem e dão a chance de entendimentos e encontros no meio do percurso. Assim, ele diz:

E pra mim foi muito positiva a entrada no PIBID, porque eu tava num período nebuloso da minha vida (risos), tava um pouco perdido, dentro do curso mesmo, não fora dele, mas dentro do curso mesmo [...]. Mas aí o crescimento, principalmente olhando os meninos do, que na época era o quarto período, olhando aquela vontade de sempre tá estudando, passando, não ficando pra trás, isso deu um incentivo tão bom de começar a produzir, de começar a sair né, de tirar o máximo (Relato de Otto Pereira).

Nas últimas linhas do poema notamos haver uma prioridade em se falar dos vínculos construídos e estruturados naquele grupo. Amizades sinceras, histórias criadas e cultivadas, encontros marcantes e uma trajetória de mudanças e de descobertas.

Podemos notar também que todos os envolvidos no PIBID tiveram uma contribuição especial na mudança de perspectiva desse sujeito frente aos desafios acadêmicos e pessoais. As mudanças pela qual passou cada um dos indivíduos pode ser notada por todos do grupo, e dois sujeitos, de forma específico, salientou mudanças decisivas que percebeu em seu companheiro de grupo:

É (pausa), o povo fala em mudança, fulano mudou da água pro vinho, eu acho que nem foi da água pro vinho, mas a mudança de Otto no contexto do PIBID (brincadeiras e risos entre eles) (Relato de Anderson Dias).

[..] Otto brigava com todo mundo, tirava brincadeira, mas depois do PIBID, depois daquela viagem que teve pra Mossoró a gente descobriu outra pessoa em Otto (Relato de Francisco Alves)

É importante perceber que Otto não encontra em si a força para se fazer, mas busca no outro, ele queria mudar e buscou em quem se espelhar. Ele buscou na formação com o outro o impulso para encontrar o sentido de si (heteroformação). Nas pausas entre uma história e outra, ou entre um poema e outro sempre havia espaço para descontração e brincadeiras diversas. Em meio a isso percebíamos um envolvimento afetivo muito grande entre o grupo e como esses evidenciavam através de brincadeiras diversas como haviam mudado durante todo o processo pelo qual passaram e como essas mudanças foram elementos chaves, autoconhecimento e autoformação.

As descobertas ao longo do envolvimento de todos no PIBID foram cruciais para a formação do sujeito e do modo como ele estava ali participando daquele reencontro. Esse que serviu tanto de resgate como de ressignificação de algumas memórias que foram essenciais para traçar o caminho autoformativo dos sujeitos.

Quando o PIBID, se propõe a aproximar a Universidade da Educação Básica e traz uma proposta singular de incentivar novos alunos na carreira docente, ele não se realiza sozinho, sendo necessário um conjunto articulado de sujeitos comprometidos e coerentes com o que fazem. Desse modo, um ponto em comum que nos tocou nesse reencontro e nos relatos, foi a importância citada constantemente que os coordenadores tiveram nesse processo.

Assim, a forma como o programa foi conduzido e mediado pelos coordenadores apresentou-se como fator decisivo para a constituição de diversos pontos de vista, de olhares mais globais, de pessoas cada vez mais engajadas com aquilo que fazem e, não menos, importante no estabelecimento de vínculos que perdurou além do período acadêmico.

### **3.6 Momentos**

Tomemos a imagem do lápis e dela pensemos as experiências vividas. Escrevemos sem caneta nossa história que nos constitui a partir de tudo aquilo que vamos vivendo, mesmo que os acontecimentos possam parecer soltos eles podem se ligar no futuro. Sem sermos mais os mesmos ainda somos quem éramos porque somos constituídos de toda essa pluralidade, e são esses momentos que vão nos tecendo, já dizia um dos sujeitos da nossa pesquisa.

Em seus poemas, Costa (2016) e Freitas (2016), resolveram escrever sobre os momentos, estes que articulam e vão dando sentido ao nosso existir e são também uma forma de construir os caminhos e tomá-los como aprendizado e são enfáticos ao afirmar que devemos aproveitar cada um deles. Vejamos:

### *Momentos*

*A vida é feita de momentos.*

*Momentos de alegria, tristeza, nostalgia, liberdade.*

*Cada momento retrata uma parte importante do nosso existir. E para aproveitarmos cada etapa da vida de maneira proveitosa é preciso viver intensamente.*

*Aproveitar aquilo que se quer fazer, dizer sim ou não.*

*Aproveitar e desfrutar das pessoas que te amam enquanto te amam ou enquanto estão ao nosso lado.*

*(Adiciano Costa)*

O encontro serviu de meio inspirador e reflexivo para se pensar em como cada circunstância deve ser vivida em sua intensidade. Como foi um momento de resgates e lembranças que pudessem despertar certa sensibilidade nos sujeitos, notamos que o desenrolar de todo o contexto foi fundamental para se pensar nas situações vividas principalmente no período da formação no PIBID. Os poemas apresentam uma ideia grandiosa de autoformação na medida em que toma os momentos como parte de uma caminhada existencial e faz deles períodos para refletir, sendo que estes devem ser aproveitados com maestria e tomados como reflexão e posterior ressignificação de vida, como nos diz: “Aproveitar aquilo que se quer fazer” e “Acima de tudo viver”, pois o tempo acaba por escorrer entre os dedos.

O sujeito conta-nos uma história marcante de sua vida que serve para ilustrar o modo como conseguiu encarar a Universidade e a vida após a entrada no programa, partindo das dificuldades financeiras ao encontro de novas vivências. Desse modo, relata:

Sempre tive essa dificuldade, acho que todos aqui tiveram dificuldades financeiras, vir de suas casas pra cá. Tanto é que no terceiro período eu pensei até em desistir do curso, porque eu disse: ‘Nam, isso daqui não dá pra mim não. Não vou nem deixar minha família morrendo de fome pra está gastando comigo, eu vou é arrumar um emprego e vou trabalhar’. Eu fiz que nem Evandro, cheguei lá no departamento pra ir trancar o curso, tava Helder, Marcos e Leonardo. Menino, esses professores pegaram eu e eu quase saio chorando do departamento. ‘O que você vai fazer da sua vida?’ ‘No

dia que você precisar de comer é só ir ali naquele apartamento e bater na porta'. Ai assim, logo depois veio o PIBID, e financeiramente já deu uma contribuição, porque antes eu não tinha e agora eu tinha só pra mim estudar, um incentivo só pra você estudar. 'E você diz, 400 reais não valem nada mas, pra quem não tem nada 400 reais é tudo'. Ai depois eu fui descobrindo novos professores, novos colegas, foi descobrindo novos amigos até de outros cursos [...] (Relato de Adiciano Costa)

Para o sujeito que escreveu este poema, há sempre que se fazer certas escolhas na vida, sendo essencial viver com intensidade. Ele evidencia a necessidade de perceber o outro enquanto ainda está presente na sua vida em meio a essa amálgama de acontecimentos inconstantes.

Um aspecto nos chama a atenção no poema de Costa (2016) que nos diz faltar inspiração para escrever um poema, embora estivesse em um bom momento de sua vida. Entretanto, não é bem isso que é colocado no papel, pois a inspiração pareceu emergir das suas lembranças e do que veio de mais importante a ser dito naquele momento: sobre a vida ser passageira, sendo necessária aproveitá-la ao máximo e de como é fundamental tomar suas próprias decisões, fazer suas próprias escolhas: “dizer sim ou não”. E não menos importante, lembranças dos seus momentos na escola e de professores que o marcaram com atitudes que pareciam negativas, porém foram fundamentais na sua constituição, nas suas escolhas de formação. Assim, nos fala de uma história com um professor de Matemática no Ensino Médio:

Ai eu lembro até hoje que um professor, ele não é o maior exemplo de professor do mundo, era um professor super tradicional, rígido, super direto, era um professor de Matemática. Eu tirei uma nota no segundo ano do ensino médio no primeiro bimestre, tirei 30 em Matemática, ai eu disse: 'Caramba, tirei 30 em Matemática, que era uma disciplina que relativamente eu gostava', ai ele olhou pra mim e disse: 'Adiciano, eu não avalio aluno por nota' e ele disse: 'Estude e recupere', e depois eu vim entender porque ele disse aquilo. Ai no segundo bimestre eu tirei 95. Ai quer dizer, ele sabia que tinha capacidade de estudar e apostou em mim (Relato de Adiciano Costa).

Dessa experiência, conjugada com a experiência do PIBID, surge mais um momento de reflexão e autoformação: coloca-se como apressado demais, surgindo daí a necessidade primeira de viver os momentos como lhe são dados e aproveitá-los. Acredita que este pode contornar e colorir a vida e que cada um serve de crescimento e aprendizado, dependendo sempre da perspectiva enxergada. São muitas memórias que carregam pensamentos e sentimentos diversos, como nos mostra a seguir:

Na primeira aula prática de Educação Física eu tinha um tênis, assim sabe, pessoa que é de família humilde, carente, não tem o melhor tênis do mundo, mas tem ao menos um que dar pra calçar. Acho que foi até a aula de professora Suenia: Atividades Lúdicas Pré-Desportivas. Ai de repente eu sai da aula. Num sei se foi Fenando ou foi Gracione ou outro colega nosso perguntou: ‘Ei, tu saiu da aula porquê?’ Eu disse: ‘Não, nada não’. Na verdade eu tava me escondendo porque meu tênis descolou todinho de fora a fora e eu fiquei com muita vergonha daquilo (risos). Ai muito tempo depois, na minha primeira bolsa do PIBID, a primeira coisa que eu fiz foi comprar um tênis (Relato de Adiciano Costa).

Podemos tomar esse último aspecto que traz a necessidade do outro para o bem viver. Um outro que pode compartilhar diversas sensações de completude e de descoberta, sendo essencial a sua existência e permanência. Adiciano relata como o incentivo financeiro o auxiliou a se sentir autoconfiante, estimulado a compartilhar com o outro suas experiências.

Cada poema trouxe em si uma inspiração particular, mas que comungavam em alguns pontos em comum: do PIBID como uma experiência de formação e autoformação, do momento proporcionado (o reencontro) e dos vínculos criados. Uniram-se para materializar fatos, experiências, sabores e afetos em uma forma sutil de perceber a relação entre vida e formação, e mais ainda a formação humana. Neste enredo, surgiram vários resgates de papéis assumidos e incorporados na trama da vida. Freitas (2016) também nos fala dos momentos.

### *Momentos*

*Abraça, a vida, os amigos e as oportunidades.*

*Afasta-se, de tudo que te faz mal*

*Corra, em busca dos seus sonhos*

*Descanse, para continuar a caminhar*

*Sorria, quando a vida de fechar a cara*

*Chore, para expor suas emoções*

*Acima de tudo viva cada momento como deve ser vivido.*

*(José Henrique Freitas)*

O poema parece representar a maneira harmoniosa como o sujeito tende a enfrentar seus problemas. Devaneia para esquecer do mundo tal qual como é e construir outro que é só seu.

O devaneio não nos afasta da vida, mas mostra a vida como ela é e nos coloca em estado de alma nascente.

Devanear seria fugir para fora do real. Buscar o elo perdido que surge apenas em alguns momentos. Em meio a tantos encontros e desencontros não temos escolha: a escolha simplesmente é escolher. Devemos sempre considerar que o importante para ser livre não é o que você acredita, mas sim, o que se faz com aquilo que acredita. E mais, só convencemos fazendo as pessoas sonharem. Talvez a felicidade esteja nesses momentos de devaneios.

Entregamo-nos a esta escolha de ser livre, não havendo mais momento para parar, e sim, para uma busca incessante por esse desejo de sermos libertos, que ao mesmo instante é impulsionado por nosso espírito a buscá-la seguindo e não fazê-la retornar.

Caberia a nós pensarmos que não estamos condenados a viver sob o autoritarismo e a hierarquia instaurada. Se foi possível adquirir um modo de comportamento também é possível modificá-lo, a decisão de continuar ou não condicionados pelo pensamento linear cabe somente a nós. José Henrique escolheu encarar o momento como uma forma de sua reconstrução, quando descobriu que ia ser pai:

[...] quando eu descobri que ia ser pai, que ia ter um filho, das dificuldades que eu ia ter que enfrentar pelo meio do caminho. E ai, lembro sempre de Ione, ela me ajudou muito nessa questão, que foi logo no início quando eu entrei no PIBID, foi logo nos primeiros dias que íamos fazer as intervenções e eu não tava conseguindo realizar e Ione ela sempre ajudou bastante nessa questão, sempre me deu apoio e me ajudou a dar a volta por cima.

[...] eu até brinquei com os meninos falando que tinha uma pedra meio do caminho, no meio do caminho tinha uma pedra, essa pedra eu consegui ultrapassar ela e transformei ela em uma pedra preciosa, que é o meu filho (voz com fortes efeitos de emoção) que através disso até me incentivou mais pra eu atrás e até buscar os meus objetivos (Relato de José Henrique Freitas).

A ideia de autoformação despida no poema leva-nos a pensar como este sujeito soube usufruir do momento para seu crescimento. Hoje, encara ser preciso aproveitar os momentos e vivê-los com a intensidade necessária para servirem de aprendizado.

### 3.7 Ser: Humano

Da junção desses fios em comum surgiram também histórias que o tempo insistiu em apagar, lembradas e contadas sob o olhar do outro que também fez parte de tudo aquilo. Algumas histórias não marcaram tanto a vida de uns como se fez na vida de outros, pois depende muito do grau de importância que damos para cada acontecimento e do aprendizado que cada um retira de acordo com seus próprios princípios de formação.

Para tanto, assumindo determinadas posturas um dos nossos sujeitos nos falou diretamente sobre formação humana. Esta entendida como uma formação de caráter integral, que considera todas as questões que integram o ser humano. É formar para além dos saberes científicos e dos muros acadêmicos. Podemos dizer que é a formação do sentir do ser. Francisco Alencar (2016) nos afirmou que fez um poema sobre o PIBID enquanto formação do ser humano, e nos invade com palavras bem acentuadas:

*De que é feito o ser humano?*

*Simplesmente de ossos e músculos*

*Passíveis de dor?*

*Ou de um corpo cheio de sentimento e amor?*

*Enfim, o que nos resta é permitir sentir.*

*Pois quem sabe um dia venhamos a descobrir.*

*(Francisco Alencar)*

Usando suas palavras para dizer que o PIBID foi um meio formador do ser humano, nos torna perceptível a realidade desnuda além das palavras pronunciadas. Há uma materialização incorporada nas ideias do sujeito de que o programa contribuiu na sua constituição enquanto sujeito criador de ideias e capaz de articular pensamentos e romper com determinados paradigmas.

*E ai vem o PIBID que vem só pra reforçar e talvez a maturidade sobre isso foi só aumentando. Tanto a maturidade sobre o que é ser professor, sobre a educação física, quanto a afetividade daquele grupo enquanto família. E durante a parte do curso foi bastante produtivo o PIBID e a gente se formou e cada um foi seguindo o seu caminho.*

*Uns trilharam um pouquinho junto outros ficaram bastantes separados, mas sempre com aquela conexão por mais que de longe (Relato de Francisco Alencar).*

Aborda a perspectiva da sensibilidade do sujeito que carrega consigo as marcas de um corpo dotado de sentimentos e singularidades. Vai além da perspectiva puramente objetiva e cartesiana que separa o corpo da alma e busca enxergar um sujeito potencializador, capaz de conhecer-se e deixar fluir.

*Eu estava só falando na parte da afinidade em termos de família e eu acho que também tem outra coisa, uma palavra que possa se atribuir ao PIBID, eu acho que é maturidade (Relato de Francisco Alencar).*

As situações as quais foram expostos nossos sujeitos, foram organizadas considerando tudo o que já viveram e que pudessem ser resgatados momentos importantes para reavivar os principais momentos de autoformação.

### **3.8 Encontros – PIBID**

Fazendo um pequeno balanço do começo, meio e fim da experiência no PIBID um dos sujeitos escreveu uns pequenos versos que nos apresenta momentos marcantes da trajetória dos que passaram pelo programa.

*Um começo tão igual*

*Para histórias diferentes*

*Revivendo as memórias*

*De um passado tão presente*

*Entre idas e voltas*

*Tanta história pra contar*

*Artigos a produzir*

*Eventos a participar*

*Bagagem, conhecimento*

*Tanta coisa adquiri*



*Mas com certeza, a maior de todas,*

*Foram os amigos, que aqui fiz*

*(Fernando Florêncio)*

Ao ler esse verso, produzido em meio às circunstâncias do reencontro, percebemos que está contido nele uma série de atribuições que estão presentes na vida de um acadêmico e com muito mais fervor naquele que faz parte de um programa como o PIBID. Ao dizer que os começos foram iguais para histórias diferentes, traz-nos a sensação de que todos os que ingressaram naquele programa estavam começando de maneira parecida sua caminhada, embora trouxessem marcas singulares presentes em suas histórias.

*Ai começou minha infância com quatro anos de idade. Ai fui uma criança normal, muito danado, meus pais sempre tiveram medo, não queriam deixar eu jogar bola, porque eu tinha um problema, e eles diziam pra eu não ir jogar e eu ia jogar escondido. Ai eu me lembro até no primeiro Jerns que eu fui jogar, e eles não deixaram eu ir jogar, mas eu fui jogar, ainda mais no gol, porque a possibilidade de levar uma bolada é bem pior. Ai tinha um exame marcado no dia do jogo, ai fui pro jogo e não fui pro exame, cheguei lá nós ganhamos por WO que era melhor nem ter ido, era melhor ter ido pro exame. Fui pro jogo, perdi o exame, levei um 'pisa' quando cheguei em casa. (Relato de Fernando Florêncio).*

Reviver memórias, resgatar afetos, religar os fios configuram-se como fatores cruciais daquele reencontro que pôde despertar memórias adormecidas e fazer com que a escrita dos poemas rendesse uma reflexão sobre si, sobre suas trajetórias e aquilo que seria de mais importante para seus aprendizados, como podemos perceber.

Assim, em meio a constantes reuniões, debates, aulas, planejamentos, leituras, surgiam as obrigações acadêmicas para com a pesquisa e a extensão universitária, conforme enaltecido no poema acima. Isso foi o meio enriquecedor para o crescimento de cada aluno que participava. Incorporado a isso, o modo de condução, como já citado, que era sempre tomado como meio de formação humana, fez com que os sujeitos pudessem sentir-se mais capazes de realizar ações e mais confiantes em si mesmos para viver em meio as atribuições da vida e da profissão.

*Ai quando entrei na faculdade eu fui vendo que não tinha muita prática com negócio de se expor, de apresentar trabalhos. Ai a partir do PIBID, com Ione, colocando na minha cabeça que dava certo, que só ela me dizia que dava certo, que nem eu dizia que dava certo, ai consegui apresentar os trabalhos, consegui apresentar o TCC, que eu não sabia nem o que era, e deu certo, estou aqui hoje (Relato de Fernando Florêncio).*

Em quase todos os poemas a presença marcante dos vínculos de amizade e como estes influenciaram o decorrer desta condução, foram sentidas. Percebe-se a importância da formação de redes de afinidades e engajamentos para um bom desenvolvimento do grupo (eu-com-outras). Esse termo “tanta coisa adquirir” pode ser traduzido para dizer de uma formação que não priorizou apenas os aspectos acadêmicos, mas que procurou enxergar as *nuances* do ser humano e suas necessidades de formação.

Ao retomarmos a ideia da colcha de retalhos, alinhavamos fatos, memórias, afetos e cores e formamos nossa colcha. Essa foi tecida com fios do afeto em que conta várias histórias de vida e de percursos que envolveram a autopoiesis e a autoformação. Vem cheia de luminosidades e nos mostra que podemos, baseados em nossas relações com os outros e com as coisas, reconstruir quem somos, religar experiências e justificar escolhas. No contexto do PIBID houve a possibilidade de viver isso. Viver com intensidade o que ficou marcado em algo como álbum de fotografia de família. O texto do documentário final produzido por todos os membros do grupo PIBID complementa o sentido da colcha de retalhos pretendida nesse estudo, em que o programa foi o espaço de encontro de diversas vidas e as experiências culminaram na produção de diversas cores. A colcha foi montada a partir de afetos, medos, frustrações, autoconfiança, autoestima, sonhos, liderança, conhecimento, ideias, sabedoria e tantas outras linhas que pudéssemos usar para tecê-la, foi um abraço. Esse abraço é bem traduzido no texto elaborado por um dos alunos do PIBID para o documentário final apresentado em alguns eventos mais adiante.

*Cheios de anseios e força de vontade, estes foram os aspectos observados durante a nossa caminhada em quase um ano e meio que o PIBID esteve presente no Curso de Educação Física. E não foi nele que ele esteve presente. O PIBID adicionou-se em nossas vidas, como aquele velho brinquedo que você tem desde a sua infância e que a cada momento você olha pra ele e sente à vontade de ser criança e brincar novamente. Pois é, não só nós que fazemos parte da equipe PIBID/CEF conhecemos o que é essa triade do PIBID. Os outros graduandos que não estão inseridos no programa sabem também, escutam quando falamos com entusiasmo sobre nossas aventuras na escola, com as aulas que participamos e com nossa relação com os alunos.*

*Nossas famílias também conhecem o PIBID, sabem o quanto aprendemos aqui pois passam a reconhecer que esta é nossa segunda família. Por isso fizemos desse PIBID um álbum de família, daqueles que você quer pegar e mostrar a todo mundo só pra ter o prazer de comentar os fatos ali narrados.*

*Palando nisso, escolhemos as melhores fotografias para colocar nesse porta-retrato, já que para está exposto em uma parede, na banquinha ao lado do sofá e no criado mudo ao lado da cama, nós escolhemos aqueles momentos que nos marcam de verdade. Estes precisam ser expostos para termos que contar com a sorte de que a visita goste e peça para ver o álbum inteiro.*

*Foram um ano e meio regido por adaptações, aprendendo a conciliar tempo, estudar, ler, pesquisar, amar e ainda sobrar aquele tempinho para desopilar com os amigos.*

*E não que deu certo mesmo. Os alunos que fazem parte do programa, cá pra nós, são referências onde chegam. Aprenderam direitinho a ter orgulho do seu título de professor.*

*E os professores supervisores, quem disse que não tinha nada para eles? A troca de experiência com os alunos foram momentos significativos para as transformações. Transformações essas que resultaram em iniciar uma pós graduação, participar de eventos, voltar a escrever.*

*Nas palavras dos mesmos, o PIBID retirou-os da gaveta. Em uma singela homenagem das pessoas que foram os verdadeiros fotógrafos dessa família, que talvez sem ele nós não estivéssemos aqui, os caminhos com certeza seriam outros.*

*Portanto aos coordenadores, Fone e Marcos, nosso sincero obrigado!*

*(Evandro Nogueira de Oliveira)*

O documentário além de servir como instrumento de pesquisa e afirmação da contribuição que o PIBID teve na formação dos alunos, serviu como carta de despedida do grupo. Foi uma atividade em que o grupo esteve mais unido e que pode proporcionar o resgate de todos os que deram sua parcela de contribuição na formação do grupo e foi por ele formado. Se fôssemos gravar novos depoimentos após quatro de anos de programa, iríamos, obviamente, ler e escutar respostas amparadas no tamanho significado que o programa deixou na vida dos alunos. Foi um momento na formação que será sempre lembrado, pois, foi sinônimo de crescimentos, ampliação de perspectivas, desafios, superação de limites, continuação da formação, pluralidade e, hoje, consciência de autoformação.

# 4.

## TERCEIRO AFETO: QUANDO O TECIDO SE ABRE O CORAÇÃO ABRAÇA



Milho de pipoca que não passa pelo fogo continua a ser milho de pipoca, para sempre. Assim acontece com a gente. As grandes transformações acontecem quando passamos pelo fogo. Quem não passa pelo fogo fica do mesmo jeito, a vida inteira. São pessoas de uma mesmice e dureza assombrosa. Só que elas não percebem. Acham que o seu jeito de ser é o melhor jeito de ser.

*(Rubem Alves)*

A pesquisa científica é carregada de numerosos significados seja para o autor ou para o leitor e até mesmo para o sujeito pesquisado, pois, dela se elaboram discussões e reflexões que fazem com que a realidade adentrada seja mais conhecida, melhor trabalhada e a partir disso pode ser melhorada conforme a disposição de quem nela vive.

Muito além de apresentar dados, ela pode se configurar na formação de um sistema de ideias que não deve se encontrar fechado, mas sim promover ramificações para que maiores parcelas de outras realidades sejam abarcadas e entendidas, evidenciando a necessidade de se estabelecer conexões entre conhecimentos, pessoas, lugares, entre outras coisas. Mais fundamental ainda é perceber e formar as ligações entre as diversas situações para que se possa ter uma visão mais clarificada e complexa sobre as coisas.

É com poesia que tentamos deixar a vida mais leve e pensamos em trazer isso para dentro do nosso estudo. Talvez por ela falar muito de nós, inundar nosso ser, desintoxicar a alma. Despertar uma liberdade presa na gaiola do nosso imaginário, armazenada nas nossas culturas, enclausuradas no nosso ser, nem que seja apenas por um momento de devaneio.

Aqui o espaço foi aberto para se pensar além da gaiola e estabelecer conexões entre passado, presente e futuro, procurando constituir meios para se conceber a formação como um processo aberto com ramificações durante todos os momentos da vida. Com isso, enxergamos na experiência total da vida os caminhos para o autoconhecimento e a tomada de consciência reflexiva que constitui as teias da autoformação. Entender e associar que o que vivemos outrora pode se configurar em justificativas para escolhas que faremos no futuro e refletir sobre elas, é o primeiro passo para essa caminhada de entendimento autoformativo.

Este afeto pretendeu discorrer nas entrelinhas das pinturas, associadas a escuta dos relatos e narrativas de vida contadas durante o reencontro, momentos de autoformação que fazem parte de toda uma narrativa de vida, conectando cores, tons, rabiscos a relatos, momentos, reflexões, recordações e experiência que os fizeram. Assim, nos utilizamos das pinturas feitas em retalhos, produzidas pelos sujeitos durante o reencontro, para que pudéssemos pensar, por meio da simbologia que traz as imagens, momentos que contribuíram para a autoformação dos mesmos, religando sentidos a fatos às experiências vivenciadas, que teceram de forma significativa a colcha de retalhos da vida de cada um e podem justificar ou embasar suas escolhas de vida e formação.

Para tanto, neste primeiro momento é crucial entendermos que cada ser possui em seu imaginário ideias e conceitos que mudam a partir de experiências diversas, tomando como conceito geral a capacidade de representação do sujeito. O imaginário esteve presente durante todo o reencontro e se materializou na forma de poesias, pinturas, relatos e relações estabelecidas a partir do contato com nossas próprias narrativas e as narrativas dos outros que

de algum modo estavam conectadas umas às outras, do qual pudemos perceber o poder e a pulsão efervescente deste meio e fim, para a sua constituição.

Encontramos nas ideias de Morin (1990) uma definição interessante que nos leva a pensar conceber a ideia de imaginário de forma mais ampla e iluminada. Vamos um pouco mais além. Para ele:

O imaginário é o além multiforme e multidimensional de nossas vidas, no qual se banham igualmente nossas vidas. É o infinito jorro virtual que acompanha o que é atual, isto é, singular, limitado, e finito no tempo e no espaço [...] Dá uma fisionomia não apenas a nossos desejos, nossas aspirações, nossas necessidades, mas também as nossas angústias e temores. Liberta não apenas nossos sonhos de realização e felicidade, mas também nossos monstros interiores, que violam os tabus e a lei, trazem a destruição, a loucura ou o horror. Não só delinea o possível e o realizável, mas cria mundos impossíveis e fantásticos (p. 80).

É interessante notar que Morin ao definir o imaginário usa dele próprio para tornar palpável o entendimento, ou seja, desmembra o próprio conceito e não dá uma definição precisa, mas deixa na nossa imaginação o estabelecimento de ligações do que quis dizer. Ao mesmo tempo que é difícil compreender torna-se também fácil, pois trata-se de algo presente em nós constantemente e tende a ajudar-nos na nossa representação sobre as coisas e na libertação e autonomia dos pensamentos. Assim, torna-se fácil perceber como representamos as ideias sobre as nossas experiências e como conseguimos justificar uma experiência do futuro partindo de algo que aconteceu no passado, ou seja, experiência que faz parte de sua autoformação.

Procuramos elucidar de maneira coerente o modo como os sujeitos vieram construindo seus caminhos e como essas escolhas convergiram para a sua formação influenciando significativamente as suas passagens de uma fase para outra da vida. Essa reflexão surge na medida em que há uma tomada de consciência e uma reconexão de momentos de uma vida. Assim, partimos para análise das pinturas como elemento reflexivo e autoformador, tentando religar situações que pareciam isoladas dando-lhes um significado particular.

A ordem das pinturas no texto foi intencional e segue as conexões que foram estabelecidas entre elas e por nós. As duas primeiras trazem a figura do paraquedas em que cada sujeito interpreta a seu modo. Em seguida, três pinturas evidenciaram a noção de família como ponto de destaque nesse percurso. As demais enfatizam as diversas formas de realização pessoal, crescimento, aceitação de si e reflexões diversas proporcionadas durante todo o contexto da formação e despertadas a partir do reencontro. Cada pintura foi nomeada pelos pesquisadores a partir do olhar sensível e da leitura das entrelinhas que se fizeram durante todo o projeto de análise.



## 4.1 Outro olhar

**Imagem X** – Outro olhar



**Fonte:** Pessoa, 2016.

Naquele enlaçar de pessoas, Lígia Pessoa nos convoca a perceber que há sempre outro caminho e outro olhar e conseguiu repassar sua sensibilidade em simples rabiscos e algumas cores, fazendo desencadear em nós uma sensação de nostalgia pelo que foi vivido e por ela expressado na pintura. Percebemos então que a dança foi em sua vida um elemento autoformador que evidencia de maneira poética e deixa transparecer sua presença em sua vida durante todo o reencontro. Nos diz:

*Eu também desenhei um paraquedas. E eu estou soprando em baixo dançando. E aqui é o entardecer de Pau dos Ferros. Primeiro o paraquedas porque representa um objeto inesperado pra mim. Quando todo mundo começa a falar no paraquedas a gente começa logo a pensar naquele objeto que voa e tal, mas não é isso, e também foi minha primeira impressão. O paraquedas na verdade é um brinquedo, um objeto lúdico que acima de tudo acolhe. Ele traz todas as possibilidades. E a vida que eu levei aqui em Pau dos Ferros, a princípio, eu pensei uma coisa, e ela acabou se revelando outra que é esse fato inesperado que traz o paraquedas. Então ele foi um momento de acolhida, de muitas coisas, de vivências, de aprendizagens, de laços criados e me deixa a lembrança feliz do pôr do sol, que é o momento preferido do dia, porque é o momento em que sempre acalmamos os ânimos pra pensar nas novas perspectivas (Relato de Ligia Pessoa).*

Como ela mesma explica o seu desenho é envolto de significados de uma vida de experiências prazerosas e de novas descobertas como é o caso do pôr do sol em que dá ênfase.

Permanecendo no caminho que a levou a descobrir que a dança sempre foi o seu meio e fim na relação com os outros (heteroformação) com o meio em que vive e as coisas (ecoformação) e uma forma de autoconhecimento (autoformação), traz como característica peculiar a menina que de algum modo se balança, como que ao dançar para a vida e consegue fazer o paraquedas voar acompanhando o seu ritmo e a música imaginada. Lígia, em algum momento do reencontro, percebe como a dança foi seu meio autoformativo para chegar ao curso de graduação e para cultivar relações mais sólidas com os outros. Porém, para se ter uma autoaceitação quanto a escolha do curso, passou por um processo de negação e posterior afirmação das escolhas através do reconhecimento de si e dos outros e viu no PIBID e nas relações desenvolvidas com os colegas um momento de encontro consigo mesma:

*E ai depois do Ensino Médio eu acabei escolhendo por curso o Teatro na UFRN [...] Ai acabei passando no vestibular da UFRN, cursei um semestre de Teatro, foi algo que mudou a minha perspectiva, eu só tinha 16 anos, e fui morar só. [...] Já em Natal eu tinha recebido o resultado que tinha passado no vestibular aqui em Educação Física. Não foi uma escolha fácil, foi que uma escolha que pra mim resumia-se a um curso que pra mim resumia-se ao movimento naquele exato momento. E eu nem queria ser professora, nem queria ficar numa sala parada e tal e eu queria experimentar (Relato de Lígia Pessoa).*

Neste sentido quando pinta o paraquedas é como se este simbolizasse o conforto da queda, quando precisou de algo em que se apoiar e a ajudá-la a entender e a conhecer o novo mundo e o novo curso. A pintura traz aqui a noção de “aparar na queda” já que no momento em que teve que deixar a cidade de Natal e com ela o seu sonho de cursar Teatro, observou na ida para Pau dos Ferros cursar Educação Física uma forma de retroceder, pois, almejava mais. Tal conforto foi encontrado com os colegas, com as experiências que o PIBID trouxe e que a fizeram se sentir bem e encontrar o que não esperava mesmo estando ali. E descobriu um mundo de cores.

*E ai quando Ione (coordenadora do Programa) me pediu uma vez pra escrever minha história de vida eu fui relembrando, ‘É, eu gostava de dançar, eu fazia karatê, eu nunca fiquei parada, sempre gostei de jogar alguma coisa, de estar correndo, de estar inventando as coisas pra me movimentar’, então eu acho que hoje conhecendo o sentido da Educação Física faz um pouco de sentido eu ter escolhido o curso mesmo que tenha sido aleatoriamente e não tenha sido tão de paraquedas (Relato de Lígia Pessoa).*

Neste contexto, como aconteceu com Lígia quando viu no PIBID e nos seus colegas um meio de fixar raízes e de crescer, devemos entender que a autoformação é um polo de formação que não depende apenas da ação dos formadores ou das instituições educativas, pois o homem é um “ser que se faz” nas relações que têm com mundo e também com os outros (SOUZA,

2014). Foi essencial, assim, a presença dos colegas, dos professores, das experiências vividas, das frustrações, para que ela pudesse se refazer e se aceitar naquele meio e hoje enxergar suas potencialidades e poder evoluir.

Essa maneira de “fazer-se” foi possibilitada, sob medida, pelo PIBID. E foi a partir dele que os olhares se ampliaram e que os sujeitos ganharam mais autoconfiança, como nos é relatado nas falas. Lígia ver no PIBID um acender de luzes para a formação, como também demonstra na sua pintura a perspectiva de um outro olhar, quando passa da negação à afirmação da escolha de seus caminhos. Lígia, relata que foram aquelas práticas, aquela motivação e aquela responsabilidade em assumir uma professora que a fez aceitar o que a vida tinha a lhe ofertar: ser professora. Assim, especificamente sobre o vivido no grupo que rende frutos até seu momento atual, Lígia compartilha conosco a seguinte informação:

*O PIBID foi um marco na minha graduação, portanto, mesmo que passem 3, 4, 5 anos eu ainda iria me basear no período que eu tive a oportunidade de ser professora e vivenciar a sala de aula por mais tempo e com mais ênfase do que o estágio. No meu trabalho atual, eu sempre busco usar as intervenções feitas durante as aulas do PIBID na escola e usar a mesma prática pedagógica, refletindo sobre aquilo que funcionou ou não. Além disso, as leituras contribuíram e contribuem bastante no momento de buscar caminhos para resolver os conflitos do dia a dia na sala de aula. O PIBID marcou e marca até hoje a minha atuação em sala de aula, pois representa um acender de luzes no meu caminho docente (Relato de Lígia Pessoa).*

Quando estabelece relação com sua formação profissional, Lígia nos diz que chegou ao curso como quem cai de paraquedas em algo, algo por acaso, sem saber o porquê de estar ali, porém é só revisitar seus relatos e toda a sua narrativa contada, e notarmos que a dança foi quem a trouxe, evidenciando momentos em que esta esteve presente nas principais ocasiões de sua vida. Lígia apresenta um relato marcante sobre as experiências vividas no PIBID que ainda influenciam sua trajetória acadêmica e também pessoal.

Lígia fala sobre a construção de competências que serviram para profissão e para o seu fortalecimento pessoal, como é o caso das pessoas com quem conviveu nesse período tanto do grupo quanto da escola; das atitudes que tinha que tomar frente à sala de aula para inovação de sua prática e a toda a bagagem teórica adquirida por meio daquela experiência. Sobre o PIBID, ela relata que:

*As experiências ainda estão influenciando, na realidade. O PIBID me ensinou a ter um certo compromisso. Um compromisso enorme com a docência e com a pesquisa, e, no que diz respeito a estudo, a explorar e a me permitir. Segundo, me ensinou a amar minha carreira e a compreender as necessidades do aluno, ir a campo, ir buscar de fato (Relato de Lígia Pessoa).*

Da não aceitação da docência e a estranheza do novo ambiente à exploração do novo mundo que se abriu por meio daquilo. Ela acredita que os caminhos percorridos deram sentido a sua carreira e exploração do conhecimento. Faz disso uma mola de impulsão para continuar os estudos e desenvolver-se como profissional, algo que foi despertado pelo programa e suas relações com os pares. Com isso passou a enxergar a carreira com novos olhos e a tomar aqueles momentos de aprendizagem como ferramenta de caminhada, isso reflete hoje na sua prática pedagógica. Os processos autoformativos ressaltam, assim, as experiências gestadas pelos sujeitos que se autoconstroem e organizam mecanismos próprios de transformação do meio em que se inserem (TEXEIRA, 2011).

*E hoje eu me tornei um pouco mais confiante, porque primeiramente eu tive dentro do PIBID, dentro do grupo, eu tive pessoas que confiaram na minha capacidade, ou seja, entregaram um turma inteira de ensino médio em minhas mãos, não para ser professora titular, mas a responsabilidade de alguns momentos eram meus e já eram grandes e eu praticamente da mesma idade, então o PIBID me ensinou a ser responsável, me ensinou a ser atuante, a sempre buscar e até hoje eu levo comigo (Relato de Lígia Pessoa).*

Lígia ressignificou o modo como encarou a entrada no curso de Educação Física, passou a enxergar essa mudança, depois de um certo tempo e da influência de pessoas, como algo de redescoberta e reconstrução. A experiência no grupo em conjunto com as vivências no curso de Educação Física a possibilitou, como a de se apresentar em festival de dança (um sonho de infância), fizeram de Lígia uma professora mais centrada e com mais responsabilidades diante dos seus alunos. Ter consciência disso nasce de uma construção reflexiva que engradece o sujeito e delinea os caminhos da sua autoformação.

É interessante observar nas palavras de Perrenoud (1993) que “a experiência pessoal, a partilha de uma cultura profissional, a conversa cotidiana com os colegas são, tanto quanto a formação teórica, modos de construir representações.” (p. 170). Ainda afirma que “na formação para uma profissão complexa, tudo conta [...] todas as representações e todos os esquemas pertinentes em situação profissional merecem um cuidado na sua construção durante e formação profissional” (p. 179). Desse modo, Lígia dá continuidade a suas reflexões:

*Então eu aprendi na loucura a sempre me reinventar nos momentos que precisei, porque eu tive aporte teórico e também tive a confiança, até hoje eu trago isso, a sensação de que eu posso atuar na minha área seja aonde for, porque o PIBID me proporcionou essa segurança, o PIBID no todo, as pessoas, as ações, os eventos, tudo isso me tornou uma pessoa um pouco mais confiante que sabe qual a determinação da sua profissão e que pretende continuar buscando novos caminhos (Relato de Lígia Pessoa).*



Diz que teve que reinventar-se a partir das necessidades, o que faz ainda hoje na sua vida, aprendendo a ter mais confiança em si. O desejo de trilhar novos caminhos e de não parar, faz-se presente em sua fala, como também aprendizado motivado pelo PIBID. Foram valores, competências, lições, responsabilidades aprendidas e internalizadas para toda uma vida lembradas nas suas memórias mais fervorosas de formação. Para Teixeira (2011) é justamente por meio desse processo dinâmico de construção de experiências que ocorre a autoformação. Com isso, seria um modo de agir com consciência do papel que exerce na transformação da própria realidade e do contexto social que o envolve. Essa dinamicidade oferecida pelo PIBID influenciou o modo como estabelece relações com a docência e na sua vida em geral.

## 4.2 O Conjunto

**Imagem XI – O conjunto**



**Fonte:** Pereira, 2016.

Não acreditamos ser mera coincidência quando dois sujeitos, sem prestarem atenção na pintura do outro, esboçam traços de um mesmo brinquedo, grande e colorido. São as conexões. Embargados pelos mesmos sentimentos e envolvidos em toda a dinâmica do reencontro veem na figura do paraquedas a analogia perfeita para expressarem seus sentimentos. O brilhante aqui é que ambos, embora vivendo o mesmo momento ali, apresentam interpretações diferentes para a sua obra. Otto Pereira trouxe-nos a noção de conjunto e de união, a primeira, Lígia, brindanos com a ideia desta imagem representar o outro olhar, o ir além das primeiras impressões, a variedades de caminhos do pensamento e do conhecimento e ainda a construção de laços quando traz a leveza da menina pintada e a conexão que estabelece entre natureza, representada pelo pôr do sol e a sua complexidade existencial.

Duas sensações pulam para fora do papel ao observar a pintura e ler a sua descrição. A primeira é a ligação das cores em um círculo que formam um conjunto e a segunda é a palavra conjunto empregada no sentido de união de forças, ideias, conhecimentos, atitudes que servem para ajudar algo ou alguém, sendo todos beneficiados. O alguém nesse sentido seria eu enquanto autora da pesquisa que promoveu o reencontro como sendo produto de sua pesquisa, mas não só ela. Todos de um certo modo foram afetados por aquele momento, uns mais, outros menos, mas certamente ninguém saiu igual ao que veio pós àquela experiência. Assim, o paraquedas simboliza um encontro de vários sujeitos que foram unidos por algo em comum, que seria a vontade de ir além, desejo este concretizado com as experiências de formação proporcionadas pelo PIBID.

Antes de qualquer análise seria pertinente apresentar a explicação da pintura pelo próprio de Otto:

*Bom, eu tentei desenhar o paraquedas que é um objeto que, na ótica dá pra ver, bastante lúdico em todos os sentidos, que atença mesmo todos os sentidos de criança por ter diversas cores e até no manuseio e também pelo objetivo do paraquedas que é inflar e isso a gente faz em conjunto. E é exatamente isso que a gente tá fazendo aqui, em conjunto pra inflar a carreira da nossa amiga (Relato de Otto Pereira).*

Abrindo um parêntese é indispensável explicar o que seria o paraquedas enquanto brinquedo. A pintura representa muito bem o objeto e o descreve melhor ainda. O paraquedas aqui não é o instrumento do esporte, é um brinquedo de cunho lúdico para o desenvolvimento de jogos que envolvam cooperação, trabalho em equipe e quanto mais pessoas puderem participar do jogo melhor. É confeccionado com tecido e seu formato é circular com o intuito de abranger o máximo de pessoas e suas diversas cores servem para deixar o brinquedo mais bonito e chamar atenção dos participantes e expectadores da atividade, em que cada um pode se identificar com uma cor. Para Texeira (2011) discutimos a autoformação como uma prática educacional de domínio do indivíduo que se forma, o qual constrói sentidos singulares para a definição de seus conhecimentos educacionais. Desse modo, é necessário se compreender a autoformação como um percurso onde se entrecruzam diversos aspectos da existência humana.

Para Otto as experiências que mais o influenciaram foram observar a relação professor/aluno ativamente a partir de situações teórico-práticas no ambiente escolar. Assim, como ao pintar o paraquedas demonstra cooperação ao ajudar no desenvolvimento dessa pesquisa, o paraquedas demonstra também o abraço em que foi envolvido quando dá entrada do grupo, pois se via como alguém estranho e sem perspectivas para seu curso. Esse abraço e essa acolhida grandiosa em que todos cooperaram, possibilitou a este pensar na sua trajetória de formação, a maneira como vinha conduzindo o curso e a reavaliar os seus modos e suas práticas. Ele buscou no grupo uma maneira de fortalecer vínculos com o programa e com a área e desse modo pode-

se perceber como professor. Hoje, ele afirma que enxerga o PIBID como quem o “buscou” em outros tempos, momentos que se conectam entre si.

Como pesquisadores e procurando enxergar as *nuances* e sempre considerando todo o contexto, olhamos atentamente as entrelinhas da pintura. No jogo com o paraquedas, sem o trabalho igual da equipe o jogo tende a não dar certo, assim esboça-se a pintura do nosso sujeito. A sua formação não teria sido enraizada em condutas e valores como trabalho em equipe, união, conjunto, conhecimento se não fosse a contribuição efetiva de cada um do grupo. É um processo contínuo como nos afirma Souza (2014). Os princípios autoformativos não ocorrem nunca de forma isolada, por isso há sempre essa relação com os outros e com todo o meio de atuação. “Eles mantêm relação intrínseca no processo de transformação de aprendizagens, tomadas de consciência, existencialidade e olhar retrospectivo e prospectivo que conduzem o sujeito desde sua origem até o terminar no fim da vida” (SOUZA, 2014, p. 177).

Otto, assim como o paraquedas, surpreendeu. Surpresa no sentido de se fazer envolver com o grupo ao ponto de todos notarem o seu crescimento. Ele se vê buscando outros caminhos na graduação que foram reafirmados pela presença no PIBID e dos amigos que ali fez. Anderson abre um parêntese para mencionar a mudança de Otto nesse contexto: “[...] *O povo fala em mudança, fulano mudou da água pro vinho, eu acho que nem foi da água pro vinho, mas a mudança de Otto no contexto do PIBID, foi muito marcante*”

Alinhavando as suas falas, percebemos que a pintura remete ao fato de que em algum momento, por meio da ajuda de alguns amigos que fez no PIBID, Otto foi “resgatado” de um estado para outro durante a sua formação, o que a partir disso passou a estabelecer prioridades para a sua vida. Assim, notamos que essa noção de cooperação e ajuda mútua no período da graduação, unidos pelo elo PIBID, é também uma experiência crucial de formação na vida de muitos desses alunos.

## 4.3 Nós, Plural

**Imagem XII** – Nós, Plural



**Fonte:** Alencar, 2016.

A pintura incita pensarmos em união, como se associássemos o desenho à palavra. Mas aqui podemos estabelecer uma relação mais centrada, o que justifica por completo o enredo da descrição feita por Francisco e o seu caminho autoformativo. A autoformação aparece aqui como o surgimento de uma consciência original na interação com o meio ambiente, se caracterizando pelo imbricamento da reflexividade e da interação entre a pessoa e o meio ambiente (GALVANI, 2002). Essa tomada de consciência leva Francisco a pensar como a sua família genealógica e a família construída no PIBID foram fundamentais para sua formação.

Ele tem no PIBID a ideia de família construída por entre as diversas relações que estabelecemos com os outros, o que nos leva a associar a pintura à noção de união acontecida no programa entre os pares. Para este sujeito o PIBID ainda continua vivo nas suas experiências, mesmo passados quase 4 anos pós programa ele ainda mantém o mesmo sentimento de pertencimento. Assim como Freire (2008a, p. 91) nos mostra que “os professores fazendo-se e refazendo-se no processo de fazer a história, como sujeitos, se tornam seres da inserção no mundo e não da pura adaptação ao mundo”.

Em suas palavras o autor evidencia a importância e influência crucial que o programa teve e tem em sua trajetória. Para ele:

*O PIBID foi uma oportunidade ímpar na minha formação docente, pois veio a somar e contribuir com os conhecimentos do currículo acadêmico. Contribuição essa que reflete até hoje na minha personalidade nas aulas, principalmente sobre tentar fazer com que o aluno reflita e tenha a oportunidade de se expressar através de suas opiniões e falas. Esse ponto com toda certeza é reflexo das atividades e discussões desenvolvidas no programa. (Relato de Francisco Alencar).*

Pensar pós formação é pensar formando-se, que se faz por meio da autoformação. Francisco atribui ao PIBID um sentido de despertar de uma consciência crítica para ler a realidade e agir sobre ela. Relata que isso mudou completamente a sua visão de formação e o fez um professor mais crítico e reflexivo e que como essa postura se deu de forma positiva nele, adotou-a na escola e na formação de seus alunos.

Para tanto, apresenta como algumas experiências importantes o contato com o conhecimento aprofundado que teve durante o programa que foi crucial para sua trajetória profissional. Indica o PIBID como fator-chave para a sua aprovação em concursos públicos da área.

*As experiências mais importantes foram os planejamentos e estudos mais a fundo sobre autores da educação e específicos da educação física que embasaram o conhecimento para trabalhar na sala de aula e também com relação na aprovação de concursos onde se pode ter uma melhor estabilidade profissional (Relato de Francisco Alencar).*

A ideia de formação atribuída ao PIBID foi muito mais marcante quando os alunos terminaram seus cursos de graduação e iniciaram sua atuação profissional. Isso comprova aquela premissa de que só vamos ter consciência daquilo que nos foi importante ou não, passado algum tempo depois do vivido. Isso reflete na aprovação em concurso público o que foi um reflexo das constantes leituras feitas durante o programa e o desenrolar da formação na escola, agora enquanto professor.

O programa ainda tinha outro ponto positivo que era essa ideia de segurança, trazido pelo recebimento da bolsa. Como a família tende a cobrar muito uma estabilidade financeira ao sujeito, o PIBID pode proporcionar isso naquele momento ao estudante, e para alguns sujeitos foi principalmente essa experiência que o proporcionou a estabilidade de um concurso público.

Analisando sua pintura, vemos pessoas de mãos dadas, e levando em consideração todas as falas de Francisco no reencontro, chegamos a ideia de família. Mas ultrapassamos o conceito pronto e acabado, como aqueles que fazem parte de um mesmo lar, árvore genealógica ou algo do tipo e olhamos sob a ótica da reconstrução, da família escolhida ou apresentada por nós pelo destino e circunstâncias e também dos sentidos e significados que atribuímos a esta e que por

consequência nos é atribuído também. Alencar nos diz que teve na sua mãe o principal modelo de conduta de homem e foi isso que o tornou como é e isso constitui parte de sua personalidade.

*Acho que também outra característica que eu aprendi com mãe, que mãe diz, 'eu amo meus filhos', mas também na hora de dar os cascudos e na hora de punir eu vou punir de verdade. Eu acho que talvez foi uma característica que eu tenho trago dela, dela ser aquela pessoa que apassiva as coisas, de pensar nas coisas, de incentivar, mas também na hora que ela quer falar ai ela fala (Relato de Francisco Alencar).*

Essa fala apresenta mais uma justificativa para a sua pintura, pois funciona como um ciclo em que as aprendizagens e os valores vão sendo transferidos, tecendo toda uma história que fundamenta ações na vida e que contribuem para a formação cidadã do aluno que faz parte de sua aula.

Ele nos apresenta a descrição da sua pintura:

*Eu desenhei aqui uma família, no caso pensei em minha família, mas eu acho que a intenção de desenhar uma família foi que desde a primeira vez que a gente conversou lá, foi que eu pensei no PIBID como uma família e nas famílias que a gente vai descobrindo extra, que sai da sua árvore genealógica. Então, essa família que a gente constrói e a que gente vai continuar construindo saindo desse espaço para outros espaços e sempre vai ter construções de famílias. E eu acho que a vida é isso é construir famílias, não só famílias sanguíneas, mas famílias por sentimentos (Francisco Alencar).*

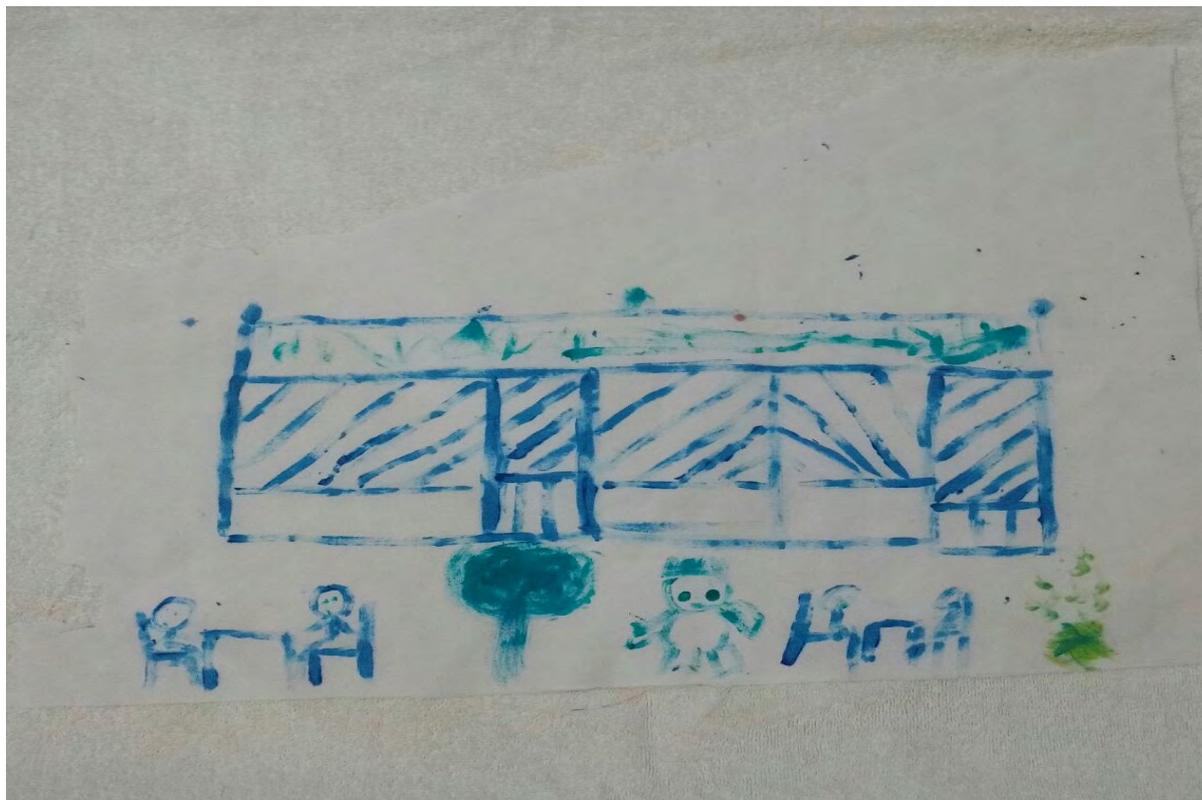
Ao delinear o percurso do sujeito no reencontro percebemos que a palavra família e até mesmo essa noção de família construída está presente em todo o contexto. E indo mais além deste, é crucial o enfoque dado pelo sujeito à sua família e à família que construiu no período universitário e o papel que estes assumiram na sua formação humana e a autonomia em afirmar que construiu uma família dentro do programa PIBID e que esses vínculos estão ainda acesos mesmo após passado algum tempo.

Francisco, em sua narrativa de vida, afirma que as histórias ouvidas de sua mãe e seus puxões de orelha bem dados foram fatores decisivos para o caminho que escolheu trilhar. A partir disso as escolhas foram sendo mais prazerosas quando foi tecendo vínculos e traçando relações duradouras com algumas pessoas, em especial o grupo que formava o PIBID.



## 4.4 Eu com os outros

**Imagem XIII** – Eu com os outros



**Fonte:** Freitas, 2016.

Há momentos essenciais na nossa construção identitária e simbolizam toda uma trajetória de vida. O que fica evidente na pintura desse sujeito são os laços. Ao sentir a sua pintura e deixar que ela nos invada percebemos o mar de sensações que esta desperta, que mesmo sem ler a descrição notamos serem transmitidos sentimentos por meio dos vários elementos presentes nesta. Mesmo na descrição, sem fazer menção ao PIBID, resgatamos em suas falas o diferencial que este teve em sua vida.

Em um de seus momentos mais difíceis quando descobriu que iria ser pai e não estava conseguindo desenvolver suas ações de forma exitosa, a coordenadora Ione e o grupo funcionaram com uma espécie de aporte para sua evolução. Com esse apoio afirma que conseguiu ultrapassar as dificuldades e transformá-las em sabedoria.

Quando José Henrique consegue aceitar seu filho, apesar de em um primeiro momento parecer ter sido uma limitação de suas escolhas, também enxerga que foi a partir dele que conseguiu a força necessária para continuar indo em busca dos seus sonhos. Religa o nascimento do filho com o posterior engajamento nos estudos e conseqüentemente no PIBID, pois viu uma saída naquelas circunstâncias para lidar com seus problemas. Criou seu filho durante a

graduação e hoje está trabalhando como professor efetivo em uma cidade do Rio Grande do Norte.

O programa também despertou nele o desejo de continuar estudando, qualificar-se cada vez mais para ser um bom professor. A lição de ser pai é tida por ele hoje como elemento encorajador de ressignificações da sua prática. Assim, “testemunhar a abertura aos outros, a disponibilidade curiosa à vida, a seus desafios, são saberes necessários à prática educativa” (FREIRE, 2008 p. 135). Henrique é enfático ao citar as contribuições que se entrelaçaram com o PIBID e que ainda permanecem vivas:

*O PIBID proporcionou experiências muito importantes para minha atuação profissional. Sempre incentivou a busca pelo conhecimento, buscando livros além dos que conhecíamos na faculdade, presando pelo saber crítico nas discussões nas reuniões, buscando alternativas de ensino para incentivar os alunos como o jornal escolar, coisa que implantei ano passado na minha escola e vou ampliar este ano. Mas, buscando sempre o conhecimento de tem por trás da ação, não somente o fazer pelo fazer, mas fazer com um objetivo, sempre refletindo sobre ações para fazer novas ações, isso refletíamos nas reuniões. Sinto isso ainda muito presente em meus planejamentos e nas minhas aulas (Relato de José Henrique Freitas).*

José Henrique em sua fala argumenta que os momentos de reflexões que aconteciam no programa o influenciaram enquanto professor. Hoje, ele se vê como um professor que procura despertar um senso crítico no aluno, uma visão mais ampla das coisas e uma aprendizagem com significado, afirmando que isso só foi possível pela presença do PIBID em sua formação. Sobre isso Josso (2004, p. 09) revela que “explicitar a singularidade e, com ela vislumbrar o universal, perceber o caráter processual da formação e da vida, articulando espaços, tempos e as diferentes dimensões de nós mesmos, em busca de uma sabedoria de vida” são fortes características de atitudes autoformativas.

Sobre sua pintura, acredita ser nos momentos informais com os pares que o sujeito é constituído. Para enfatizar isso, pinta um momento de confraternização e reunião familiar. A fachada de uma casa com um portão grande e a sua frente uma árvore e várias pessoas reunidas que parecem celebrar algo. Observamos a pintura e em seguida a sua descrição dada por José Henrique:

*[...] Eu tentei desenhar a frente da casa de meus pais, com uns portões grandes aqui. E que toda virada de ano tem o churrasco da família. Ai vem minha família, minha irmã de Natal, vem gente de todo canto, pra se reunir, comemorar, passar a virada de ano junto e está todo mundo reunido em comunhão. Então assim, minha família é muito unida, não que não tenha problema, longe disso, tem gente discordando de gente. Eu não quero passar isso que minha família é perfeita, mas que pelo contrário, apesar de todas as dificuldades ela sempre tá unida em um momento especial, que todo mundo busca tá sempre junto ajudando um ao outro. Tanto é que eu não*



*desenhei aqui mais normal, pai, mãe, irmão, não, deixei aberto assim pra todos, porque minhas tias, minhas primas, eu considero bastante. Então essa foi minha inspiração, minha família num momento simbólico (José Henrique Freitas).*

Ele sempre viu um aporte na família para suas maiores dificuldades, e hoje ao ter construído sua própria família fala de seus valores familiares com mais convicção. Viu no PIBID também um momento de superação e entendimento do ser humano, o que tenta repassar hoje em dia para seus alunos.

*Na minha escola também sempre busco criar e desenvolver projetos, coisas que fazia no dia a dia no PIBID. Outro ponto importante é que ainda me sinto motivado a qualificar-se enquanto profissional, buscando curso e vislumbrando em um futuro próximo uma pós graduação (Relato de José Henrique Freitas).*

José Henrique faz-nos sentir a obrigação de um professor competente e engajado na formação dos seus alunos. Permite-nos perceber ser fundamental o comprometimento com a prática, envolver-se nas questões subjetivas para entender melhor o aluno como ser ativo. E isso com certeza marca a vida de um aluno, que pode criar com esse professor, laços, o que aconteceu dentro do PIBID e que certamente influenciou em suas decisões futuras. Marcante, portanto, acreditar na ideia de aprendizagem significativa e professor como mediador e incentivador de boas ações.

### **4.5 Retratos da Infância**

**Imagem XIV – Retratos da Infância**



**Fonte:** Costa, 2016.

As conexões estabelecidas entre memórias da infância e os momentos que se fizeram na vida adulta, fazem parte de todo percurso autoformativo do ser humano. Quando conseguimos estabelecer essas relações e religamos fatos, situações e caminhos, vendo que uma situação de infância pode ter influência real no futuro, vamos criando nossa teia de ressignificações, estabelecendo sentidos para todas as experiências vividas que serviram de aprendizado e as consequentes escolhas que fazemos vão sendo justificadas.

Se não fosse essa relação recíproca não ocorria o autoconhecimento e o entendimento da dinâmica interna do mundo. Pineau e Galvani (2012) diria que essa religação consistiria em aprender a viver em que há a união de três polos – individual, social e material – considerando os saberes e as experiências mediadoras. É justamente isso que Adiciano tenta nos passar.

As conexões vão sendo percebidas ao longo do reencontro quando os relatos das narrativas de vida se conectam com os poemas e com as pinturas e isso é unânime em todos os sujeitos. O despertar desses momentos foi feito através de algumas ações proporcionadas pelo PIBID, que tratavam com cuidado as questões ‘quem eu só’ e ‘de onde eu vim’. Eram momentos voltados para a constituição do sujeito que se refaz durante todo seu processo autoformativo. Podemos citar exemplo disso os encontros individuais com cada aluno que aconteciam a cada semestre e as escritas das suas narrativas de vida.

Algumas experiências foram essenciais nessa construção que também foi humana, como podemos sentir nas falas. Adiciano afirma que sem o PIBID a sua formação não estaria completa, não teria aportes suficientes para ser um professor melhor e um ser humano melhor e para mudar realidades como a da Educação Física na escola, o que ocorreu através da essência estabelecida no grupo e das suas possibilidades de relações e criações. Ele fala de experiências/ações marcantes dentro do grupo que carrega consigo ainda:

*Outro aspecto que fez eu me tornar um professor melhor, foi a questão dos encontros com nós do grupo PIBID. Então esses encontros, essas trocas de experiências, cada um contando o seu dia a dia em sala de aula, nas reuniões com a coordenação em que ao mesmo que era dura era bastante flexível, também teve uma parcela importante na nossa formação profissional. No mais essas coisas nos tornam mais humanos, mais compreensíveis, mais disciplinados até. Então foi uma importância imensurável. Creio que sem o PIBID nossa formação seria bastante falha, minha formação não estaria completa se não fosse o PIBID, não fosse meus colegas, se não fosse a escola, não fosse os alunos e a coordenação principalmente (Relato de Adiciano Costa).*

Teixeira (2011) argumenta que essa troca de ideias, valores e atitudes permite a construção de novas bases de aprendizagens, possibilitando um processo reflexivo das tensões, das dúvidas e dos desafios que enfrentamos na construção dos atos autoformativos. Notamos que Adiciano relembra o período em que pôde vivenciar de perto o funcionamento da escola como uma



alternativa de mudança e novas perspectivas para sua profissão. À luz da autoformação, ele vê na sua professora de Educação Física inspiração para poder fazer sua escolha profissional, passando, assim como Lígia, por um processo de negação (imagem do professor) e posterior afirmação da profissão (pós experiência do PIBID), sendo no primeiro momento um querer ser igual àquela professora e em um momento mais avançado ver que poderia ser melhor, quando a docência foi dotada de novas luminosidades. Duas falas evidenciam esse contexto:

*Ai quando era na aula de Educação Física no Ensino Médio a professora sentava no birô e ficava balançando as perninhas conversando com as meninas, ai eu disse: 'É isso que eu quero pra minha vida, sentar no birô e ficar conversando'. Quer dizer, querendo ou não ela foi uma inspiração pra mim, porque eu nunca tive aula de Educação Física.*

*A primeira vivência foi a experiência em sala de aula, onde nós pibidianos passamos a vivenciar o dia a dia da escola, um momento em que foi possível conhecer os tramites burocráticos, conviver com professores e alunos, isso foi de suma importância para a atuação profissional, porque nós como graduandos de Educação Física na época, tínhamos uma visão superficial do que era ser professor e essa vivência em sala de aula nos deu um olhar mais abrangente, onde poderíamos atuar e colocar o dedo na ferida e dar a cara a tapa e tentar melhorar nossa área de atuação, nos melhorarmos como futuro educadores (Relatos de Adiciano Costa).*

Esse novo sentido agora alinhavado à formação fez com que ele enxergasse que poderia ser capaz de provocar mudanças na realidade da área assim como as experiências do PIBID provocaram em sua vida. A escolha da profissão hoje é vista como modo de reconstrução de um novo professor que embasados a uma boa formação podem transformar realidades. Uma religação de pontos da sua formação do ensino médio e agora fazendo-se professor.

Pode-se dizer que essa memória que é autoformativa na medida em que conhecimento e sabedoria tecem os fios que justificam as suas escolhas pelo curso, pela entrada no programa e pela cadeia de relações criadas pessoalmente e profissionalmente, o que é bem destacado quando analisamos as entrelinhas dos relatos dos sujeitos. As recordações-referências de infância também podem explicar as aberturas. É isso que notamos na pintura de Adiciano. Abrahão (2011, p. 168) nos ajuda a pensar esse conceito que está intimamente ligado ao processo de autoformação:

*As recordações-referências constituem, portanto, a natureza das narrativas de formação, as quais produzem, pela rememoração que permite repensar e ressignificar o vivido, referências das motivações de determinadas escolhas, das influências que atravessaram trajetórias de vida, dos modelos, dos momentos vivenciais que fazem dos sujeitos singulares/ plurais individualidades dinâmicas, porque reflexivas, em constante vir a ser, sendo. (ABRAHÃO 2011, p. 168).*

Por meio dessas práticas reflexivas o sujeito pintou momentos de sua infância no retalho, período em que podia exercer a sua liberdade a todo gosto. O ambiente em que morava proporcionava contato direto com a natureza, amigos e diversas brincadeiras. A figura do pai está presente durante todo o contexto do reencontro nas falas deste. Há uma certa nostalgia ao lembrar desses momentos que proporcionaram de fato tamanho crescimento pessoal e que, podemos dizer, sempre estarão presentes nas figuras do seu imaginário. As recordações que traz na pintura também retomam um lado triste de sua infância, o período em que ficou doente. A figura do pai representa segurança e conforto, sendo ele que buscou sempre meios para a sua recuperação e para a sobrevivência da família.

Acreditamos na ideia de que “nessas lutas de poder em busca do acesso aos saberes sobre a vida, a prática da escrita das histórias de vida, representam um meio estratégico vital para construir sentido e produzir a própria vida” (PINEAU e LE GRAND, 2012 p. 170). “É na palavra que dizemos quem somos, dos nossos afetos, dos medos, dos sonhos e projetos. Damos “vida ao imaginário da cultura”, relatamos a partir do presente uma “vida possível” e construímos o mito do herói – “nós mesmos” (BRANDÃO, 2008 p. 16).

Adiciano mostra um alicerce peculiar na pintura: a infância. Ao lado de seu pai parece ter histórias de superação. Ao passar por dificuldades financeiras viu no PIBID a possibilidade de ajudar seus pais e de investir em sua formação. Houve um momento na sua fala em que resgata a importância da bolsa (em dinheiro) recebida por ele todos os meses:

*Na verdade eu tava me escondendo porque meu tênis descolou todinho de fora a fora e eu fiquei com muita vergonha daquilo (risos). Ai muito tempo depois, na minha primeira bolsa do PIBID, a primeira coisa que eu fiz foi comprar um tênis. [...] Eu disse: ‘Nunca mais vai descolar um tênis meu numa aula de Educação Física’ (Relato de Adiciano).*

Isso mostra a importância que ele empregou àquela situação ocorrida pela falta de condições no momento e como sua vida deu um salto a partir da entrada no PIBID. Nessas veredas, ele dedica o espaço destinado à pintura de livre expressão para falar do que pode formar o ser humano que são os retratos da infância. Apresenta a ideia da beleza revelada por diversos elementos que estão presentes em sua memória afetiva. Adiciano sempre deixa presente em sua fala as lutas que seus pais travaram pela sua sobrevivência que desde muito pequeno sofreu devido a uma doença que necessitou de uma assistência na capital. Foi por meio disso que cresceu com desejo de ajudar os pais assim que fosse possível e quando de fato conseguiu a bolsa do PIBID pode retribuir pouco a pouco os seus pais.

## 4.6 Elos

**Imagem XV – Elos**



**Fonte:** França, 2016.

A única professora supervisora do grupo, Solange, trazia consigo uma carga enorme de experiências na bagagem, como professora de Educação Física da Educação Básica, como mãe de um filho com deficiência e por muito tempo como presidente associada da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) da cidade de Pau dos Ferros/RN. Veio se redescobrir no PIBID e foi onde se reinventou enquanto humana. Solange viu seu desejo de ir além ser fortalecido através do contato que teve com os alunos que supervisionava e que mantinha um trabalho de equipe e enxergou nas interações, conhecimentos e o surgimento de novas ideias o descobrimento de uma nova fonte. Seu processo de autoformação foi tomado a partir do desenvolvimento de suas capacidades interpessoais centradas nas análises das vivências cotidianas, que foi se definindo um estilo próprio de agir com o intuito de transformação das experiências (TEIXEIRA, 2011).

Ao falar sobre as experiências relata que:

*Foram tantas as trocas de conhecimentos do/com o grupo, o trabalho em equipe, as pesquisas e estudos, os eventos, o incentivo e exemplo dos professores coordenadores. Tudo isso me fez perceber que não basta deter o conhecimento dos conteúdos significativos para ministrar aulas de Educação Física. Percebi que preciso ir mais longe para ser uma profissional de melhor qualidade nessa área e tornei-me estudante de licenciatura em Educação Física e em um futuro breve quero ser mestra. Em resumo estou me tornando uma estudiosa pesquisadora com e em continuidade com o PIBID interdisciplinar sigo com estes propósitos (Relato de Solange França).*

Viu no PIBID o ampliar de ciclos e o surgimento de outros. Argumenta que procurou sempre estar em meio ao grupo partilhando experiências e aprendendo coisas novas para poder se desenvolver cada vez mais. Hoje, vê crescer e fortalecer nela por meio daquela experiência o desejo de construir novos caminhos para o ser e o fazer-se professor, o que ocorria abraçado com sua mudança também interior. As perspectivas foram ampliadas e foi necessário sair da zona de conforto. Assim, começou a redefinir os modos de sua atuação pedagógica. Desse modo, Teixeira (2011, p. 59) enfatiza que “estando em autoformação, o professor aprende a modificar-se, modificando seu processo formativo ou vice-versa. Nesse caso, começa a refletir sobre os modelos e os propósitos de suas ações, redefinindo seu percurso de atuação pedagógica.”

Para Solange seria como se o PIBID tivesse deixado um legado, o que antes podia definir-se como uma pessoa antes do programa e outra após ter passado por ele. Ao olhar para trás acredita ter sido essa experiência quem fez querer continuar estudando, ter entrado na graduação em Educação Física, que antes só tinha graduação em Letras, tendo pretensão de cursar mestrado. Multiplicar essa experiência é algo que ainda continua a fazer, e hoje continua envolvida no PIBID interdisciplinar na mesma Universidade. Para ela:

*Todo o processo como se deu o desenvolvimento do sub projeto PIBID onde vivenciamos grandes e várias experiências exitosas não havia como esquecer tudo isso e retroceder no tempo e fazer tudo de velho. Eu aprendi muito continuo usufruindo desse legado que o PIBID me trouxe. Continuo inovando e me lapidando enquanto profissional a experiência vivida é uma herança que eu carrego com muito carinho e continuo multiplicando. Como já disse eu sou duas, uma antes e outra depois do PIBID (Relato de Solange França).*

A pintura evidencia essa ideia de equipe, de cooperação, de colaboração mútua para o crescimento de todos os envolvidos. O que se apresentou primeiramente como uma necessidade de voltar à Universidade e se aproximar dela novamente, culminou no despertar de sonhos adormecidos e na realização de outros. Ao fazer sua pintura fez uma analogia do grupo PIBID a uma corrente que construída por elos que ainda não fechou seu ciclo, sendo que nela estão presentes todos os alunos e os professores coordenadores. Os elos e os ciclos, nas palavras dela, vão se fechando e fazendo de nós pessoas melhores.

Olhemos com sensibilidade sua pintura. Ao nos explicar o que havia pintado, ela nos diz:

*Aqui é eu tenho uma corrente, os elos, porque na verdade a nossa vida é feita de ciclos, e na medida que nós vamos vivendo, passando os anos, esses elos, esses laços vão se formando e fazendo de nós pessoas melhores. O círculo não está porque a vida está em constante movimento, e todos esses elos são coisas que eu conquistei no decorrer da vida e alguns deles são vocês (Solange França).*



Os elos foram fortalecidos a cada encontro, discussão de textos, planejamentos com os alunos, confraternizações, viagens e eventos para outras cidades, responsabilidades destinadas e de ideias para inovação, que ainda continua viva e pulsante no coração de Solange é materializada com toda sua intensidade com cada objetivo realizado. Ela teve o PIBID, diríamos como um divisor de águas, aquele em que olha para trás e vê que de lá para cá ocorreram tantas mudanças em sua formação que não se reconhece mais como a Solange de antes, e sim agora como uma nova pessoa, em que vai tecendo contidamente sua colcha de retalhos com os elos que estabelece e vai formando encerrando círculos e abrindo outros.

### 4.7 Dos sonhos

**Imagem XVI – Dos sonhos**



**Fonte:** Florêncio, 2016.

“Pensar no âmbito da autoformação é desenvolver a habilidade de repensar sobre o que foi pensado” (SOUZA, 2014 p. 179). Nesta perspectiva, há, essencialmente, para Fernando Florêncio, a necessidade de se imprimir consciência de que conteúdo é o que há dentro da pessoa e não fora dela, cabendo o direito à revisitação constante. É nisso que este investe para pensar o seu percurso autoformativo. Sob o viés da revisitação, rememoração e articulação do vivido, a pintura intitulada “Dos sonhos” leva-nos a descobertas de paixões e inspirações, pensando nos desejos de um jovem que se fez e se faz por meio de algumas delas, como o caso do romance com a música e com o esporte.

Sobre esses sonhos e amores, nos diz na descrição de sua pintura:

*Bom pessoal, aqui é um instrumento musical e o símbolo do Corinthians, simbolizando o esporte e a música e aqui um coração pra dizer que amo essas coisas. E aqui é um céu estrelado, a lua simboliza Ione e as estrelas somos nós os Pibidianos (Relato de Fernando Florêncio).*

O entusiasmo pelo esporte foi o principal meio influenciador para a escolha da sua profissão, cabendo muitas histórias de infância para alimentar esse desejo em que os pais tinham receio já que a criança apresentava a necessidade de maiores cuidados devido a um tratamento médico. Repensar o pensado e o vivido são caminhos reflexivos que levam a ressignificação.

Articulando a pintura de Fernando a seus relatos da sua narrativa de vida, nos levam a partilhar de momentos povoados de privações, como o caso da sua infância. Acometido por uma doença em que necessitava de atenção e cuidados especiais, teve na meninice um momento de limitações do “ser criança”. Ao correr riscos, tanto pela sua saúde como também pelo extremo cuidado dos pais, para poder jogar bola com os amigos, ele teve no esporte uma primeira paixão. Paixão essa que refletia mais tarde na escolha do seu curso de Educação Física, pois pelo “esporte” já tinha enfrentando alguns perigos significativos. É notável em sua fala:

*E o tempo foi passando, sempre gostei muito de música, arranjo algumas coisas. Fui fazer o vestibular e tinha música ou Educação Física que queria fazer e fui pra Educação Física, porque eu disse: ‘Não, já levei até pisa por causa de educação física’ (Relato de Fernando Florêncio).*

A escolha do curso reflete o momento em que viu suas privações de infância serem libertas, pois, agora estava onde queria, perto do esporte e lidando com ele sem limitações. Enxergar esse caminho fez Fernando perceber, mesmo que de forma inconsciente, que suas escolhas partiram de desejos e sonhos de infância, onde o correr riscos já não seria mais problema. Outro elemento evidenciado na explicação do desenho foram as estrelas que seria a representação para o grupo do PIBID e a coordenadora Ione representada pela lua.

Na pintura, Fernando esboça certo sentimento quando demonstra a relação estabelecida entre o grupo e a coordenação que proporcionou diversos momentos ímpares na sua constituição. É o que percebemos também no decorrer de suas falas durante o reencontro, como essa relação entre os alunos e a coordenadora Ione foi fervorosa e engrandecedora que serviu de alicerce para o crescimento pessoal e intelectual dos estudantes.

Entendemos, desse modo, a relação com uma liderança como uma possibilidade de contribuição com a própria formação a partir do momento que consegue enxergar no grupo e na coordenadora uma dinamicidade que o proporcionou crescimento e mais ação. Para Teixeira (2011) o sujeito em autoformação consegue passar pelo processo de modo que perceba o envolvimento da tríade: “si”, “outros” e “meio”. Para essa autora:

O sujeito em autoformação se percebe, percebendo também o outro e o mundo a sua volta, experienciando, assim, de forma particular e íntima, a possibilidade de contribuir com a qualidade da própria formação e o desenvolvimento dos outros. Nesse sentido, a formação não é entendida como assimilação impensada de normas instrucionais mecanicistas, disseminadas pelos sistemas tradicionais de educação formal, mas, como uma prática de desenvolvimento, apoiada nas capacidades criativas de efetivação dos atos concernentes ao processo ensino-aprendizagem (p. 64).

Os relatos de Fernando ratificam a satisfação de ter vivido o PIBID e de ter se envolvido em todas as situações de aprendizagem formal como informal, quando cita o caso da reforma da sala do grupo em que ficou responsável por reparar uma estante antiga até a publicação de um artigo em livro. Explica:

*Todas as experiências vivenciadas foram de muita importância para minha formação e para meu futuro como profissional... Destaco as leituras e pesquisas... Que me mostraram os grandes pensadores da educação física... E que me servem de base para tudo e qualquer aula ou pesquisa que elabore na minha atuação profissional... As vivências foram diversas e ricas ... Sendo todas desde pintar uma estante até apresentar um artigo publicado em livro de importâncias incalculáveis (Relato de Fernando Florêncio).*

Sempre haverá pessoas e coisas que nos remetem à história. E nas palavras de Fernando foi mencionado várias vezes de forma bastante peculiar a presença de Ione como incentivadora do seu crescimento. Para ele Ione assumiu o papel de destaque em sua formação, encorajando-o e o desafiando na superação de suas dificuldades. Ocorria um certo entrave na medida em que havia um cuidado maior por parte de seus pais acarretado por um problema de saúde na infância, conforme descrito acima. Isso foi sendo superado gradualmente com a ajuda da coordenadora e do grupo a quem remeteu de forma carinhosa como lua e estrelas na sua pintura.

Sobre essa influência das relações com os outros que influencia na ação consigo mesmo e com o mundo, Pienau e Galvani (2012) retomam o processo de autoformação como duplo, imbricados de maneira direta nas relações com o meio ambiente social/cultura/natural. Assim:

A autoformação não é um processo independente, mas um duplo movimento de consciência (ação de si sobre si, subjetivação) e de retroação reflexiva sobre os elementos do meio ambiente social e cultural (socialização) e/ou natural (ecologização). A autoformação é um processo de emancipação e de descortinamento pela tomada de consciência reflexiva do que forma o sujeito (PINEAU E GALVANI, 2012 p. 209).

Alguns desafios também foram sendo enfrentados por diversas atitudes positivas por parte da coordenação do grupo que servia de mola propulsora para saltos cada vez mais altos. Fernando viu no grupo por inteiro uma forma de lidar com suas limitações e aprender a superá-las para assim aprender com elas. O cuidado que necessitava na infância alinhados ao amor que

tinha pela música e pelo esporte contribuíram decisivamente para o percurso que se delineou. A heteroformação que ocorreu fortemente na fase universitária estabelecida por meio dessa relação com seus pares foi um fator decisivo para a condução de sua vida dali por diante, tendo demonstrado isso por meio da pintura, do poema e dos relatos diversos de sua narrativa.

## 4.8 O ser livre

**Imagem XVII – O ser livre**



**Fonte:** Oliveira, 2016.

A primeira palavra que surge para descrever o sentimento percebido na pintura é liberdade, o que fica bem argumentado nas ideias de Evandro quando descreve a sua obra. Ao senti-la e por consequência materializar o sentimento por meio da pintura que simboliza um momento de busca e podemos dizer de aceitação de si, o nosso sujeito é envolto em uma nostalgia que é característica peculiar do contexto, ressaltando a tamanha importância do alçar voo. Voar no sentido de aventurar-se e produzir o novo, mas sempre ficando em raízes que irão ser mapas para os futuros caminhos. Evandro deixa claro a necessidade de movimento, não um movimento corporal entendido apenas através de mecanismos fisiológicos do corpo humano, mas um movimento que envolve a participação da vida em sua grandiosidade, como uma roda gigante que vai levando a pessoa ora nas alturas, ora perto do chão com medos, devaneios, pulsações e sabores, que partilha nesse meio tempo sorrisos, gritos, angústias, alegrias e giros.

A justificativa dada para a construção de sua pintura até então evidencia o momento crucial vivido por ele enquanto aluno do PIBID. Podemos falar em momentos charneiras pelo simples fato desse momento ser considerado um iluminador de caminhos na vida deste.

Ao comentar sobre a importância que a experiência que o PIBID ainda tem na sua atuação enquanto professor, ele destaca os momentos vividos pelo grupo, a interação viva com a escola e a vivência rica que teve na sala de aula e como isso o ajudou a perceber o aluno de uma forma diferente. Para ele:

*O PIBID será um elemento mediador nesse nosso processo de constituição de ser professor. Eu acho que tendo como base o elemento histórico da historicidade mesmo, nós enquanto seres humanos que somos criados nessa vivência diária e é constante o nosso processo de ruptura, mas mesmo assim que a gente vive no passado ele sempre vai nos acompanhar. E assim as experiências do PIBID são muito fortes. Porque a gente viveu aquilo de forma tão intensa com as colaborações dos professores, com os eventos que a gente foi, com as artigos que a gente produziu, os projetos que construía pra escola, então, a gente via de perto com era a prática pedagógica e tentava transformar de todas as formas. Hoje eu carrego muito isso, porque eu tento não reproduzir, reproduzir tal qual eu via na escola, mas eu tento buscar ver, ter um olhar sensível daquilo que está acontecendo tanto na escola do ensino básico como no ensino superior, eu acho essencial que o professor mostre diferencial, porque os alunos hoje eu vejo que os alunos percebem o nosso esmero com nossa prática pedagógica, então ele não ali passivo ao processo e não existe mesmo aquela aula que é tradicional o aluno não é passivo, porque ele lhe avalia diretamente, ele sabe a forma de participação dele das diversas participações, mesmo que aquele que está dormindo até aquele que está olhando para você conversando e dialogando vai dizendo pra gente o que é que está acontecendo. O PIBID me abriu os olhos pra isso, para enxergar o aluno como ser que produz conhecimento independente do que ele faça. [...] O que me deixa é que o processo que nos inseriu dentro do PIBID é um processo que é constante, a gente sempre vai viver aquilo, porque até a hoje a gente se relaciona com as pessoas diferente, com o grupo que a gente formou, então age diretamente porque sempre vai remeter a um processo que a gente fez lá atrás. E vamos verificar que crescemos muito num nível de qualidade comparado ao que a gente seria sem o PIBID, então eu acho que o PIBID contribui muito para minha prática pedagógica e hoje como professor (Relato de Evandro Oliveira).*

Quando reconectamos as falas, as poesias e as pinturas, nos parece nítido enxergar o caminho da formação de si, junto com os outros e com as coisas ao redor. O PIBID foi um marco, como é evidenciado na maioria das falas dos sujeitos pesquisados. Com isso, percebemos a tamanha relação entre a pintura e a religação estabelecida por meio dela entre presente, passado e futuro, pois quando os sujeitos atribuem ao PIBID o sentido de crescimento em sua formação e constitui fator-chave na projeção de si. Neste aspecto, Brandão (2008) acredita que as histórias de vida, e tudo o que se conjugar como uma forma de comunicação com o mundo, pinturas, poemas, canções, ressignificam as trajetórias dos sujeitos e lhe atribuem outros significados. Assim:

A experiência nos mostra que, a partir da memória autobiográfica nas histórias narradas, e muitas vezes escritas, podemos, usando a linguagem, refletir, compreender, reorganizar e ressignificar essas trajetórias e projetos de vida-trabalho, nossas e dos outros, articulando as memórias individuais e coletivas, dando-lhes um sentido significado. Essa história, que é nossa e dos grupos aos quais pertencemos, diz-nos quem somos, auxilia e fortalece nossa identidade, ilumina nosso caminho na busca de sentidos para nosso ser-estar no mundo (BRANDÃO, 2008 p. 15).

Assim, estas deixam evidente o processo reflexivo e a tomada de consciência sobre os momentos que os fizeram o que permite a articulação entre vida e formação, e reflexão e autoconhecimento, o que estão vivificadas a cada lembranças e conexões mesmo após quase quatro anos de encerramento do grupo.

A pintura, como nos diz o Evandro, simboliza o desfecho de um período rico em sua formação enquanto humano, ancorada no desejo de ir além do estabelecido, como aconteceu também lá na sua primeira série com sua professora Maria em que viu nele um potencial a ser trabalhado para que pudesse então ensinar os outros, um espírito de liderança que já caminhava com ele desde pequeno. E lá estava ele, ultrapassando seus limites e indo além de qualquer situação, dando os primeiros passos, mesmo que sem saber, para a sua liberdade e, outrora, voando. Fez-se assim também um pequenino pássaro que poderia ajudar os colegas com mais dificuldades a voarem, quando passou a ajudar sua tia Maria a ensinar os alunos que necessitavam de maior atenção. Isso é retomado num passado recente quando se viu como um líder do grupo PIBID, o que por ventura, o conectou ao mundo da docência, pois teve em sua “Tia Maria” e na responsabilidade a ele dada por ela uma luminosidade para seguir a carreira docente.

O que engradece nosso olhar são as cores que a pintura traz em si, um colorido que remete a experiências vividas, dançadas e pulsantes. O coração desenhado na ponta do que entendemos ser as linhas dos batimentos cardíacos nos leva a pensar em um sujeito movido por sentimentos diversos, dando uma continuidade de todas as etapas do reencontro vivido e demonstra *nuances* mais subjetivas.

Assim, tenta nos passar em suas pinturas a maneira como buscava justificar a suas questões mais subjetivas, momento que foi propício a isso na Universidade e dentro do PIBID com os vínculos que foram sendo fortalecidos ao longo do tempo. Em suas palavras:



*Bom gente, eu pensei na pipa que foi algo que a gente viveu quando eu pensei em fazer o nosso documentário, na verdade eu fiz o documentário, e aí foi abertura que eu fiz foi uma pipa porque a pipa ela fica solta ao vento e era bem isso da liberdade, da vontade de voar, de crescer. E aí eu fiz um coraçãozinho com os batimentos cardíacos e do lado um rapazinho que tá dançando que seria eu. E essas cores saindo porque eu acho que a vida ela tem que pulsar, com muitas cores, muita vida, muita luz. E por isso, essa liberdade de voar, de querer ir pra onde for, ser livre, pulsar nas cores da vida, todas as cores, não viver apenas em uma cor sólida, fixa e dançar. Dançar a vida, dançar as coisas, dançar tudo (Evandro Oliveira).*

Evandro consegue perceber nas experiências do PIBID o contraste entre experiência autoformativa, heteroformativa e ecoformativa. Para termos mais claro isso, fizemos uma pergunta chave a todos os sujeitos que participaram da pesquisa: Quais as experiências vividas no PIBID que mais influenciaram na sua atuação profissional e no que você se tornou hoje? As respostas vieram carregadas de boas memórias.

*Eu acho que todas as experiências estão ligadas umas com outras, elas sempre culminam num objetivo que é nos tornar professor. Mas dentre as experiências que foram vividas durante o PIBID eu posso citar por exemplo as interações de grupo que eu achei sensacionais, por que a gente acabava discutindo, tem o grupo grande de todos os alunos, mas eu acho que os grupos pequenos que iam pra as escolas, aqueles que formavam as salas, as trocas de experiências que a gente juntava pra discutir quais os melhores caminhos e objetivos para nossas aulas junto com o professor, foi uma experiência muito significativa por que a gente acabava vendo o que o outro tinha pra oferecer. As leituras, assim, eu acho que é o que nos tornou diferente dos outros, porque a gente lia muito, conversava muito sobre os autores e isso me ajudou muito hoje por exemplo, porque quando eu olho para os outros colegas de profissão eu percebo que eles não tem domínio de leituras básicas, e aí eu fico pensando como é que a gente não conhece nem o referencial básico e o PIBID nos proporcionou isso, conhecer além do referencial básico da Educação Física, alguns referenciais que são de autores da educação e isso nos proporcionou estar à frente dos outros.*

*Basicamente essas três experiências: a vivência do grupo; as leituras; e essa responsabilidade de ser líder; e também eu acho que o contato muito forte com os professores que coordenavam, para que a gente pudesse entender melhor e essa segurança que eles nos dava. Tudo isso culminou para eu me entender enquanto profissional, professor, sendo tudo muito significativo (Relatos de Evandro Oliveira).*

Evandro enfatiza três elementos que estão vivos na sua memória e foram cruciais para o seu desenvolvimento pessoal e profissional. Percebemos que o contato com as pessoas do grupo (colegas e coordenadores), com a realidade da escola (professores e alunos) e a oportunidade de crescimento no programa são fatos significativos que ainda são sentidos e perduram no seu momento atual. O PIBID, levando em consideração a forma como foi conduzido, cumpriu com êxito o seu papel e foi além dele, como os resultados desse estudo vem apontando.

Há um estalo percebido por Evandro ao tecer sua narrativa. Ele viu em Tia Maria a principal influenciadora para seguir a carreira docente. Ele percebe isso quando sua professora de segunda série tinha algo em comum, o desejo de ajudar demais passarinhos a alçar voo e a enxergar esse voo com outros olhos. Evandro, assim como Tia Maria, queriam ajudar demais pessoas a saírem do ninho, aceitarem-se a si mesmo e a voar com próprias asas. Nas falas podem perceber isso de forma mais clara:

*[...] Foi ai que descobri, da primeira vez que eu fui pra uma sala de aula que era aquilo que queria, porque era importante formar as pessoas [...].*

*E ai foi a partir daquele momento que eu disse que era isso que eu quero, é formar pessoas, fazer com que as pessoas entendam que para além daquilo que elas vejam existe o outro, e eu acho que essa formação do eu com o outro, de conhecer essas pessoas, de conhecer todo mundo é o que é muito interessante (Relatos de Evandro Oliveira).*

Ele se percebeu professor na medida em que pode resgatar suas memórias de infância junto com Tia Maria, advindo daí sua inspiração. Acreditamos que “a arte de evocar, narrar e de atribuir sentido às experiências como uma estranheza de si permite ao sujeito interpretar suas recordações em suas dimensões” (SOUZA, 2006a, p.62). Afirmamos, pois, que é nesta estreita relação entre passado, presente e futuro, e no contato com memórias resgatadas que se constituem os conhecimentos que constitui o percurso autoformativo de cada sujeito. Para Evandro, as experiências no PIBID, proporcionadas pelo desígnio de responsabilidades a ele delegadas e pela forma como foram conduzidas, contribuíram para a construção de sua personalidade e para mudar o modo como enxergava a sua profissão. Estando a frente de algumas atividades do grupo, sendo mediador e articulador do grupo, essas atitudes acabam por refletir os sentidos da sua autopoieses. Em suas palavras:

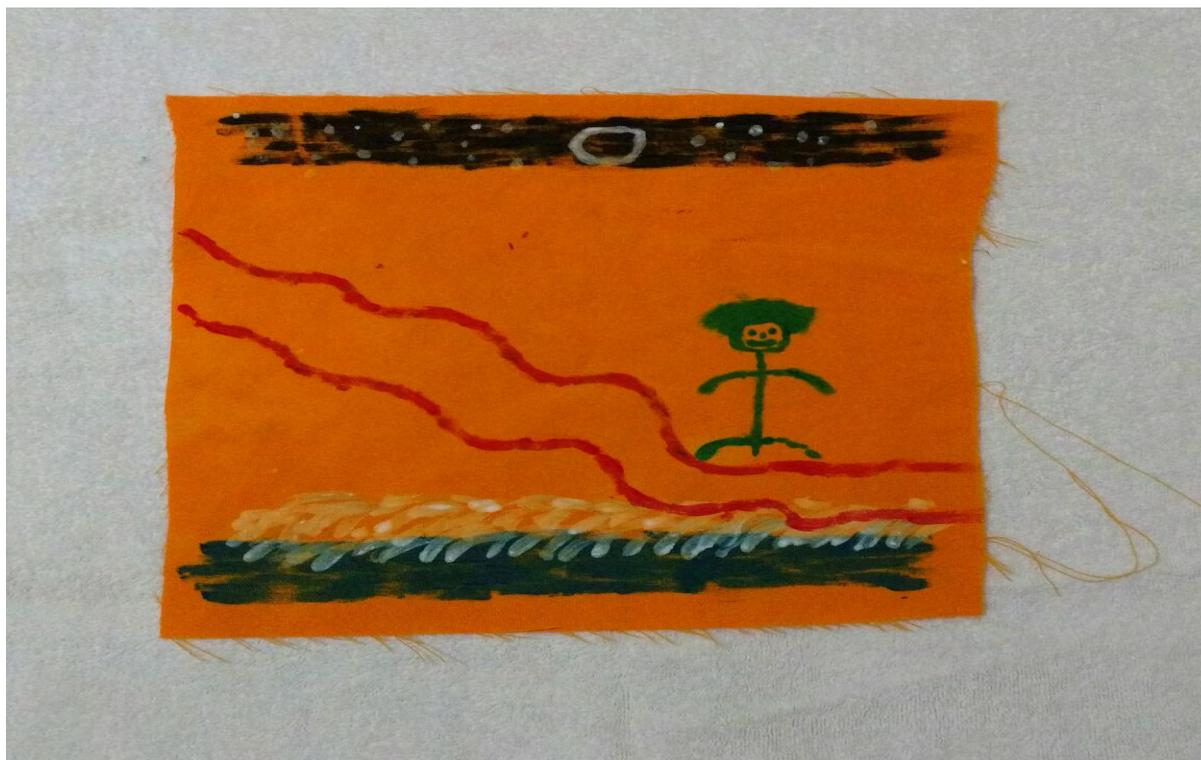
*E no que se refere mesmo a mim como Evandro, eu acho que as responsabilidades que eu tive dentro do PIBID em assumir algumas coisas, invocou meu espírito de liderança. Eu sempre fui muito líder desde de pequeno. Então na escola eu sempre tomava a posição de liderança, eu acho que essa posição que eu assumi dentro do PIBID de liderança foi essencial [...] mas que isso, fortaleceu muito meu espírito de liderança pra poder liderar tudo e enrolar aquilo para que eu pudesse me formar quem eu sou hoje (Relato de Evandro Oliveira).*

Pode-se dizer que essa experiência configura uma maneira de se perceber, de reacender aprendizados anteriores e transformá-los numa escolha, numa marca própria. Essa postura de estar à frente de um grupo fez-se perceber dotado de potencialidades e foi fundamental para a aceitação de si. Quando lembra dessa vivência no programa e da sua atividade de liderar atribui a ela a maneira como se vê hoje enquanto professor reflexivo e mediador de futuras aprendizagens. É fato que “desfiar tênues fios de lembranças, rever temas, cenas e tramas a

serem capturados e trazidos a luz, identificando e elaborando sentidos e significados do que passou e do que se passa em cada um de nós por meio de experiências vividas” (OSTETTO E ROSITO, 2008 p. 273) são cruciais para o nosso entendimento enquanto seres complexos em constante processo de reconstrução autoformativa.

## 4.9 Reflexos e Reflexões

**Imagem XVIII** – Reflexos e reflexões



**Fonte:** Dias, 2016.

Reflexões, religações, medos, sofrimentos, sonhos, entusiasmo, tudo isso representa momentos de uma vida, cujos sabores podem ser os mais diversos. No dia do reencontro procuramos fazer com que diferentes sentimentos fossem despertados para que os sujeitos pudessem religar fatos da infância para a vida adulta, estabelecer conexões que evidenciassem um maior autoconhecimento e contribuíssem para tecer a sua trajetória. A luz de numerosas lembranças e memórias afetivas de muitos momentos da vida pessoal e acadêmica, estes foram invadidos de cores e o que resultou nas pinturas, poemas e relatos de vida que apresentamos nas diversas linhas desse estudo. Para Anderson: *“Até hoje o PIBID influencia em minha prática por eu ter vivido experiências de cunho, tanto teórico como prático durante todo o período em que fui pibidiano.”*

Ele acredita que após alguns anos de PIBID, as práticas que viveu ainda estão vivas e refletem na sua forma de atuação. Conforme foi relatado por ele, algumas pessoas e situações foram fundamentais para que pudesse escolher a sua graduação. No momento em que optou

pelo curso de Educação Física lembrou-se de sua primeira professora e de seu professor de Matemática do Ensino Médio. Dois amigos de infância, que já faziam o curso, o incentivaram também nessa trajetória. Sempre gostou de cultivar relações de amizade o que o ajudava a superar todas as dificuldades que se apresentavam.

Sentimos sua obra como um reflexo do seu momento ali e dos seus sentimentos noturnos.

*Aqui é a praia à noite e eu adoro a praia a noite. Tentei fazer o mar. E aqui representa assim, que eu acho que foi logo nesse local que eu parei pra refletir os melhores e piores momentos da minha vida. Em Macau que eu vivenciei, mais de forma negativa, mas foi aqui que eu parei pra refletir os melhores e piores momentos da minha vida (Anderson Dias).*

Na vez de nos apresentar sua obra, Anderson nos trouxe a natureza e a presença humana, sendo que por meio desta primeira pudesse ocorrer um contato maior e mais invadido do íntimo do ser com algumas reflexões que necessitamos estabelecer cotidianamente. Pintou o que seria uma praia ao luar e algo que pudesse representar umas linhas que podem ser pensadas como os caminhos da vida cheio de percalços que temos que percorrer. Em meio a essa cena Anderson se apresenta a refletir sobre o vivido e a redirecionar-se para o futuro em que projeta sonhos e analisa os deslizos do passado. Essa reflexão nos fez lembrar de um trecho da obra de Freire (2003) em que se pretende pensar sua vida e sua práxis. Para ele:

Quando hoje, tomando distância de momentos por mim vividos ontem, os rememoro, deve ser, tanto quanto possível, em descrevendo a trama, fiel ao que ocorreu, mas, de outro lado, fiel ao momento em que reconheço e descrevo, o momento antes vivido. Os “olhos” com que “revejo” já não são os “olhos” com que “vi”. Ninguém fala do que passou a não ser na e da perspectiva do que passa. O que não me parece válido é pretender que o que passou de certa maneira devesse ter passado como possivelmente, nas condições diferentes de hoje, passaria. Afinal o passado se compreende, não se muda (p. 19).

Tomado por reflexões constantes alguns pensamentos e ideias escutados durante o reencontro leva-nos a pensar autoformação, heteroformação e ecoformação como uma tríade unida pela caminhada existencial. Assim, Anderson é enfático ao afirmar que nas suas relações com os outros, desde os seus amigos de sua cidade natal até os que construiu na universidade tiveram reflexos positivos em suas escolhas. As experiências soam de diversas formas e são constantes ainda nas ações desenvolvidas hoje enquanto professor o que torna a sua prática cada vez mais dinâmica e acaba exigindo reflexões diretas para o seu melhor desenvolvimento e pensando nos seus reflexos enquanto aluno e agora enquanto professor. Para ele:

*Sem dúvida, as maiores experiências vividas foram, o contato com a sala de aula (médio) o período em passei com aqueles alunos (que até renderam um trabalho) foram incríveis. Até hoje uso como exemplo bem como meu TCC, (que foi inspirado na*

*mesma experiência) outra coisa foi a carga teórica que tivemos a cada encontro, com a troca de experiências tanto nas leituras semanais como nas vividas cada um em sua escola. Saí do PIBID mas ele não saiu de mim. Na escola onde sou concursado tem vários pibidianos (do IFRN) e vejo o quanto são “diferenciados (Relato de Anderson Dias).*

Quando se reconhece como agente formador e se forma reflexivamente, por meio, dessa vez, das interações entre aluno e professor, estando agora no papel de professor, acontece com ele um processo de afetação para com o outro, feito através da escuta autoformativa.

Para Anderson, o PIBID ainda vive nele, mesmo agora sendo professor efetivo em cidade do Rio Grande do Norte, hoje estar do outro lado da moeda, sendo professor e tendo o contato com vários alunos bolsistas do IFRN da mesma cidade o que é algo encantador, viver os dois lados e poder enxergar-se enquanto sujeito produtor e disseminador de conhecimento nas duas situações da vida. Há um momento que Anderson relata que foi uma experiência desenvolvida com os alunos do Ensino Médio da escola de atuação do PIBID que sua prática e desejo de ser professor, foi reafirmada.

*Teve um momento destaque no PIBID, que foi quando realizamos uma intervenção no Edilma, junto a turma de segundo ano do Ensino Médio. Foi um ano todo elaborando planejamentos, procurando os melhores meios para desenvolver as aulas, tudo com o objetivo de ressignificar o olhar que os alunos tinham sobre a Educação Física. E no final do ano desenvolvemos uns jogos que foi a culminância do ano letivo. [...] Eu considero esse momento um pico de reafirmação do querer ser professor. Foi a partir dali que eu me vi formando alunos e acendeu ainda mais o desejo de mudar realidades (Relato de Anderson Dias).*

Anderson reconecta a experiência maior em que viveu e faz dela o seu aporte para justificar e reafirmar estar no caminho certo. Desde a inspiração dos seus professores da Educação Básica até o PIBID, as suas reflexões sempre esbarram na atitude de se reafirmar na prática e de fazer-se professor a cada novo desafio. Ele ainda destaca a influência das leituras, dos encontros, das amizades construídas com alunos do Ensino Médio, o que foi algo que lhe rendeu o seu trabalho de conclusão de curso da graduação.

Ao analisarmos de forma geral as pinturas, podemos notar que além dos sujeitos quererem nos repassar uma mensagem, as pinturas enfatizam os sentimentos do momento vivido e resgatam memórias adormecidas. As cores são evidenciadas de acordo com o objetivo da imagem. Se acompanha muitas cores podemos nos remeter a sentimentos diversos depositados na imagem, já as que apresentam poucas cores podem evidenciar um momento bem mais reflexivo para o contexto. Tais pinturas são carregadas de arquétipos sendo estes símbolos que determinam o que sentimos quando os vemos ouvimos ou percebemos, não importa se de forma consciente ou inconsciente, podendo vir na forma de sons, gestos, imagens, situações,

odores, personalidades, toques, comportamentos. Esses têm como principal função levar o sujeito a sentir emoções de uma forma ou de outra (COUTO, 2004).

O seu resultado depende na maioria das vezes do sentido que o ser humano emprega àquelas imagens, da mesma forma como aconteceu nas pinturas analisadas, onde os sujeitos sentiram durante todo o reencontro emoções diversas que o fizeram resgatar memórias perdidas e ressignificar esse fato, materializando os sentimentos, frustrações, realizações, buscas, medos, memórias, através da sua pintura nos retalhos. Isso serviu para enaltecer a ideia de que formar a partir do vivido vem a ser uma experiência de significado que contribui decisivamente para a formação do sujeito e constitui os caminhos autoformativos deste.

A seguir teremos uma imagem representativa da colcha de retalhos formada pelas pinturas nos retalhos feitas por cada um sujeito da pesquisa.

**Imagem XIX** – Colcha de Retalhos



**Fonte:** Silva, 2016.

Os retalhos unidos compuseram a nossa colcha, assim como cada narrativa de vida contribuiu para se pensar a autoformação, entrelaçadas a ecoformação e a heteroformação. Desse modo, nossa colcha foi composta por saberes, conhecimentos, histórias e experiências vividas em um contexto denso e rico de resgate formativos.

# 5. ● O AFETO FINAL

Palavra é a nudez da alma e a volúpia do corpo.

Não há como escrever sem se despir.

Deve-se rasgar leis, cabeças, vestimentas.

*(Lucas)*

Todo fim pressupõe um novo começo. É aquela velha história de saber fechar a porta e só levar dali as experiências de aprendizado. E não são só as experiências boas ou ruins, é colocar na bagagem tudo que foi vivido, conhecido, degustado e provado com a intensidade necessária para transformar-se em crescimento e poder contribuir nas decisões futuras. Ainda bem que temos a oportunidade de escolher, porém, uma vez envolvido no momento por vontade ou não, é ali que estão sendo tecidas nossas histórias, nossas afetações, nossos sabores. Estamos com isso refletindo, religando, reconectando, fatos, ações, momentos que contribuíram à formação daquilo que somos. É uma arte constante de auto fazer-se diariamente. Por isso nos despimos quando não deixamos essas histórias serem esquecidas.

A isso é dado o nome de autoformação. Ela que é um processo que envolve relações contínuas, inacabadas, inexatas. Ocorre enquanto crescemos e evoluímos enquanto sujeitos criadores da nossa própria existência e que não depende do doce ou do amargo do momento, mas, do aprendizado e da experiência por ele despertado.

Não há como dizer que somos o mesmo ao passar por determinada experiência, mesmo que isso seja perceptível apenas um tempo depois. Isso acontece porque só tomamos conhecimento de nossa evolução quando paramos para nos estudar e refletir sobre os momentos que foram importantes, que serão sempre lembrados como referência e que, de algum modo, nos constituíram e nos constituem. O sentido empregado a cada um deles vai de acordo com a forma como enxergamos a importância das pessoas, coisas e acontecimentos que passam por nossas vidas. Assim, a formação do ser humano ocorre na medida em que nos damos conta de que os saberes do dia a dia, da nossa relação com a família, amigos, professores, alunos, que vão muito além dos saberes técnicos adquiridos na Universidade, permiti-nos um autoconhecimento que nos ajuda a fazer escolhas e a entender a complexidade do universo.

É um pensar fora da caixa, além das gaiolas das disciplinas, é enxergar primeiro de tudo o ser humano dotado de toda sua historicidade. Acreditamos que é nessas veredas que a educação deve caminhar. Levar em conta a premissa de que somos humanos, complexos por natureza, dotados de singularidades, contradições, energias, saberes, povoados de amor e ódio, loucura e sensatez, poesia e ciência, em um mesmo ser. É com isto que vamos caminhar para uma educação que ensine a enxergar a vida além da forma e não para a simples educação que (de)forma.

O PIBID plantou sementes, cresceu e criou raízes. Em um primeiro momento se propõe a aproximar a Universidade da escola e a levar o estudante de licenciatura aos primeiros saberes da experiência ao inseri-lo junto ao professor no meio educacional. Funciona como um ensaio de futura atuação docente, aproximando teoria e prática e contribuindo para a valorização do magistério conforme os objetivos propostos pela CAPES. De uma visão geral,

propõe a formação de futuros docentes comprometidos com sua prática de modo a transformar a realidade em que atua.

O PIBID de Educação Física, além de todos esses objetivos elencados pela CAPES, trouxe também uma proposta de formação humana, acreditando que não deve haver dissociação entre vida e formação. Propôs-se a pensar além da caixa. Com sua ideia de formação de professores embasada no conceito do “para além do fazer”, encarregou-se primeiro de despertar uma consciência crítica nos alunos, através de leituras críticas da realidade, dos encontros teóricos, as discussões de situações desenvolvidas nas escolas, o desenvolvimento de ações previamente planejadas, os encontros individuais, o reinventar-se em meio as dificuldades, a superação de limites, entre outras. Desse modo, apresentou uma nova maneira de pensar a formação a partir de novas luminosidades.

Ao estabelecer como critério o desenvolvimento de professores cada vez mais comprometidos com a sua prática, o PIBID delinea-se como campo autoformativo na medida em que enxerga o aluno enquanto ser em construção que a partir da reflexão de sua trajetória se autoproduz e se reinventa. Ao proporcionar o resgate de suas raízes quando foi solicitado ao grupo a escrita de suas histórias de vida, a coordenadora queria, na verdade, fazer com que o sujeito se percebesse enquanto ser que se constrói a partir de momentos e que esses tendem a justificar as suas escolhas no futuro, pois as experiências construídas tendem a ser palco de acontecimentos referências para a formação.

Uma ocasião que durante o programa foi um estalo para nos percebermos enquanto seres que estávamos em constante evolução foi o encontro individual com cada pibidiano proposto pela coordenação. Nele confessávamos angustias, perspectivas, dificuldades e refletíamos sobre o que já havia se passado ali. Interessante notar que foi a partir desse dia que os ‘pibidianos’ sentiram-se mais determinados, com desejos mais pulsantes, pois perceberam estarem também contribuindo para evolução do programa e sua conseqüente formação. A recíproca aqui era verdadeira.

O PIBID em nenhum momento desconsiderou o ser humano que se fazia professor. Talvez seja por isso que foi conduzido, pela coordenação, professores e alunos, de maneira a proporcionar muitos ganhos pessoais e profissionais. A ideia de formação enxergava antes de tudo o ser que se forma, como este se constrói e de onde vem. Isso foi fundamental para se pensar uma educação para a vida. O maior objetivo tornou-se então contribuir para a formação de pessoas cada vez mais conscientes de sua força de atuação e que viriam um dia também a formar pessoas. Esse se mostrou, por meio dessa pesquisa, como um programa formativo em que articulou às experiências de vidas que produziram os sujeitos à sua trajetória profissional desencadeada. Isso pode ser percebido nos diversos relatos das narrativas de vida dos sujeitos

dessa pesquisa e suas conexões com memórias e fatos acontecidos no passado que contribuíram para sua formação.

Revisitando as mais diversas memórias dos sujeitos pesquisados e, conseqüentemente, a minha, poderíamos nos perguntar aqui: Quais os caminhos que nos fizeram? O que nos constitui? Essas respostas são dadas quando começamos a pensar sobre a formação e dela tecer reflexões junto a cada experiência escrita, narrada e vivenciada na vida, concorrendo para o desenrolar de quem somos hoje.

Para os sujeitos, com a entrada no curso veio a aceitação do PIBID. Quando perceberam que poderia contribuir para o andamento do programa com ideias, forma de pensar e com os conhecimentos já adquiridos foi aí que o programa foi ganhando sentido. O pulsar de um programa que faziam ser notadas as nossas subjetividades e que despertava o desejo de buscar, de conhecer, de pesquisar, de planejar, de ser um professor inteiro. É importante notar como isso acabou por refletir na prática pedagógica em sala de aula. Hoje, a maioria atuando como professores da Educação Básica, destaca-se em inúmeras falas como o PIBID com todas as suas ações de formação profissional e a escola em toda sua dinamicidade e que apesar dos entraves, buscam sempre uma saída para transformação. Além desses princípios formadores para a prática docente, é perceptível que foi a partir da inserção no programa do curso de Educação Física, que algumas limitações foram superadas. Do medo de entrar em sala de aula a dificuldade de falar em público, o desenvolvimento de valores como autoestima, capacidade de leitura crítica, desejo de continuar os estudos. O programa funcionou para muitos dos sujeitos como mola que impulsionou para um voo cada vez mais alto. Hoje, a maioria dos sujeitos pesquisados reconhece no PIBID um elemento em que proporcionou pensar sobre nós numa perspectiva humana e refletir sobre todo o contexto formativo.

Em um ano e meio de implantação do subprojeto de Educação Física grandes avanços puderam ser percebidos, tanto para os bolsistas num contexto geral, quanto para as escolas parceiras e professores supervisores. Houve, portanto, uma troca de experiências vasta entre alunos bolsistas, professores supervisores, escola, alunos das escolas e universidade.

As contribuições que o PIBID ofereceu caminham desde o conhecimento da realidade escolar até a participação efetiva nas discussões da/na escola. Os sujeitos desse processo tiveram em sua formação inicial e continuada um emaranhado de experiências dentro e fora do contexto escolar, conseqüentemente, atuarem na resolução de problemas em ambientes diversos em realidades complexas.

É importante ressaltar que o programa contribuiu efetivamente na formação e aperfeiçoamento profissional como também na formação humana. Os alunos e professores compartilharam experiências, discutiram textos, mostraram suas opiniões, apresentaram trabalhos e principalmente inseriram-se em processo conjunto com a escola e a universidade.

Os bolsistas também participaram de forma significativa, junto ao professor coordenador na elaboração dos planejamentos, de projetos extra e interescolares. Assim o PIBID contribuiu para a formação de uma identidade profissional nos alunos e (re)significação dos professores supervisores, desenvolvendo competências profissionais e pessoais.

Tais questões podem ser discutidas a partir de análises mais específicas como a fala, postura em debates e discussões de livros, artigos, textos, entre outros. Também foram percebidas mudanças na maneira como escrevem o conhecimento científico adquirido.

Com relação à postura frente aos debates, podemos dizer que esse aspecto foi bastante motivador, pois se observou que quando o projeto começou os bolsistas retraíam-se com relação ao público e apenas uma pequena porcentagem dos quinze alunos participavam das discussões, porém, ao final deste processo, observamos que a desenvoltura dos bolsistas teve aumento significativo após a participação em vários eventos, apresentando trabalhos, proferindo minicursos e oficinas no Estado do Rio Grande do Norte, permitindo-os uma melhor articulação da teoria/prática com a realidade.

A escrita dos participantes do projeto ficou cada vez mais refinada à medida que enviavam trabalhos para eventos. O incentivo por parte do programa para estes publicarem permitiu que colocassem no papel um conteúdo cada vez mais elaborado. A cada artigo, resumo, resenha ou pôster publicado, os bolsistas acrescentavam não somente pontos em seus currículos, mas também a experiência da escrita sempre necessária na carreira docente e a partilha de experiências essencial para o desenvolvimento profissional.

Os resultados obtidos durante a execução do subprojeto “Educação Física: desenvolvendo competências no Ensino Médio para Além do Fazer”, são inúmeros e renderiam outros ensaios e estudos em diversas perspectivas. Entendemos que a proposta elaborada pelo subprojeto foi efetivada, trilhando caminhos que ultrapassam o fazer pelo fazer, caminhos permeados por reflexões, resoluções e problematizações do universo escolar. Atuando na formação de professores, transformamos ações na práxis docente.

Os planejamentos realizados, as discussões de caráter teórico, o dia a dia da sala de aula, o cotidiano escolar, o contato com os alunos, o enxergar de novas perspectivas, a vontade de ir mais além e de intervir em um cenário negligenciado, marcado pelas relações de poderes e as desigualdades, na maioria das vezes presentes, foram abrindo espaço para inquietações e motivações.

O PIBID veio e foi além. Além daquilo que se propôs. Foi desenvolvido em uma perspectiva humanizada de formação e trabalhou para superar os limites e aumentar as potencialidades e concorreu decisivamente para a formação integral dos envolvidos.

Foi no envolvimento entre todo o grupo que pudemos modificar o pensamento que tinha da profissão em conjunto com o pensamento de vida. Minha reconstrução profissional vem sendo constante, pois considero importante refletir sobre todo esse processo de docência em que eu espelho nas experiências do PIBID, a fim de sempre poder me reinventar diante das dificuldades. Interessante notar não só os caminhos que me fizeram, mas todas as pessoas, relações e meios que possuem significado no delinear do meu percurso autoformativo.

O PIBID acendeu luzes e clareou os caminhos. Seria, portanto, uma atitude irreparável se essas luzes fossem apagadas. Essa é uma ameaça constante a partir das situações deveras ameaçadoras que vem sofrendo o programa, no contexto de “corte de gastos” do Governo Federal e investimento em pesquisa científica, onde tem passado por constantes intimidações a respeito do seu andamento. O seu futuro parece incerto. Mas devemos nos perguntar: Como pode um programa que se mostra com um grau de relevância grandioso na formação inicial de futuros docentes ser esquecido/arquivado nas gavetas do Congresso? Não é essa uma ação inteligente para uma pátria que se diz educadora. Este estudo só veio nos trazer mais uma prova de como o PIBID é fundamental no fazer-se e refazer-se de professores (alunos e supervisores). É essencial que se acendam mais luzes para poder iluminar cada vez mais a formação, assim como fez e faz o programa nas suas ações formativas contribuindo de forma decisiva para a formação de professores em geral, e no caso do PIBID de Educação Física, engajados com sua prática e seus caminhos, rumo a transformação de realidades. Acendam-se mais luzes!

Abrem-se caminhos para se pensar em formação mais voltada para o ser humano e que nela possa ser desenvolvidas práticas autoformativas que sejam significativas para o ser que está constantemente se refazendo. Assim como, a formação docente precisa enxergar o sujeito enquanto pessoa antes de tudo, é necessário que os programas de formação encorajem o aluno e o docente a resgatar suas experiências e saberes adquiridos no cotidiano para que a formação se torne ainda mais significativa e cada vez mais a teia de ressignificações vá aumentando. É nesse sentido, que se deixa brechas para a construção de novas pesquisas que abordem questões subjetivas à formação e que traga para a docência novas luminosidades, fazendo isso estaremos contribuindo para a construção de professores que pensam cada vez mais de forma ampla e complexa e que pensem a educação a partir de uma perspectiva planetária.

## REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memoriais de formação: a(re)significação das imagens-lembranças/recordações-referências para a pedagoga em formação. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 165-172, 2011.

ALENCAR, Francisco Alves. **Ser: Humano**. Pau dos Ferros/RN, janeiro de 2016.

ALENCAR, Francisco Alves. **Nós, plural**. Pau dos Ferros/RN, janeiro de 2016.

ARROYO, Miguel González. Uma celebração da colheita. *In*: TEIXEIRA, J. A. C.; LOPES, J. S. M. **A escola vai ao cinema**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BATALLOSO, Juan Miguel. Educação e Condição Humana. *In*: MORAES, M. C. ALMEIDA, M. C. (org.) **Os sete saberes necessários à Educação do presente: por uma educação transformadora**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física/Secretaria de Ensino Fundamental (3º e 4º Ciclos). Brasília: MEC/SEF, 1998.

BENJAMIN, Walter. **O Narrador**. *In*: Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BRANDÃO, Vera Maria Antonieta T. **Labirintos da memória: quem sou?** São Paulo: Paulus, 2008.

COSTA, Francisco Adiciano. **Momentos**. Pau dos Ferros/RN, janeiro de 2016.

COSTA, Francisco Adiciano. **Retratos da Infância**. Pau dos Ferros/RN, janeiro de 2016.

COUTO, Hélio. **Marketing de Arquétipos**. Editora Hélio Couto Ltda. Santo André – SP – 2004 – 1.edição

CYRULNIK, Boris. **Autobiografia de um espantalho – histórias de resiliência: o retorno à vida**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

D'AMBROSIO, Ubiratan. A transdisciplinaridade como uma resposta à sustentabilidade. **Revista Terceiro incluído**. v1, n.1, jan./jun, 2011, p.1–13

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **O Dom da História: Uma fábula sobre o que é suficiente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 37ª. ed., 2008

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina**: reflexões sobre minha vida e minha práxis. 2 ed. rev. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 23<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FLORENCIO, Fernando. **Encontros – PIBID**. Pau dos Ferros/RN, janeiro de 2016.

FLORENCIO, Fernando. **Dos sonhos**. Pau dos Ferros/RN, janeiro de 2016.

FRANÇA, Solange. **A arte de viver**. Pau dos Ferros/RN, janeiro de 2016.

FRANÇA, Solange. **Elos**. Pau dos Ferros/RN, janeiro de 2016.

FREITAS, Francisco Anderson Dias. **Oportunidades**. Pau dos Ferros/RN, janeiro de 2016.

FREITAS, Francisco Anderson Dias. **Reflexos e reflexões**. Pau dos Ferros/RN, janeiro de 2016.

FREITAS, José Henrique Silva Freitas. **Momentos**. Pau dos Ferros/RN, janeiro de 2016.

FREITAS, José Henrique Silva Freitas. **Eu com os outros**. Pau dos Ferros/RN, janeiro de 2016.

GALVANI, Pascal. A Autoformação, uma Perspectiva Transpessoal, Transdisciplinar e Transcultural. *In: Educação e Transdisciplinaridade*. II – CETRANS. São Paulo: TRIOM, 2002.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação**. Trad. José Claudino e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

KANAAN, Dany Al-Behy. **Escuta e subjetivação**: a escritura de pertencimento de Clarice Lispector. São Paulo: Casa do Psicólogo; EDUC, 2002.

KRISHINAMURTI. Jiddu. **A Educação e o significado da Vida**. 11 ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

MARIOTTI, Humberto. **Os cinco saberes do pensamento complexo**. Conferências Internacionais de Epistemologia e Filosofia. Instituto Piaget, Campus Acadêmico de Viseu, Portugal, 2002.

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano**. Campinas, SP: Psy II, 1995.

MORAES, Maria Cândida. VALENTE, José Armando. **Como pesquisar em educação a**

**partir da complexidade e da transdisciplinaridade.** São Paulo: Paulus, 2008.

MORAES, Maria Cândida. TORRE, Saturnino de La. **Pesquisando o pensamento complexo: elementos para uma metodologia de desenvolvimento eco-sistêmico.** Revista Educação. Porto Alegre. Nº 58, 2006. pp. 145-172

MORAES, Maria Cândida. **Educar na biologia do amor e da solidariedade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MORIN, Edgar. **Cultura de massa no século XX: neurose.** Trad. Maura Ribeiro Sardinha. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. – 2. ed. – São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

MORIN, Edgar. **O método V: a humanidade da humanidade.** Porto Alegre: Sulina, 2002.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** Trad. Eloá Jacobina. 8ª ed. -Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência.** Tradução de Maria 8ª ed. D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. - Ed. revista e modificada pelo autor - 8ª ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. 350p.

MORIN, Edgar. **O método VI: Ética.** Porto Alegre: Sulina, 2007.

MORIN, Edgar. **Meu Caminho.** Entrevistas com Djénane Kareh Tager. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2010.

MORIN, Edgar. **Ensinar a Viver: manifesto para mudar a educação.** Porto Alegre: Sulina, 2015.

MORIN, Edgar. ROGER, Emílio Ciurana. MOTTA Raúl. **Educar na era Planetária.** São Paulo: 2ª ed. Cortez. Brasília-DF: UNESCO, 2007.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da . **Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty. Estudos de Psicologia.** 2008.

NÓVOA, António. (coord.). **Os Professores e sua Formação.** 2 ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

NÓVOA, António. **Vidas de professores.** Portugal: Porto Editora, 1992.

OLIVEIRA, Evandro Nogueira. **Meu corpo.** Pau dos Ferros/RN, janeiro de 2016.

OLIVEIRA, Evandro Nogueira. **O ser livre**. Pau dos Ferros/RN, janeiro de 2016.

OSTETTO, LE. ROSITO, MM Berkenbrock. Histórias tecidas na roda de dança. *In*. PASSEGGI, M. C. SOUZA, E. C. **(Auto)biografia: formação, territórios e saberes**. – Natal, RN: EDUFRN: São Paulo: Paulus, 2008.

PEREIRA, Otto José. **Verdades**. Pau dos Ferros/RN, janeiro de 2016.

PEREIRA, Otto José. **O conjunto**. Pau dos Ferros/RN, janeiro de 2016.

PERRENOUD, Philippe. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas**, Lisboa, Dom Quixote, 1993.

PESSOA, Kaline Ligia Estevam Carvalho. **Laços**. Pau dos Ferros/RN, janeiro de 2016.

PESSOA, Kaline Ligia Estevam Carvalho. **Outro olhar**. Pau dos Ferros/RN, janeiro de 2016.

PINEAU, Gaston. Experiências de aprendizagem e histórias de vida. *In*: Philippe Carré; Pierre Gaspar. **Tratado das ciências e das técnicas de formação**. Trad. Pedro Seixas. Lisboa: Instituto Piaget. (Coleção Horizontes Pedagógicos). 1999, pp. 327-348.

PINEAU, Gaston. **A autoformação no decurso da vida**. *In*: [www.cetrans.com.br/textos/a-autoformação-no-decurso-da-vida.pdf](http://www.cetrans.com.br/textos/a-autoformacao-no-decurso-da-vida.pdf) Acesso em 04 de outubro de 2015.

PINEAU, Gaston GALVANI, Pascal. Experiência de vida e formação docente: Religando os saberes. *In*: MORAES, M. C. ALMEIDA, M. C. (org.) **Os sete saberes necessários à Educação do presente: por uma educação transformadora**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

PINEAU, Gaston. LE GRAND. **As histórias de vida**. Tradução: Eduardo Galvão Braga e Maria da Conceição Passegi – Natal, RN: EDUFRN, 2012.

RICOEUR, Paul. **Memória, história e esquecimento**. Buenos Aires: Fondo de cultura económica de Argentina, 2007.

SANTOS, S. G. MORETTI-PIRES, Rodrigo Otávio. **Métodos e técnicas de pesquisa qualitativa aplicada à Educação Física** – 1 ed. – Florianópolis: Tribo da ilha, 2012.

SOUZA, Elizeu Clementino. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. **Revista Educação em Questão**, Natal, v.25, n. 11, p. 22 – 39, jan./abr., 2006a.

SOUZA, Elizeu Clementino. **Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino.** Porto Alegre: EDIPUCRS: EDUNEB, 2006b.

SOUZA, Míria Helen Ferreira de. **Literatura e formação humana: nas entrelinhas das obras infantis de Clarice Lispector.** Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Programa de Pós-Graduação em Educação. Mossoró, RN, 2014

SPONVILLE, André Comte. **A vida humana.** São Paulo – WMF Martins Fontes, 2007.

TEXEIRA, Francisca dos Santos. **Narrativas de autoformação docente: desvelando modos de ser e de fazer-se professor.** Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Federal do Piauí (UFPI), 2011. 147f

# *Fecendo Linhas e Afetos:*

O PIBID DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA UERN COMO  
CAMINHO AUTOFORMATIVO



**A** obra espelha questões fulcrais relacionadas à crítica aos paradigmas racionalistas e mecanicistas que fundamentam a ciência e o fazer docente, e centra-se na proeminência da educação como processo de formação e autoformação, na relevância do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência — PIBID enquanto política pública voltada para a iniciação à docência e a sua contribuição na formação dos licenciandos, bem como nas narrativas de si, enquanto processo de pesquisa, formação e autoformação.

○ livro foi montado como uma colcha de retalhos e cada um dos capítulos recebe um subtítulo que remete às fases desse montar, desde abrir o baú e deparar-se com velhos retalhos, passando pela escolha das cores e tecidos, até chegar na montagem do todo. Os capítulos são denominados de afetos, uma vez que afetar-se é uma das premissas da educação humanizadora que a pesquisadora alude, abrindo as portas e os baús para uma escrita e uma metodologia transdisciplinares que procuram religar o conhecimento à vida e valoriza uma prática pedagógica fundamentada numa razão sensível e integradora do ser humano, capaz de contribuir na formação de sujeitos afetuosos. É um convite a sentir-se parte da pesquisa e a refazer caminhos outrora feitos pelos estudantes de Educação Física.